

Lúcia Antunes Paolinelli
Ana Cristina Trindade

COORD.

Adieu por
Hoje...

Cartas de Lúcia
para
Fernanda de Castro
e
Antônio Ferro



Edições Colibri

Adieu por hoje...

Cartas de Luzia para

Fernanda de Castro e Antonia Ferao



Lúisa Antunes Paolinelli
Ana Cristina Trindade

COORD.

Adeus por Hoje...

CARTAS DE LUZIA PARA
FERNANDA DE CASTRO E
ANTÓNIO FERRO



Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT
– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,
no âmbito do projecto UIDB/00077/2020.

Título: *Adeus por Hoje...*

Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro

Coordenação: Luísa Antunes Paolinelli e Ana Cristina Trindade

Cartas: © Fundação António Quadros

Editor: Fernando de Mão de Ferro

Transcrição e notas: Ana Cristina Trindade, Elaine Prado dos Santos,

Cátia Vieira Pestana, Luísa Antunes Paolinelli, Mafalda Ferro

Fixação do texto: Lúcia Cristina della Torre

Capa: Raquel Gil Ferreira

ISBN 978-989-566-428-3

Depósito legal n.º 534 397/24

Lisboa, julho de 2024

ÍNDICE

Fernanda de Castro, Luzia e... Teresa Leitão de Barros.....	7
Cartas de Luzia para Fernanda de Castro – uma Introdução.....	13
Critérios de Edição	25
Cartas de Luzia para Fernanda de Castro.....	29
Cartas de Luzia para António Ferro	177
Textos de Fernanda de Castro e de Teresa Leitão de Barros incluídos em <i>Dias Que Já Lá Vão</i>	181
Índice de Referência a Lugares.....	185
Índice de Nomes	187

Fernanda de Castro, Luzia e... Teresa Leitão de Barros

PARA ALÉM DO TEMPO E DO ESPAÇO,
PARA ALÉM DA VIDA E DA MORTE

Mafalda Ferro

Fundação António Quadros

Teria Fernanda de Castro (Maria Fernanda) cerca de 20 anos, menos 30 que Luísa Grande (Luzia), quando se conheceram. Não possuindo dados que nos permitam datar com precisão o seu primeiro encontro, apoiamo-nos apenas nos primeiros registos epistolares, de 1928.

Recuando no tempo...

Luísa frequentou, em Lisboa, a mesma instituição de ensino que Branca de Gonta Colaço e, também, que Ana Isaura, Maria José e Maria do Castelo Telles de Castro da Silva, mãe e tias maternas de Fernanda de Castro – o Colégio das Salésias¹ também chamado de Visitação de Santa Maria² – chegando mesmo a visitar as três irmãs em

¹ O convento das religiosas Salésias de invocação da visitação de Nosso Senhor da Ordem das religiosas de S. Francisco de Sales foi criado em Belém, Lisboa, no ano de 1782, por D. Maria I.

² Como referido em todas as cartas de Maria José escritas desde 1886 e enviadas à sua família e também em carta de uma mestra do colégio.

Cacilhas, seu local de residência durante a juventude. Não sabemos se estas cinco colegas (as três irmãs Telles de Castro da Silva, Luísa e Branca³) continuaram a dar-se ao longo da vida. Sabemos apenas que foi devido a essa amizade que Branca de Gonta Colaço contactou e travou amizade com Fernanda de Castro. No entanto, nada nos leva a crer que esses factos estivessem na origem da amizade e cumplicidade literária que unia Luísa e Maria Fernanda, até porque uma geração as separava.

Partilhavam vivências marcantes, traumatizantes – dir-se-ia hoje – como o facto de ambas terem crescido com notória falta de mãe (a mãe de Luísa Grande morre depois do parto e a de Maria Fernanda, quando esta tinha apenas 12 anos) e de pai (o pai de Luísa morre quando esta tinha 9 anos e o da amiga está quase sempre ausente) e partilhavam, sobretudo, o amor pela poesia e pela natureza. Veja-se este excerto de uma carta de Maria Fernanda para Luísa:

Luísa, é quase a hora da saudade...

Nasce a noite da própria claridade
que inda se estende pelos campos fora.

Vamos ambas sonhar... É quase a hora
do silêncio, do mar e das estrelas.

[...]

PS: Minha doce Luzia, a primavera

também está, como eu, à sua espera. M. F.⁴

A maioria das cartas de Luísa para Maria Fernanda revela quase tanto da autora como da destinatária, já que, acreditamos, Luísa só escreve em determinado tom porque sabe que, possuindo ambas a mesma sensibilidade de alma, será entendida pela amiga:

³ Ana Isaura Telles de Castro da Silva [1879/1914], Maria José Telles de Castro da Silva [1874/1971], Maria do Castelo Telles de Castro da Silva [18-/1972], Luísa Grande (Luzia) [1875/1945], Branca de Gonta Colaço [1880-1945].

⁴ Em carta de 27 de Abril de 1928, publicada por José Conde em *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição do Autor, 1990, pp. 67-68.

Pede-me notícias das minhas rosas e do meu coração. As primeiras estão ainda em promessa, quer dizer em botão, espero-as ansiosamente... quanto ao coração, sempre avariado... o de carne bem entendido, o outro embora o acuse de fugidio como a espuma do mar, é inalterável, firme como a rocha...⁵

Tom esse que podemos igualar ao de Maria Fernanda escrevendo sobre Luzia:

[Luzia] Falava das coisas da Natureza, do céu, da cor de um crepúsculo, da chuva a bater nas vidraças, das pétalas molhadas duma violeta...

[...]

Quem há-de agora falar, por exemplo, do mistério das flores por abrir, dos pássaros por nascer, da água de rocha, fina como um diamante, das árvores pesadas de folhas e de neveiro, da penugem cor-de-rosa do amanhecer?⁶

Lendo o comentário de José Conde⁷ sobre as duas almas de Luzia, entendemos que a expressão poderia também aplicar-se a Maria Fernanda, já que esta alberga uma personalidade luminosa, aberta, feliz, corajosa, aglutinadora, virada para fora e, outra, muito diferente, introspectiva, solitária dentro de si mesma, com uma melancolia dificilmente identificada na sua poesia ou mesmo na sua prosa sempre plena de lirismo. Mas, ambas são Fernanda de Castro.

Abrindo ao acaso um dos seus muitos livros, encontrámos o lirismo que partilhava com Luísa, com a Luísa das suas cartas, com a Luísa que sabia olhar e sentir, para além dos factos. Esse livro, *Fontebela*, é dedicado “À Estrela, ao Pássaro, à Flor – e a todos aqueles que, num tempo de máquinas e de almas mecanizadas, tentam desesperadamente viver

⁵ Carta n.º 11, 5 de março de 1938.

⁶ Fernanda de Castro, «Algumas palavras sobre Luzia» in *Dias que Já Lá Vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, pp. 11-12.

⁷ Cf. José Conde, *idem*, p. 60.

os seus símbolos⁸ e, aí, podemos entender a poesia patente na prosa de Fernanda de Castro:

Desde que descobrira aquele portão, terminava ali todos os dias, o seu passeio matinal. Sentava-se na erva, junto às grades, à espera não sabia de quê. Às vezes, parecia-lhe ouvir passos, vozes distantes, mas era o vento nos galhos, eram os coelhos, eram os pássaros, era um fio de água a correr.⁹

E, também:

E foi tudo o que conseguiram dizer nessa noite, e nada mais foi preciso para que tudo estivesse certo, tudo o que estava escrito desde o princípio do mundo.¹⁰

Importa realçar a presença de Teresa Leitão de Barros¹¹ em toda a correspondência que hoje se publica¹². Teresa era, desde os tempos do liceu, uma das maiores amigas de Fernanda de Castro e a quem Luísa escrevia assiduamente e enviava manuscritos. Luísa viria a deixar-lhe o seu espólio literário, confirmando desta forma o grande afecto e respeito intelectual que por ela nutria.

Não tendo conseguido terminar a sua obra *Dias que Já Lá Vão*, Luzia delega em Teresa Leitão de Barros a sua finalização e Teresa, em conjunto com Maria Fernanda, assim o faz. O livro é prefaciado e publicado por ambas um ano depois da sua morte, na colecção «Contemporâneos» dirigida por António Ferro.

⁸ *Fontebela*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007. (Edição original: *Fontebela – Romance*, Lisboa, Edição da Autora, 1973.)

⁹ *Idem*, p. 7.

¹⁰ *Idem*, p. 175.

¹¹ Teresa Emília Marques Leitão de Barros [1898/1983], escritora, professora, tradutora, colaboradora em jornais e revistas.

¹² Acervo da Fundação António Quadros.

Deixo a Teresa Leitão de Barros, residente em Lisboa, a quantia de vinte mil escudos e a propriedade de todos os livros escritos e publicados por mim, a minha maior bandeja de prata e um tinteiro antigo de latão amarelo.¹³

Acedemos recentemente a alguns documentos manuscritos de Luísa enviados a Teresa Leitão de Barros¹⁴ existentes numa colecção particular. Pensamos até que a amizade de Luísa por Teresa era das mais fortes que a escritora sentiu. Seria por isso importante reler a correspondência de Teresa preservada no acervo da Fundação António Quadros¹⁵ para melhor se entender como e quando se conheceram e se a forte amizade de Luísa por Teresa era retribuída de igual forma.

Quando Luísa da vida se libertou, Maria Fernanda tinha 44 anos, viveria ainda outros 50 sem nunca esquecer a amiga que, tal como Branca e Teresa, a incitara a escrever e a quem costumava enviar poesia e manuscritos como o de *Maria da Lua* para saber a sua opinião. São suas estas palavras:

Não, Luísa não morreu. Luísa Grande fez mais uma vez as malas e mais uma vez partiu. Para onde? Para um país secreto, misterioso, que é a pátria das almas, e onde um dia, levada pela mesma corrente impetuosa do tempo, irei procurá-la para matar esta grande, dolorosa saudade, e mais uma vez, com ela, falar da vida, amar a vida, glorificar a vida.¹⁶

Curiosamente, é nas palavras de Teresa Leitão de Barros que lemos sobre a sua dualidade¹⁷:

¹³ Em “Testamento de Luzia (Luísa Grande)”. Arquivo e Biblioteca da Madeira: cota PIS Luísa Grande – 1RFF, cx. 256, n.º 12846.

¹⁴ Infelizmente, ainda não disponíveis para consulta.

¹⁵ Colecção composta por 101 documentos epistolares dos quais 4 se dirigem a António Ferro, 95 a Fernanda de Castro e 2 a António Quadros.

¹⁶ Fernanda de Castro, «Algumas palavras sobre Luzia», op. cit., p. 12.

¹⁷ Teresa Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal*, vol. II, Lisboa, Tipografia de António O. Artur, 1927, p. 320.

Em Luzia, é impossível separar a personalidade literária da personalidade real. A escritora revela-se-nos como uma desiludida, uma insaciada, já quase exausta de esperar, arrastando pelo mundo uma alma toda claridade, um coração nostálgico e uma sensibilidade de híper-civilizada.

Luísa adoeceu e morreu, escrevendo sempre, apesar de cega, sem saber que o mesmo viria a acontecer à amiga Fernanda quase cinquenta anos depois.

Branca de Gonta Colaço morreu também nesse ano.

Ambas deixaram em Maria Fernanda um vazio, um desgosto continuado que guardou sempre dentro de si.

A forma como ambas encaravam a vida não era igual. Maria Fernanda, forte, lutadora, nunca desistia do que para ela era realmente importante: a vida, a família, a natureza, a amizade e a poesia que encontrava a cada dia. O seu último livro, terminado com 88 anos, intitula-se *Tudo é Princípio*.

E o último livro de Luzia *Dias que Já Lá Vão*.

Sim, eram diferentes, não muito, mas, sim, diferentes.

Mas iguais em tudo o que no mais fundo de si mesmas as definia, a sensibilidade, a entrega, o lirismo e a capacidade de amar.

[Por opção da autora, o presente texto não segue o Novo Acordo Ortográfico]

CARTAS DE LUZIA PARA FERNANDA DE CASTRO – UMA INTRODUÇÃO

Ana Cristina Trindade

(CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Luísa Antunes Paolinelli

*(CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
Universidade da Madeira)*

Luísa Susana de Freitas Lomelino Grande (1875-1945) foi uma escritora portuguesa com especial ligação à Madeira que, podendo reivindicar um merecido lugar no panorama literário nacional do século XX, teve a primeira obra publicada apenas em 1920, quando a autora já contava 45 anos. O tardio aparecimento deste livro, *Os que se Divertem*, não significa, contudo, que Luísa Grande não recorresse à escrita em períodos muito anteriores, como o demonstra o seu *Diário (Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal*, coord. Ana Cristina Trindade e Luísa Antunes Paolinelli, Lisboa, Livros Horizonte, 2023), recentemente editado, que cobre o período de 1902 a 1915, nem lhe impede a construção de uma verdadeira carreira nas letras, documentada pela vinda a público de outras oito obras.

A vida de Luzia, não obstante o seu estatuto social – que lhe permitiria levar uma existência ocupada sobretudo por atividades características do mundo que frequentava – refeições, chás, jogos de *bridge*, viagens, bailes –,

não foi, no entanto, um aprazível transcurso pelo tempo. Antes pelo contrário, e apesar de as atividades referidas estarem presentes no seu quotidiano, a existência da autora foi muito mais marcada por perdas, dolorosas e pungentes, que se sucederam e lhe marcaram indelevelmente a vida.

A primeira ocorreu logo no momento do nascimento, em Portalegre, quando perde a mãe, a madeirense Luísa de Freitas Lomelino, filha do morgado da Quinta das Cruzes, pertencente, portanto, à melhor sociedade madeirense e de quem herda o acesso inegável às elites insulares. O pai, Eduardo Dias Grande, que provinha de uma família brasonada de Portalegre, foi para a Madeira como Secretário-geral do Governo Civil do Distrito do Funchal, e da sua presença na Ilha resultou o casamento com D. Luísa de Freitas Lomelino. O casal, acompanhado da filha mais velha, natural do Funchal, acabaria por se mudar para Portalegre, onde se dá o nascimento de Luísa Grande. O pai contraía, entretanto, uma doença pulmonar e a busca pelo alívio dos sintomas levou ao seu regresso ao Funchal, onde foi viver na quinta das Cruzes (hoje, Museu Quinta das Cruzes), na companhia da filha. Tinha a menina nove anos quando sofre a sua segunda grande perda – a morte do pai, vítima da doença que o afligia, circunstância que a obrigou a regressar ao Alentejo, onde ficou junto de tios paternos até ter idade para ir para Lisboa estudar no colégio religioso das Salésias.

Completada a sua educação, permaneceu na capital, em casa de uns parentes madeirenses, os viscondes de Geraz de Lima, até regressar à Ilha onde se casou com Francisco de Vasconcelos, filho do último morgado do Jardim do Mar. Este matrimónio veio a revelar-se infeliz e sem geração – o que, não sendo propriamente uma perda, porque não se perde o que nunca se teve, não deixa de ser uma ausência à qual Luísa será muito sensível. A deterioração das relações do casal culminou em divórcio, que passara a ser possível com a República, o que, mais uma vez, configura uma nova perda para a autora, particularmente difícil porque não só desagradava às suas convicções religiosas, como fora antecedida da humilhação pública promovida pelo marido que se passeava pela cidade na companhia da amante que já lhe dera filhos.

O choque deste acontecimento foi tão profundo que Luísa se ausentou da Madeira por um período de cerca de dez anos, conforme ela

afirma na carta que, a 3 de abril de 1931, envia a Fernanda de Castro e, mesmo depois disso, continuou a passar grande parte do seu tempo em Lisboa e em França, seu país predileto e no qual procurava alívio para os muitos males psicológicos e físicos que a afligiam.

Além dos desgostos, ou talvez também por causa deles, Luísa foi uma mulher que, nas suas próprias palavras, sofria de inúmeras doenças: neurastenia, artrite, conjuntivite, *angina pectoris*, eczema, urticária, enxaqueca, zona, nevralgia nos olhos – esta última talvez a que mais a prejudicou, porque desde relativamente nova teve problemas de visão. As termas e os Pirenéus franceses faziam parte do seu plano de recuperação.

A extração social e a educação que recebeu fizeram de Luísa uma mulher politicamente monárquica e socialmente conservadora. No *Diário* já referido é evidente a sua postura “talassa”, designação que então se aplicava aos monárquicos, que se traduz, por exemplo, nas saudades que manifestava da bandeira azul e branca, ou na designação de “estafermo” aplicada a um indivíduo vestido de vermelho e verde que encontrou no Palácio de S. Lourenço¹. Não é, porém, menos evidente uma outra característica muito sua que é a de ser um espírito rebelde, independente, não alinhado, conforme se constata a partir da narrativa de um episódio descrito no *Diário* em que, ao cruzar-se com um “mulherio” talassa que vituperava os republicanos para os quais pedia a força, não resistiu à tentação de gritar “Viva a República!”²

Este espírito de independência e de amor à liberdade continua presente nas cartas a Fernanda de Castro, nas quais se manifesta sobretudo a propósito da rejeição do Estado Novo, regime muito da predileção da amiga, casada com António Ferro, o homem que liderava o Secretariado da Propaganda do salazarismo. Isto mesmo é bem claro na carta datada de 19 de outubro de 1938 que de Paris remete à amiga e na qual diz textualmente o seguinte: “É só porque não gosto do fascismo. Ah! Quanto a isso desengane-se de me converter. Nunca serei fascista. Graças, mil graças a Deus, nasci com instintos irredutíveis de independência

¹ *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal*, coord. Ana Cristina Trindade e Luísa Antunes Paolinelli, Lisboa, Livros Horizonte, 2023, p. 293.

² *Idem*, p. 248.

e liberdade, quero pensar pela minha cabeça, guiar-me pelos meus olhos. [...] ...e basta-me ver esboçar um grande gesto pretensioso... para ter um desejo louco de fazer o outro, o que mostrou o punho, aquilo que acima de tudo abomino na terra: a tirania humana, o direito do mais forte sobre o mais fraco” (Carta n.º 14).

Em fevereiro de 1939, presentindo o início da guerra, diz-se “...triste, com estes acontecimentos tristes que vão pelo mundo. A pata de Hitler esmagando tudo e os outros sem reagir... que vergonha! Que abjeção” (Carta n.º 18). E acrescenta: “Daqui [da Madeira] fogem espavoridos todos os ingleses, procuram reintegrar os seus *homes* antes que rebente a guerra, mas penso que não haverá guerra. A Inglaterra, Chamberlain, tudo continuarão a engolir. Têm goelas de patos”.

Este comentário pouco abonatório para os britânicos não é único e traduz uma posição crítica em relação à Grã-Bretanha que aflorará noutros momentos, como naquele em que declara saber que tanto alemães como ingleses namoram a França, considerando, no entanto, que ainda “...acha piores os hipócritas britânicos... Mr. Churchill, num palavreado, numa fanfarronice que até parece espanhol – e venha de lá alguma coisa de jeito!” (Carta n.º 29) Os adeptos da Alemanha também não lhe escapavam e quando se refere ao facto de Lisboa estar cheia de germanófilos, acrescentava que “Aqui também os há, entre meninos patetas e *snobs* que o julgam do último bom tom” (Carta n.º 24).

O seu grande desgosto com a guerra está, no entanto, ligado à França, conforme se vê numa carta datada de 3 de novembro de 1939: “Vivo com a França no coração e mandando Hitler para o diabo...mas ele não vai”, ao que acrescenta, a 18 de junho de 1940: “Julguei que já não tinha lágrimas para chorar pela França, minha querida pátria, se a pátria se escolhesse”.

Em relação à posição neutral que Portugal mantém na guerra tem de reconhecer que a diplomacia do regime deve ser louvada, embora isso não diminuísse o pouco apreço que nutria por Salazar que considerava ter “um coração de gelo” por nunca se condoer da situação de miséria aflitiva em que vivia a Madeira. A 19 de julho de 1940 não se eximia de exclamar “Pagar, sempre pagar! É o nosso ofício desde que o Fuhrer português nos rege!”, e a 5 de março de 1940, informava Fernanda de Castro

de lhe estar a escrever “...de uma ilha onde se morre à fome, e os que alguma coisa querem fazer são ainda paralisados pelo governo”, recordando que os hotéis tinham proposto continuar abertos apesar de terem poucos clientes para evitar aumentar o desemprego, em troca de uma pequena diminuição dos impostos, “o que o Todo Poderoso imediatamente recusou; não é ele que sofre, não é ele que passa fome!” (Carta n.º 26)

A relação de Luísa com a Madeira é, porém, bastante ambivalente. Se, por um lado, a acha um paraíso de beleza natural e de clima, por outro afirma que fica na Madeira “...presa a não sei o quê”, já que os madeirenses do seu tempo e seus amigos “estão no cemitério, os outros... não gostam de mim, e eu pago-lhes na mesma moeda” (Carta n.º 24).

Uma outra das razões para o seu desgosto com a Ilha prende-se com o ambiente cultural do meio que considera deplorável. A 15 de fevereiro de 1935, desabafava com a amiga Fernanda: “A minha ilha não é muito intelectual, dança, joga ténis e toma cocktails muito mais do que lê”. A ideia é confirmada a 18 de fevereiro de 1938 quando, perante o envio de alguns poemas por parte de Fernanda de Castro, agradece pelo bem que aqueles fazem numa ilha “desterrada de todas as coisas do espírito, porque a Madeira e o espírito há muito se divorciaram. Nem eu mesma sei como nesta estuprificante atmosfera ainda tenho coragem para trabalhar”.

Luísa não está sozinha nesta apreciação do ambiente cultural vigente na Madeira, porque já em 1924 João Cabral do Nascimento, intelectual madeirense admirado por ela, dizia no *Diário de Notícias*, de 26 de janeiro (p.1), que “...a nossa melhor sociedade é uma trapalhada heterogénea vivendo entre foxtrots, cocktails e partidas de bridge, ignorando se D. Afonso Henriques foi o fundador da nacionalidade portuguesa ou o inventor da jazzband”, o que demonstra que o intervalo de 20 anos que separa as duas observações não foi suficiente para minorar a sensação de pobreza cultural partilhada pela intelectualidade insular.

Para minorar os efeitos desta pobreza, Luísa pedia sem cessar a Fernanda de Castro o envio de livros, livros e mais livros que ia comentando à medida que lia, exprimindo a sua opinião de forma sincera, aprovando uns, criticando negativamente outros, como acontece com a *Magie Noir* de Paul Morand que a deixou “estarecida” pela excessiva

presença de negros e lhe merece o comentário final de “Apre! com tanto preto!” (Carta n.º 4) A assunção muito natural daquilo que hoje seria considerado um racismo intolerável mostra o lado mais conservador de Luísa Grande, mas a candura com que assume a sua posição revela também que estava perfeitamente alinhada com o seu tempo no que a esta matéria dizia respeito. Este sentimento de rejeição do diferente volta a manifestar-se no comentário que lhe merece *Música ao Longe* de Érico Veríssimo, obra que considerou “uma maravilha”, lamentando apenas que estivesse escrita “em língua de preto. Apetece-me traduzir” (24 de outubro de 1943).

A Madeira, apesar de considerada uma desilusão intelectual, é um tema que frequentemente lhe chama a atenção, quer seja para revelar a situação de miséria em que vive o povo, quer para criticar as ações praticadas no campo do urbanismo pelo presidente da Câmara Fernão de Ornelas, que a atingem profundamente. O jovem autarca que interveio, de facto, de forma decidida e irreparável na cidade, afeta-a tanto que afirma, a 5 de março de 1943: “Eu só queria cortar a cabeça a este Presidente da Câmara, um João Ninguém que nada sabe, nada viu e tudo decide a seu bel-prazer, gastando, esbanjando e, o que é pior, destruindo... Às vezes até me apetece escrever a Salazar!” Anos antes tinha-o considerado um “Nero” a quem faltava apenas a harpa e o incêndio e que não se detinha perante nada, chegando a considerá-lo assassino porque se teriam perdido vidas de indivíduos que não resistiram a serem arrancadas “dos tetos que sempre os acolheram” (30 de outubro de 1931).

Luísa Grande, que faleceu a 10 de dezembro de 1945, viveu o suficiente para assistir ao fim da guerra que tanto a afligira, mas os seus últimos tempos, com o agravamento do estado geral de saúde, foram-lhe muito penosos. A 13 de setembro de 1945 escrevia a derradeira carta a Fernanda de Castro e nela dizia que nem o fim da guerra a consolara: “A vida não se fez para os mortos, e eu já morri. Já não posso ser de este mundo. É cruel demais para mim”.

E assim, aos 70 anos, Luísa Grande deixava esta vida, que percorreu quase sempre em sofrimento, sobrevivendo como podia, agarrando-se à escrita como a uma tábua de salvação, mas ostentando orgulhosamente a

sua independência, assumindo sempre com coragem as posições que considerava corretas, mesmo que isso a fizesse correr alguns riscos, designadamente os de ver a sua correspondência visada pela censura, como de facto aconteceu (e que só chegou à destinatária por causa da posição do marido de Fernanda de Castro e do estratagema de envio em nome de António Ferro: na carta 30, de 18 de fevereiro de 1941, Luísa escreve: “Vou mandar a carta ao António Ferro, talvez assim escape.”).

O conjunto de cartas que presentemente se publica permite ver um lado mais íntimo, mais secreto, da autora e constatar a sua forma de ver o mundo em geral e a Madeira em particular, num registo bastante original e revelador.

Entre escritoras e mulheres

A correspondência feminina tem vindo nas últimas décadas a constituir uma importante área de investigação que combina dois campos – a epistolografia e os diferentes tipos de comunicação entre escritoras e artistas. Constituinte uma fonte documental relevante, tem sido abordada a partir de diferentes ângulos disciplinares, da história à literatura e à sociolinguística, estimulando, pelo interesse que cria, um sempre maior investimento no trabalho académico de devolução ao público leitor, tanto especialista como não, das cartas escritas privadamente. No campo dos estudos literários, estas são, de facto, um terreno fértil para o equacionar do estatuto das mulheres ao longo dos séculos, tanto cultural como artístico, no interior do panorama da produção literária de uma determinada época. Permitem compreender como se realizavam as ligações entre escritoras, a discussão das propostas literárias, qual o grau de interajuda entre as criadoras, revelando não só as posições femininas, mas também o seu grau de influência, muitas vezes exercido a partir das margens da literatura dita canónica, dominada pelos escritores homens. À falta de uma voz pública que muitas vezes lhes era negada, as mulheres usavam a voz privada, escreviam entre si e encontravam nesse exercício uma forma de afirmação e de força como autoras. Uma voz privada que serviu muitas vezes para traçar a história das ideias e desafiar cânones estreitos e rígidos.

A perspetiva que o estudo da correspondência permite não se limita, no entanto, a questões de género, mas também possibilita equacionar a relação geográfica centro-periferia na história literária portuguesa. O facto de muitas das escritoras habitarem fora dos grandes centros produtores de cultura, colaborando em periódicos e publicando em editoras situadas nas suas cidades e regiões, amplia a lente sobre a literatura nacional. No caso de Luzia, escritora que se move entre a Madeira, Lisboa e Paris, as influências que recebe de várias literaturas permitem demonstrar que o que se considera como periférico não está fora do circuito da receção e produção da alta cultura. Tanto no *Diário* como nas *Cartas*, o panorama que nos chega é o de uma intensa troca de experiências entre a Madeira e Lisboa, acompanhada pelo acesso aos livros mais recentes – quer fruto das amizades literárias, quer devido ao ambiente cosmopolita que se vivia na Ilha – e um contacto constante com o que se fazia em diversas partes do mundo. Há que ter em conta, assim, que mesmo na situação de algum isolamento da Ilha, intensificada pelas circunstâncias ligadas à Segunda Grande Guerra, existe uma relação com o que se produz em Lisboa e nas capitais mundiais, acompanhando Luzia as tendências modernas, o que lhe permite um diálogo transformador que se reflete na originalidade da sua escrita.

A presente obra traz a público a correspondência entre dois dos maiores vultos literários femininos da primeira metade do século XX, Luzia e Fernanda de Castro, permitindo aos leitores o privilégio de não só contactar com o que é revelado das suas personalidades tão distintas, mas também acompanhar a escrita das suas obras, os conselhos que trocam, num verdadeiro espreitar por cima do ombro do que pode ser considerado um laboratório de escrita das autoras. Apesar de só nos terem chegado as cartas enviadas por Luzia à escritora de Lisboa, a quem chamava afetuosamente “Panterazinha”, nome dado pelas amigas mais próximas, não é difícil ouvir a voz de Fernanda de Castro. Luzia fá-la muito viva nas respostas que lhe dava a interpelações que ela lhe teria dirigido, num constante diálogo sobre a literatura, sobre política e sobre a sociedade.

Mais velha vinte e cinco anos do que a sua jovem interlocutora, Luzia tinha já uma carreira afirmada aquando da data da primeira carta que chegou até hoje. Reconhecendo o talento da amiga, nunca deixará

Luzia de a incentivar a escrever, lembrando-a de que a condição de mãe e de figura pública, com diversos empenhos sociais, não poderia ser motivo do sacrifício do que considera ser a verdadeira missão de Fernanda de Castro, a da escrita. O tom que adota, quase de madrinha mais experiente, encantada com as capacidades que reconhece na jovem amiga, nunca a deixa, ainda que aliado a uma humildade e por vezes insegurança quanto ao próprio operado, permitindo-lhe, mesmo com receio de que Fernanda de Castro se ofendesse, conselhos sobre a importância da revisão (e sabemos quanto esta operação era essencial para Luzia, já que na edição do *Diário* ficou evidente o exercício de escrita-reescrita, rasura e nova proposta, que, não raras vezes, não satisfazendo a escritora, era substituída ainda por uma outra), sobre a disciplina necessária para acabar uma obra e sobre os autores a ter em consideração. Não se sabe quanto as quase reclamações que dirigia constantemente a Fernanda de Castro, solicitando-lhe que escrevesse e lhe mandasse o que ia produzindo, influenciou a carreira literária da amiga, mas com certeza representaram um incentivo, um estímulo e uma lembrança constante do valor da sua escrita.

Ao longo das cartas, o papel de autora mais experiente que aprecia a obra da jovem poetisa e escritora Fernanda vai sendo substituído pelo de companheira das letras, num espaço de confidências literárias que envolve igualmente Teresa Leitão de Barros, como revisora e pessoa da confiança de Luzia. É às duas que pede que acabem a obra que tem em mãos e que já não se sente com forças para terminar, numa clara demonstração de segurança nas capacidades artísticas das amigas. Exigente como era, Luzia manifesta, assim, a sua plena admiração pelas duas.

Uma admiração que não deixa de revelar continuamente: a determinada altura, manda às duas um capítulo do seu *Dias que Já Lá Vão* e pede-lhes a opinião, porque reconhece naquela que poderia ser sua filha, Fernanda, e na grande amiga Teresa o olhar qualificado e certo: “Pedi à nossa grande amiga Teresa – a maior e melhor que ambas temos – para lhe ler um capítulo dos meus *Dias que já lá Vão*. Gostarei de saber depois como o achou. “Saudades de um jardim” também faz parte do dito alfarábio, embora já alguém me dissesse que é das piores coisas que tenho escrito...” (Carta n.º 66, [Funchal], 15 de novembro [sem ano]). Do

talento de Fernanda de Castro, Luzia não tem dúvida: é a que escreve com mais charme em Portugal, a melhor poetisa, a escritora mais importante, a que – em verso, prosa ou texto dramático – mais se destaca.

Defende, porque conhece bem a obra de várias escritoras, o papel da mulher na literatura portuguesa e demonstra-se descontente quando a revista *Atlântico* inclui poucas senhoras:

E... porquê tão poucas representantes da literatura feminina, quando as há entre nós que valem a pena ser conhecidas?! Nem a Virgínia de Castro, a Teresa, a Virgínia Vitorino, a Maria de Carvalho e a Clarinha – embaixatriz da graça e...?

Veja se acode ao segundo número que, de resto, entre os homens já conta nomes tão importantes! De mulheres vejo apenas a Raquel Bastos – autora de “Um fiozinho da música”, não é verdade? Acho bem, eu gostei muito do tal “Fiozinho”, mas as outras?! Não me interessam como pessoas, nem todas são minhas amigas, ao contrário, a Fernanda bem sabe; o que digo é por amor da arte, para que o Brasil saiba o que valem, o que podem dar... (Carta n.º 39, 26 de junho de 1942)

É interessante, de facto, como Luzia, que com Virgínia de Castro Almeida tinha até um relacionamento menos bom, defende a inclusão de mulheres numa revista que tendo grandes escritores, deveria também incluir grandes escritoras. É uma posição de defesa da produção feminina, consciente da margem a que muitas vezes é votada. Nas suas *Cartas*, são diversas as referências que faz às colegas escritoras: de Veva de Lima a Laura Veridiana de Castro Almeida, de Raquel Bastos a Maria Franco, de Maria de Carvalho a Carlota Serpa Pinto, da escritora brasileira Maria Amélia Teixeira, fundadora do periódico *Portugal Feminino*, a Sara Carvalho Beirão, para referir apenas algumas. Luzia correspondia-se com muitas delas, conhecia-as de Lisboa ou de Paris, lia-as e, por isso, não poderia aceitar um Portugal feito de escritores homens, quando a produção feminina era tanta e de valor. Aliás, muito tinha aprendido com a necessidade de um espírito de colaboração feminino com quem primeiro a tinha incentivado a escrever, Maria Amália Vaz de Carvalho.

As *Cartas* trazem ao leitor também um mundo de leituras que as duas amigas faziam, num testemunho das influências e das escolhas literárias que foram fazendo ao longo da sua carreira. Destacam-se entre os autores de predileção Katherine Mansfield, a que Luísa chama “a nossa amiga”, René Benjamin, Claude Silve, os escritores da literatura francesa, inglesa, como D. H. Lawrence, e americana. Os navios levavam e traziam livros de Lisboa para o Funchal, numa troca intensa, alimentando a leitura e a escrita. Luísa, no entanto, confessa que as páginas que espera com maior prazer são as de Fernanda de Castro.

Luísa, mesmo escrevendo na condição de amiga de Fernanda, nunca se liberta de Luzia escritora: as suas emoções, ideias, impressões são sempre expressas de uma forma cuidada, literária, inspiradas nas obras epistolares que sempre a acompanharam e formaram a sua personalidade literária. Se no *Diário* se encontram frequentes menções à obra epistolar da Marquesa de Sévigné e à correspondência de Madame du Déffand, em *Cartas d’Uma Vagabunda* confia a sua admiração por Horace Walpole e descreve a sua vida como uma longa carta. Registo datado, marcado pelas referências temporais, muitas vezes a carta para Luísa desprende-se das circunstâncias de espaço e tempo para se demorar nas digressões, nas metáforas requintadas e em pequenos detalhes significativos. Espaço de intimidade, é também o lugar em que Luísa fala consigo própria, procura sentidos para uma vida que vê esgotar-se, sem nunca deixar de ser escritora e de se sentir sujeito e, ao mesmo tempo, personagem que se narra, numa visão de espelho.

Várias das obras de Luzia são realizadas a partir do domínio da técnica de epistológrafa, como é o caso de *Cartas d’Uma Vagabunda* e de *Última rosa (cartas para mulheres)*, o que demonstra justamente esta forma de coexistência de uma identidade dual que caracteriza as *Cartas* – mulher e escritora. Além disso, a correspondência que escreve é destinada a uma amiga que é mulher, mas também é escritora e, por isso, o cuidado que coloca na expressão e no estilo são simultaneamente para a mulher Fernanda/”a pantera” e para a apreciação da escritora/intelectual Fernanda de Castro.

Luzia deixou preparadas para edição cerca de trezentas páginas de cartas que tinha dirigido ao longo do tempo a Laura Veridiana de

Castro, ao escritor Manuel Ribeiro e a outros destinatários. Juntou as cópias das suas cartas sob o título *Correspondências*. Esta escolha demonstra o processo de literarização de um ato íntimo que é a escrita de uma carta, cujo objetivo principal é a comunicação entre duas pessoas, fazendo dela um objeto estético quando trocada entre escritores e, assim, comunicação com todos.

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

O texto das cartas que se apresentam neste volume foi fixado a partir dos manuscritos pertencentes à Fundação António Quadros. Para a sua digitalização, contribuiu o apoio do Centro de Estudos de Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e de Mafalda Ferro, presidente da Fundação. Trata-se de um conjunto de 74 cartas (71 dirigidas a Fernanda de Castro e 3 a António Ferro), num total de 381 páginas, escritas entre 22 de janeiro de 1928 e 13 de setembro de 1945, ano da morte da escritora, e dois sobrescritos, frente e verso. Ambos os envelopes são dirigidos a Fernanda de Castro Ferro: um, com carimbo de 16 de julho de 1941, corresponde à carta n.º 32 e apresenta a indicação da morada “Calçada dos Caetanos, n.º 6, Lisboa” riscada e substituída por “Quinta da Marinha, Cascais”, o outro, com carimbo de 25 de outubro de 1943 (carta n.º 50), tem uma faixa com picotado, parte de um boletim de acompanhamento obrigatório colado pela Censura ao envelope (precisamente na carta n.º 50, Luísa chama-lhe o “papelinho amarelo”), no lado esquerdo na qual se lê “Aberto pela Censura” e apresenta o carimbo de “C.M.P.T. Censurado”. Também no verso se encontra a mesma faixa, mas com a indicação “Madeira”, e o mesmo carimbo da censura. O carimbo que indica a receção da carta em Lisboa é de 5 de novembro de 1943. As cartas censuradas chegaram à destinatária, com toda a certeza devido à intervenção de António Ferro, a quem recorre, como a própria autora declara na Carta n.º 30, para fintar a censura.

A escritora escolhia para as suas cartas diversos tipos de papel e de formatos, fazendo frequentemente uso do papel timbrado com as suas

iniciais “LG” ou fornecido pelos vários hotéis por onde passou: Grand Hotel Gassion, em Pau, Celtic Hotel, em Paris, Etablissements Thermaux de Saint-Christau, nos Pirinéus, Hotel Thermal Royal, em Puy de Dôme, Savoy Hotel e Grand Hotel Belmond, na Madeira. No Funchal, escreve também em papel timbrado da casa que arrenda, a Quinta Nogueira. O conjunto das cartas dá a sensação que escrevia no papel que tivesse à mão, por isso, há o uso de diversos tipos de folhas, com cores e mesmo gramagens diferentes, com algumas cartas escritas num papel quase transparente que deixa ver a sombra do que está escrito no verso. Escolhe sempre papel não pautado e, por isso, a sua letra, geralmente direita, varia em termos de grandeza e ocupação da página. Quando tem muitas folhas disponíveis, espraia-se e enche o espaço com poucas frases, quando tem menos, a letra torna-se mais pequenina, mais apertada.

Escreve sem emendas – conhecendo o processo de escrita exigente da autora, que corrigia diversas vezes os seus textos, poder-se-á levantar a hipótese de que fizesse primeiro um rascunho e que só depois mandasse à amiga uma carta passada a limpo. Esta ideia tem sustentação nas cartas dirigidas a Laura Veridiana de Castro e Manuel Ribeiro que foram encontradas no Arquivo Regional da Madeira, em várias caixas e capilhas do fundo de Florival de Passos, e que demonstram que a autora as estava a organizar para serem publicadas com o título “Correspondência”. Ao longo do tempo, durante largos anos, Luísa teria mantido rascunhos ou cópias das cartas que enviou. No entanto, o uso do papel timbrado dos hotéis e a própria letra, muitas vezes apressada, sem o cuidado de legibilidade colocado nas cartas anteriormente referidas destinadas, provavelmente a uma versão datiloescrita à semelhança do procedimento que seguiu para a preparação da edição do *Diário*, com a indicação de que ela própria tentava ler o que tinha escrito e lhe era muitas vezes difícil, sustenta a ideia de que para escrever a Fernanda de Castro não fazia antes um rascunho. A dificuldade de compreensão da sua letra é também confirmada pela autora quando o destinatário é António Ferro – sabe que este não a consegue ler e que necessita dos olhos habituados ao exercício de decifração de Fernanda de Castro (Carta n.º 1 a António Ferro).

Os originais não são de fácil leitura, quer pelas dificuldades apresentadas pela própria letra de Luísa – consciente, no final da vida, de que

os problemas de visão iam deteriorando sempre mais a clareza da sua letra –, quer pelo uso do espaço que faz, ocupando as margens, quer superiores, quer inferiores, quer laterais, sobrepondo-se, não raras vezes, o texto das margens ao texto do corpo. O resultado é um emaranhado de palavras que foi difícil de desfazer. A proibição pela censura do uso de mais de duas folhas leva-a não só a dividir uma carta em duas, enviando uma primeira parte e outra depois com a indicação de que se trata da conclusão da anterior (v. cartas n.º 51 e 52), mas também a, de forma pensada e contestária, preencher todos os espaços em branco, dificultando a leitura vigilante daquela que chama “Dona Censura”.

Esta edição contou com a colaboração de Elaine Prado dos Santos, da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, e de Cátia Vieira Pestana, do Arquivo e Biblioteca da Madeira, num trabalho conjunto de transcrição e resolução de problemas colocados pelas dificuldades de compreensão da grafia. Este volume obrigou a uma profunda investigação no sentido de incluir um aparato de notas que ajude o leitor e de datar as cartas que não apresentam nenhuma indicação temporal da mão da autora. As possíveis datas incluem-se entre parêntesis retos e remetem a uma nota explicativa que elucida a razão da escolha.

Procedeu-se no texto à atualização ortográfica, eliminando-se as características evolutivas (como, por exemplo, os “h” intervocálicos, como em “cahiu”, ou como o apóstrofo, fazendo-se a contração, como nos casos de “n’elle”, “n’uma”, “d’elle”. Sanaram-se também os eventuais erros de grafia de nomes estrangeiros. Luísa Grande é extremamente precisa e não apresenta erros notórios em português que exigissem emenda. Os sublinhados da autora são, neste texto, colocados em *itálico*. Mantivemos a diversidade escolhida pela escritora, quando é resultado de uma escolha feita sob o signo de um valor semântico.

Em relação à pontuação, foram poucas as alterações realizadas e só quando estritamente necessárias, como no caso de erro óbvio. São reproduzidos de forma fiel os espaços que caracterizam a organização da escrita de cartas de Luísa/Luzia, que apresenta um tecido formal vário, com a indicação dos locais de onde escreve de diversas maneiras.

Luísa, por erudição e estilo, empregava expressões em francês ou em inglês, que são traduzidas em notas para facilitar a leitura. Quando se trata de citações, são identificados sempre que possível o autor e a obra.

No final do volume, incluem-se os dois textos que Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros escreveram para a edição póstuma de *Dias Que Já Lá Vão*, para cuja finalização, Luísa, sentindo-se muito doente, tinha pedido ajuda, demonstrando a grande confiança que sentia no talento das amigas. Os textos das duas escritoras dialogam com as cartas que Luísa lhes escrevia regularmente e dão conta de um diálogo que se prolongou pelos anos e que acompanhou a formação literária e pessoal das três.

Ana Cristina Trindade

(CLEPUL, Universidade de Lisboa)

Elaine Prado dos Santos

(Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo)

Luísa Antunes Paolinelli

(CLEPUL, Universidade de Lisboa e Universidade da Madeira)

CARTAS DE LUZIA PARA FERNANDA DE CASTRO

Carta n.º 1

Funchal, Quinta Nogueira¹, 22 de janeiro de 1928

Querida Pantera, que tão doces sabe tornar as suas garras para prender a gente...

Cheguei, vi o mar azul da Madeira, as suas lindas montanhas cheias de neve, as rosas do meu jardim, a *Bougainville* vermelha que ali plantei há 30 anos e... caí com uma constipação monumental! Pode-se dizer que vim do "Lima" para a cama. Quase não tenho feito outra coisa senão puxar pelo nariz e espirrar! Ainda há quem se queixe, quem pretenda que a *chauffage*² faz mal! Devido à do Avenida Palace, eu atravessei todo o horrível frio de Lisboa sem me constipar e aqui... no clima privilegiado foi logo de entrada! O seu telegrama fez-me um doce acolhimento e as suas rosas que alegraram e perfumaram o meu beliche, viveram até ontem. É o mais que pode pedir-se a uma rosa... mas de uma amizade pode exigir-se aquele aliás tão limitado *Sempre* da terra. E eu não estou com meias medidas, quero que seja sempre minha amiga, embora eu ralhe de tempos a tempos, quando for preciso...

Tenho tido saudades suas, do mimo que me deu durante a minha estada em Lisboa. Sabe que os velhos são como as crianças. Gostam de

¹ Situada na esquina da Estrada Monumental com a Rua Dr. Pita, Funchal, hoje integrada num complexo de apartamentos.

² Aquecimento.

mimo... Lembro-me dos lindos passeios de automóvel, do Lago descoberto por aí em Sintra, que pena tenho de não ir vê-lo no tempo em que os Maios dão flores! – Penso quanto gostará de habitar uma daquelas casas de Vale de Lobos e que deliciosos versos ali fará! Como não custa nada sonhar, vou sonhando com o dia em que irei vê-la no seu ninho da serra... Também eu adorava ter uma casa no campo, onde pudesse ler, descansar e receber apenas... os *happy few* do meu coração. Mas nunca terei –

O tempo voa, a triste velhice sem remédio e sem esperança foi-se tornando o meu quinhão na terra. *Il y a du bon*³, é a portadora da paz... mas ninguém a quer... e eu queria ser nova outra vez, como... há mil anos o fui nesta mesma casa, defronte deste jardim onde tantas flores e tantas esperanças tenho visto crescer e morrer.

Sim, o tempo foge vertiginosamente. Nós em vez de procurar aproveitar o pouco que ele nos dá, somos de um desperdício terrível. Nunca lhe mostrei as tais cartas da minha novela e agora que uma grande parte está feita, não me parece fácil a sua colaboração. Seria preciso inutilizar tudo, recomeçar a escrevê-las e para isso sinto-me sem coragem. Trabalhe, querida Fernanda, é um pecado desprezar esse dom magnífico que Deus lhe concedeu. Seja fiel às tais duas horas por dia consagradas a escrever.

Dê-me as suas notícias, sim?

Diga-me alguma coisa da pobre mãe da Teresa⁴, que *tanta, tanta* pena me faz!

Mil saudades da sua amiga

Luísa

Leu o livro da Maria de Carvalho⁵? O que acha? A mim pareceu tão chocho!... Tudo só para nós –

³ Tem um lado positivo.

⁴ Trata-se de Teresa Emília Marques Leitão de Barros (1898-1983), escritora, feminista. Foi professora liceal, mas igualmente autora de artigos, livros e histórias infantis. Era grande amiga tanto da autora como de Fernanda de Castro.

⁵ Maria Marques de Carvalho Ferreira nasceu na Chamusca a 6 de junho de 1879 e faleceu em Lisboa a 11 de setembro de 1973. Poetisa, foi também jornalista, conferencista e colaboradora na rádio. Luzia deve estar a referir-se ao livro *Antes da Batalha – Aljubarrota*, publicado em 1927.

Carta n.º 2⁶5 de abril 1928⁷

Minha querida Maria Fernanda

Escrevo-lhe torturada por uma enxaqueca atroz. Ando assim há dias ou desconfio que há semanas, desde que começou a primavera e – oh! ironia! – a chuva não cessou mais de cair sobre Pau... Mas sabendo pela Teresa que além de continuar doente, tem os seus pequenos doentes também, não quero deixar de mostrar-lhe a minha pena, de dizer-lhe quanto desejo que a saúde e a alegria voltem à sua casa. Enquanto não puder escrever, peça à Teresa que me mande as suas notícias. Tenha coragem. Trate-se e daqui a dias estará como uma flor a que se mete dentro d'água a haste: outra vez fresca, luminosa e alegre... Na natureza as que parecem predestinadas para o sofrimento, vai-lhes bem a tristeza e as dores como a certa paisagem fica bem o nevoeiro, a si vai-lhe melhor a saúde e a alegria – É como Lisboa, a sua "Cidade em flor", precisa do sol, do céu azul...

Assim eu pudesse restituir-lhe já toda a sua linda atividade, toda a sua confiança esplêndida na vida... que, de vez em quando, nos prega uma partida, mas assim mesmo merece que a amemos e tenhamos fé nela... os dias de doença e ansiedade fazem depois parecer mais doces e mais belos aqueles em que volta com a saúde, a confiança e a paz... E... *Ainsi soit il*⁸, como se diz na tragédia de Veva de Lima⁹.

⁶ Papel timbrado "Grand Hotel Gassion, Pau". Pau é uma cidade francesa pertencente à região da Nova Aquitânia, nos Pirinéus.

⁷ Esta carta tem a nota "Respondido" por Fernanda de Castro.

⁸ Assim seja.

⁹ Genoveva de Lima Mayer Ulrich (1886-1963), escritora (*O Único Vencido da Vida que Também o Foi da Morte*, de 1945, e *D'Aquém e D'Além Mar Crônicas*

Vou, mesmo cheia de dores de cabeça, visitar as igrejas – doces igrejas de França! – Rezarei por lá, pelos seus pequeninos. Saudades ao marido e à Teresa. Breve escrevo a esta.

Abraço-a ternamente, minha panterazinha infeliz que eu queria ver sempre feliz.

Luísa

Carta n.º 3¹⁰

21 de julho de 1928

Minha querida Fernanda,

Há quanto tempo faço tenção de responder à sua carta e sempre aquele terrível "amanhã" português a impedir-me de fazê-lo, mas de hoje não passa, embora tão pouca coisa interessante tenha para contar-lhe. Vim a Saint Christau 21 dias. Uma famosa cura d'água que também há séculos andava em projeto e de que cada ano dizia: – Para o ano... –

Para o ano é tão português como "amanhã" – mas se ainda este verão não ficou para o outro, foi porque me apareceu há quinze dias um furioso eczema – a doença a que tenho mais horror. Precipitei-me pois e estou aqui desde a semana passada. O sítio é lindo – um parque atra-

de Viagem, de 1923-1924), ficou também conhecida por receber a elite intelectual e social de Lisboa em sua casa – o palácio Ulrich, em Campo de Ourique, foi um dos últimos *salons littéraires* que a capital portuguesa teve.

¹⁰ Papel timbrado “Etablissements Thermaux de Saint Christau, (Basses-Pyrénées)”. Lurbe-Saint-Christau é uma estância termal situada na comuna dos Pirinéus Atlânticos, no sudoeste da França.

vessado por ribeiras e regatos que cantam aquela alegre, cristalina, límpida música da água – música que apazigua, cura e tanto ensina! – perfumado por mil deliciosos aromas em que predomina o feno cortado, a hortelã e a baunilha, rodeado por estradas de sonho... Defronte do meu quarto um lago, entre hortênsias cor-de-rosa e que ao romper da manhã, quando fecho¹¹ a janela, está tão cor de rosa como as hortênsias...

Mas todos nós sabemos como Eva se aborrecia entre as maravilhas sem par do seu Jardim Paraíso...

A vida repete-se... Aborreço-me quase tanto como essa minha remota Parenta... E nem sequer tenho a oportunidade de induzir ao pecado o meu companheiro Adão... *Il n'y a pas d'Adão*¹²...

Há neste momento uma senhora – nova ou velha? bonita ou feia? não sei, mas artista, inteligente com certeza – que toca divinamente um noturno de Chopin... Oh! se ela tocasse sempre! Se ela tocasse sempre e assim misteriosa, invisível, eu não me aborreceria nunca mais... Ficava o dito por não dito...

Acabaram-se os livros. *Ces rares compagnons* que me ajudaram a esquecer docemente as horas... *La vie Amoureuse de la Belle Hélène* não me interessou tanto como esperava, embora escrita por essa adorável, feiticeira Gerard d'Houville¹³ – ah! quem soubesse escrever assim! – A belle Hélène, filha de Leda e do Cisne está longe demais... Tróia já ardeu tantas vezes que o seu incêndio deixou de apaixonar-nos. Prefiro a *Vie Amoureuse de Josephine* pela mesma autora. *La Steppe Rouge* de Kessel¹⁴ é admiravelmente feito, como tudo que ele escreve.

¹¹ Provável engano da autora que, em vez de “fecho”, deveria querer dizer “abro”.

¹² Não há nenhum Adão...

¹³ Gerard d'Houville é o pseudónimo de Marie-Louise-Antoinette de Régnier (1875-1963), filha do poeta José-Maria de Heredia, romancista e poetisa francesa cuja vida literária se iniciou em 1903, com a publicação da sua primeira obra, *L'Inconstante*. Em 1928 foi a vez do aparecimento de *La vie amoureuse de la Belle Hélène*, precedida, em 1924, pela publicação de *La vie amoureuse de l'Impératrice Josephine*, referida logo de seguida. A Belle Hélène referida no título reporta-se à figura de Helena de Tróia, a bela mulher filha de Leda e Zeus, cujo rapto deu origem à guerra de Tróia.

¹⁴ Joseph Kessel (1898-1979) é um romancista francês nascido na Argentina. *La Steppe Rouge* é a sua primeira obra, publicada em 1923, e retrata, em sete

Para reler trouxe também *Du sang, de la volupté e de la mort* de Maurice Barrès¹⁵.

Já devorei tudo. Restam apenas os jornais. Salto nos crimes, com uma curiosidade apaixonada, que é a minha maior vergonha. Tal e qual como as cozinheiras e as *concièrges* saltam nos folhetins –

Tenho-me interessado à *doida* – disso não me envergonho – pelos aviadores perdidos na neve. Tcha...¹⁶ não sei o quê, o russo que descobriu parte desses heróis, reabilitou nobremente a república dos soviets. –

Isso, assim dito à *la diable*¹⁷, enquanto uma misteriosa delicada artista toca Chopin para mim – só para mim, deixem-me ter essa ilusão – um pouco da minha quieta, monótona vida neste cantinho verde dos Piri-néus. Com pena de si e porque sei que as maçadas de há muito estão proibidas, não lhe conto também os numerosos tratamentos, quantas vezes durante o dia me visto, me dispo, subo e desço a escada, tomo banhos, tomo duches, bebo água, consulto o médico etc. – Daqui, se Deus quiser, volto para o Hameau¹⁸, a 2 ou 3 de agosto. Depois ... não sei – quem pode fazer projetos – "bolinha de sabão que um leve sopro arrasta..."

Tenho sim, muitas saudades da minha terra, do seu céu incomparável, do seu mar tão azul, das suas poesias, das suas panteras...

novelas distintas, episódios dos primórdios da recém-criada União Soviética, repletos de terror e violência do novo regime comunista.

¹⁵ Auguste-Maurice Barrès (1862-1923) foi um político e escritor francês que deixou obra em vários registos: novelas, teatro, escritos políticos e livros de viagens. *Du sang, de la volupté, de la mort: un amateur d'âmes. Voyage en Espagne; Voyage en Italie, etc* é, precisamente, uma dessas obras de viagens, publicada em 1894.

¹⁶ Boris Grigoryevich Chukhnovsky (1898-1975) foi um piloto russo, explorador do Ártico, que participou no resgate do dirigível "Italia" em 1928. Luzia refere-se à operação de salvamento que envolveu várias nações. O "Italia", da Força Aérea Italiana, caiu no Polo Norte a 25 de maio de 1928 e muitas das várias tentativas de recuperação dos sobreviventes terminaram mal devido às condições atmosféricas, com quem deveria socorrer a ter de ser socorrido, tendo muitos perdido a sua vida. Só em julho desse ano é que se conseguiu retirar a última equipa de salvamento do local.

¹⁷ Descuidadamente.

¹⁸ Aldeia, lugarejo.

Mas quando as matarei? Um dia... Um dia. – E ainda que ele tarde, vou eu dizendo "Um dia..." É uma boa maneira de enganar o coração – Adeus. Mande-me o seu livro – Espero-o com o maior interesse – Saudades à Teresa.
Mil para si da sua amiga,

Luísa

Carta n.º 4¹⁹

Hameau-Pau, Route de Morlaàs²⁰, 9 de outubro de 1928

Senhora Pantera,

É capaz de estar muito zangada comigo. Mas recolha as garras... *Je vous en prie.*²¹ O meu silêncio não quer dizer falta de amizade ou falta de lembrança – apenas pouco ânimo e sobretudo... poucos olhos para escrever – E quanto à sua intuição que raras vezes a engana... Mande-a passear. Enganou-a desta vez. Interesse-me sempre por si, pelo seu lindo talento, pelos seus versos tão originais, tão seus, por tudo enfim que lhe diz respeito.

O pressentimento de que eu voltaria a Portugal com o outono foi falso também. Porque de todas as estações é esta a mais linda em França – quis gozá-la com o que me resta de olhos, quis devorá-la para ficar a vê-la em pensamento – se a má sorte – quiser que, em realidade não a

¹⁹ Papel timbrado “LG”.

²⁰ A “Route de Morlaàs” é uma rua localizada em Sedzères, na região de Morlaàs e de Montanerès, Nova Aquitânia, França.

²¹ Peço-lhe.

veja nunca mais – E aqui estou *sous le Charme*²² de tantas coisas lindas e tristes, que se enfeitam para morrer, a imagem de certas almas. –

Temos tido uma série de dias maravilhosos, transparentes: os dias de cristal de Madame de Sévigné²³.

Diz a Fernanda que o outono é menos triste em Portugal. Mas roubar a tristeza ao outono é roubar-lhe o seu maior encanto... E a respeito da palavra coração ocupar ainda um grande lugar na nossa terra, responder-lhe-ei que dela se abusa terrivelmente, como se abusa de todas as palavras. Há a mania de *afficher*²⁴ o sentimentalismo. E eu prefiro aquele que se cala, que se esconde, que finge rir, para não chorar.

Mas reparo que estou a dar-lhe a volta a si em tudo. Não se zangue, Pantera!

Diz-me mal dos seus últimos versos. Pois vou contrariá-la outra vez. Não acredito que faça versos maus! E o seu romance? Estou desejando lê-lo, mas não mo mande para aqui porque eu não devo ler – faz-me mal aos olhos – e a minha leitora é francesa – em Lisboa mo dará – Quando? Não sei ainda. Talvez em novembro – Tenho pena de deixar o meu querido *Hameau* e o meu “*douce Monastère*”²⁵. Mas tenho também muitas saudades do céu de Lisboa, das minhas amigas de Lisboa...

Nada escrevi durante estes quase dez meses em França – escolho o assunto, a epígrafe, o título e... Não vou mais longe. Encontro um anjo com espada de fogo a proibir-me a entrada desse Paraíso que era, para mim, o Trabalho. – Até escrevo com um grande T. –

Em compensação tenho lido ou antes ouvido ler muito, desde a *Magie Noire* de Paul Mourand²⁶, que me deixou espavorida – Apre! com

²² Sob o encanto, seduzida.

²³ Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), conhecida como Madame de Sévigné, foi uma epistológrafa, cujas cartas, escritas para a sua filha, Madame de Grignan, constituem um marco da literatura francesa. O testemunho que essas cartas preservam é de grande importância para o estudo do quotidiano do seu tempo, bem como sobre a vida das personagens que as povoam.

²⁴ Mostrar, exhibir.

²⁵ Localidade situada na Occitânia, a sudoeste da França.

²⁶ Paul Mourand (1888-1976) foi um diplomata e escritor francês, que se tornou conhecido pela irreverência na abordagem de temas considerados ousados. É o

tanto preto! – até o novo romance do meu querido André Maurois²⁷ –
um verdadeiro encanto –

E adeus por hoje, senhora Pantera.

Um abraço da sua amiga,

Luísa.

Carta n.º 5²⁸

23 de março de 1931

Minha Querida Maria Fernanda,

Venho agradecer-lhe a sua boa companhia na minha tão pouco...
pontual despedida (mas a culpa não foi minha) e também dar-lhe as
informações que me pediu –

Este hotel é bastante caro *par le moment* porque ainda estamos na
season, com vasta inglesaria, mas talvez quando chegarem, ela já tenha
acabado e os preços comecem a diminuir. Atualmente pago por mim,
e pela minha criada, 140 escudos (com quarto de banho, sem ele já é
mais barato), o chá da tarde e o pequeno-almoço são incluídos nesta
quantia. O hotel Reid é muito mais caro e dizem que não muito me-
lhor. Qualquer deles fica um pouco fora do centro da cidade. Preferindo

que acontece com este *Magie Noire*, obra dedicada à descrição de viagens pela
África Negra, o que deixa a autora “espavorida” com “tanto preto”.

²⁷ André Maurois (1885-1967) foi, primeiro, pseudónimo de Emile Salomon
Wilhelm Herzog, que posteriormente, em 1947, o tornou nome legal. Roman-
cista renomado, foi membro da Académie Française, e em 1928 publicou três
obras: *Climats* (considerada a sua obra prima e provavelmente aquela que Luísa
refere), *Voyage au pays des Articoles* e *Le pays des trente-six mil volontés*. *Climats*
narra a história de dois fracassos conjugais, temática que Luzia bem conhecia.

²⁸ Papel timbrado “Savoy Hotel, Funchal, Madeira”.

vocês o centro, o que talvez mais lhes convenha por causa de todas as *démarches* para as conferências, têm um hotelzinho muito bom mesmo na entrada da cidade, o *Golden Gate*. Eu nunca lá estive, como venho sempre para demorar-me prefiro estes mais afastados, mas o Aires de Ornelas²⁹ ia às vezes para lá e gostava muito da comida – Esse é bastante em conta. Julgo que poderão ter um quarto por 40 ou 45 escudos (cada um, bem entendido).

Sobre as conferências, o meu amigo Feliciano Soares³⁰, que deve partir no princípio de abril para Lisboa a levará, mas para o resto, estou sempre pronta. Não me canso, como em Lisboa, porque as horas são inglesas, não há noitadas – Também não há barulho. É uma doce continuação da minha vida de Pau, apenas com mais flores, mais luz e de frente dum mar que tem hoje a mansidão de um lago –

Mas quase não me fica um momento livre – Escrevo-lhe a correr. Desculpe a trapalhada.

Mil saudades ao António Ferro³¹, um grande abraço para si da sua mui amiga e grande admiradora

Luísa

P.S.: Perdoe os borrões!

²⁹ Aires de Ornelas Vasconcelos (1866-1930) foi um militar e escritor madeirense, monárquico, e também 15.º senhor do Morgado do Caniço, que tratou temas sobretudo ligados à guerra e ao império colonial português.

³⁰ Feliciano Soares (1886-1952) foi um escritor de algum relevo nas letras madeirenses, mas igualmente jornalista e diretor do *Diário de Notícias*. Natural de Aveiro, veio para a Madeira por ter casado com Laura Veridiana de Castro (1870-1964), igualmente escritora e amiga pessoal de Luísa.

³¹ António Joaquim Tavares Ferro (1895-1956), marido de Fernanda de Castro, era filho de António Joaquim Ferro e Maria Helena Tavares Afonso. Jornalista, cronista, ficcionista, poeta, intelectual estimado, foi um grande vulto da política cultural do Estado Novo, esteve ligado ao projeto da revista *Orpheu* (1915) e foi diretor da revista luso-brasileira *Atlântico*. Foi diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (1933/1944), diretor do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (1944/1950) e diplomata (1950/1956). Autor de diversos livros, foi agraciado pelo governo português, francês, inglês, espanhol, italiano, brasileiro e também pelo da Roménia.

Carta n.º 6Savoy Hotel, Funchal, 3 de abril [1931]³²

Minha querida Maria Fernanda

Os meus amigos nunca me maçam – antes me dão prazer – quando em alguma coisa se utilizam do meu aliás fraquíssimo préstimo. Logo que recebi a sua carta pedi para me começarem a anunciar nos jornais as conferências do António Ferro, o que, pelo menos no de *Notícias* – o mais importante e mais lido – já duas vezes se fez. Calculo que também o terão feito nos outros, mas não quero afirmar porque não vi e eu sou do número das pessoas que só afirmam aquilo de que têm a certeza. O antigo diretor do *Notícias* que, como lhe disse, deixou agora de sê-lo, porque (sic) por motivos de falta de saúde e necessidade de uma mudança, parte no dia 6 para Lisboa, tem-se *interessado imenso*, preparando tudo no jornal para este fazer o *maior réclame* às conferências – até se lembrou de pedir desde já licença para estas se realizarem no Teatro. – Será pena se não puder avistar-se com o António Ferro na sua chegada a Lisboa, como digo, ele deve partir no dia 6, chegando aí a 8. Talvez ainda seja possível encontrarem-se, o que eu muito desejava, porque muito melhor do que a minha pessoa, ausente da Madeira há perto de dez anos e além disso com pouca... nenhuma prática dessas coisas, ele poria o António Ferro ao facto de tudo que deve fazer e *ajudá-lo-ia* mesmo de longe, pois tem aqui muitos amigos e bastante influência. Quando o Cristóvão³³ agora aqui veio e com um resultadão – fez duas conferências, ao Feliciano Soares deve tudo.

³² Alberto Henriques de Araújo substituiu Feliciano Soares em abril de 1931 como diretor do *Diário de Notícias*.

³³ Cristóvão Aires de Magalhães (1854-1930), militar e historiador, casado com Maria do Carmo, irmã de Maria Amália Vaz de Carvalho, cujo salão frequentava.

Quanto a mim, embora o António Ferro não queira que se lhe prepare atmosfera porque o seu nome é conhecido de todos que leem... que *sabem ler*, ando por toda a parte, cantando os seus louvores...

O Feliciano Soares levará uma carta para o seu marido e se se virem, como é meu grande desejo, dir-lhe-á tudo que possa interessá-lo e servir-lhe neste caso.

Tenho pena, *muita pena* que não venha, inspirar-se nas lindas flores da Madeira, que merecem os seus lindos – lindíssimos! – versos. Mas compreendo a razão. Sim. Todos nós somos agora forçados a várias operações aritméticas e infelizmente as de multiplicar vão-se tornando raras. É preciso diminuir e... mais diminuir. *Quelle débîne*³⁴. Já deve ter recebido uma carta em que lhe contava as peripécias das tormentosas viagens... Também aqui houve chuva, vento... Também se desfolharam e estragaram as flores roxas e vermelhas da *bougainville*, mas agora temos um maravilhoso tempo – Hoje o Funchal está cheio de *touristes* que nos trouxe um grande vapor alemão! Como eles devem achar linda esta terra. Certamente julgam-se no Paraíso e porque se demoram apenas umas horas não veem... a *serpente*... Ai de nós! A serpente escondida no fundo de todos os paraísos – Adeus por hoje, querida Maria Fernanda. Dê mil saudades ao seu marido. Aceite um abraço da sua amiga

Luísa

P.S. Sobre as *démarches* a fazer antes de embarcar e desembarcar... confesso que não sei. Aqui deve certamente visitar as redações dos jornais e... *dar-lhes muito mel pelos beiços*... Talvez arranjar alguma recomendação para o alto Comissário (que eu não conheço. O *mondo* oficial pode bastante, creio eu...) mas *sobretudo* que procure encontrar-se com o Feliciano Soares. Ele parte no “Carvalho de Araújo”³⁵ e vai para York House³⁶.

³⁴ Que miséria.

³⁵ Navio de passageiros e carga, da Empresa Insulana de Navegação. Lançado à água em 1929, destinava-se a ligar Lisboa e os arquipélagos dos Açores e Madeira. Propulsionado a vapor, tinha 113 metros de comprimento e podia transportar 256 passageiros. Navegou entre 1930 e 1970.

³⁶ Trata-se do atual *York House Hotel*, na rua das Janelas Verdes, fundado em 1880 por duas senhoras inglesas num edifício que era um antigo convento do séc. XVII.

Carta n.º 7

Funchal, Quinta Nogueira, 6 de novembro de 1933

Querida Fernanda,

Outro longo silêncio, mas dele são únicos culpados os meus maus olhos que têm andado *péssimos*. Conjuntivites sobre conjuntivites a impedirem toda a aplicação. Eis o motivo, bem involuntário, como vê, porque não lhe disse mais cedo o grande prazer que me deu a sua carta e quanto gostei dos seus lindos, sugestivos versos! Gosto de todos que faz. É a minha poetisa de predileção. Tem imenso sentimento, sem nunca ter a detestável *sensiblerie*³⁷, digamos *pieguice*, para que não me saltem em cima os nacionalistas em peso!

Interessou-me e fez-me crescer água na boca o que me conta das 6 semanas passadas em Paris. Mais ainda dos dois dias em Fontainebleau, colhendo *muguets*³⁸ na floresta... Ah! que saudades eu tenho dos *muguets*, *lily of the valley* chamam-lhe os ingleses e o nome é ainda mais bonito... Mas eu hei de ter sempre saudades de alguma coisa, resultado do tanto que espalhei por esse mundo o meu coração!

Parabéns, embora já muito tardios, pelo exame do menino. Tem a quem sair na inteligência, ignoro se na aplicação, pois desconfio... quero mesmo desconfiar, que a mãe foi preguiçosa... Eu tenho um fraco pelos preguiçosos... de resto lá o disse um poeta ... *Les paresseux ont toujours*

³⁷ Sentimentalismo.

³⁸ Lírios do vale. Em *Ao fim da Memória*, de Fernanda de Castro: “Assim, ao falar das violetas e das *fraises des bois*, lembrei-me, inevitavelmente, de By, a casa dos nossos amigos Gregh, na floresta de Fontainebleau. lembro-me ainda melhor das horas que passámos, a Geneviève e eu a procurar o *muguet* no dia primeiro de maio e também da nossa alegria ao encontrarmos a primeira flor, enquanto o Fernand Gregh, recém-chegado da Academia Francesa, revia as provas do seu último livro de versos.

*été des gens aimés des dieux*³⁹... Mas bem entendido não desejo que a preguiça – doce pecado – atinja os seus livros. Há quanto tempo espero por aquele de que já conheço alguns tão lindos versos: *D'aquém e de além alma*⁴⁰ – por sinal que não gosto do título, desculpe – Ainda não o acabou? Não mo manda para o Natal, como *étrenne*⁴¹ que tanto prazer me daria?

Quanto ao seu sonho dos Parques Infantis⁴² é na verdade um maravilhoso sonho, mas receio, quer dizer, tenho a desoladora certeza, de que não passará do sonho... todas as instituições de caridade atravessam uma crise terrível, como e onde poderá arranjar dinheiro para dar realidade à sua linda ilusão? Aqui andamos todos a braços com mil coisas já feitas – em novas ninguém pensa – Asilo de velhinhos, Asilo de crianças – Artes e ofícios⁴³, lactários⁴⁴, proteção à pobreza envergonhada, sopas económicas etc. – que só por milagre se aguentam de pé!

³⁹ Os preguiçosos sempre foram amados pelos deuses.

⁴⁰ Livro de poemas de Fernanda de Castro que viria a ser publicado em 1935.

⁴¹ Prenda de Ano Novo.

⁴² Os Parques Infantis de Fernanda de Castro eram Jardins-escola em que as crianças recebiam diariamente formação escolar, 4 refeições, acompanhamento médico diário, espaço exterior de lazer, aprendiam música, canto, teatro, arte de dizer, pintura... O sonho referido no texto está à beira de se concretizar uma vez que a Associação Nacional de Parques Infantis foi fundada a 27 de Dezembro de 1933, tendo Fernanda de Castro sido a sua fundadora e única presidente durante 40 anos. Os 5 Parques foram entregues à Misericórdia de Lisboa em 1970 por já não ter saúde para os dirigir e angariar fundos. Ainda estão activos dois: Parque das Necessidades, com uma Escola Fernanda de Castro, e Santa Catarina. Luísa não tinha, portanto, razão no sombrio vaticínio que proferiu.

⁴³ A Escola de Artes e Ofícios fora fundada em 1921 pelo padre Laurindo Pestana, e destinava-se a promover a escolarização e profissionalização das crianças pobres da sua paróquia – a do Socorro. Em 1950, um ano antes do falecimento do fundador, passa para as mãos dos padres Salesianos, tornando-se, então, a Escola Salesiana de Artes e Ofícios.

⁴⁴ O Lactário do Funchal foi uma instituição de benemerência fundada por D. Maria Eugénia de Canavial (1863- 1945), senhora que dedicou toda a sua vida à ajuda dos desvalidos, mas sobretudo às crianças e que, por isso, veio a receber a Comenda do Grande Oficialato da Ordem de Benemerência. Hoje a instituição chama-se Centro Infantil/ Escola Maria Eugénia de Canavial.

Apesar da minha descrença, se vivesse em Lisboa, procuraria ajudar com alguns míseros escudos, mas como sou agora madeirense acho que devo empregá-los na terra escolhida para passar os meus últimos anos ... ou dias – nunca se sabe – e que tanto precisa de auxílio. Aqui tem porque esta... paciente não se deixa *sangrar*... Gostava de vir ver-me? Quanto eu gostaria de vê-la também e de conversar longamente consigo!

Daqui a dois ou 3 meses o meu jardim estará todo em flor... Tenho plantado, plantado... Nem tudo cresce, nem tudo nasce. Mas de tanta semente lançada à terra, o que vier dará largamente para enfeitar os caneteiros, *alegretes* como se lhe chama no querido Alentejo... E já tenho uma *bougainville* vermelha que é o meu prazer e a minha glória.

Plantei-a há vinte anos, quando daqui parti. Faz parte do meu passado, da minha mocidade, da minha ilusão...

Que mais lhe hei de dizer? Vivo numa grande solidão que muitas vezes acho triste – Se pudesse ler e escrever quanto quero, nunca a acharia... Todos os dias tenho uma hora de leitura... Oh! Sorte grande, descobri um francês que lê admiravelmente! – Oásis no deserto. Acabei de ouvir *Printemps*, de uma escritora norueguesa⁴⁵. Decerto conhece. *Printemps* está doidamente à moda. Eu, que não estou – nunca estou, graças a Deus – acho-lhe algumas páginas admiráveis, mas o todo maçador, *repisador* – palavra que diz tanto. Em todo o caso interessou-me. Gostei muito da *Mayerling* por Claude Anet⁴⁶. Agora algumas ótimas conferências têm feito as minhas delícias, sobretudo a de René Benjamin⁴⁷ – escritor muito da minha predileção – que ironia

⁴⁵ Sigrid Undset (1882-1949), escritora de origem norueguesa-dinamarquesa que ganhou o prémio Nobel em 1949. *Printemps (Primavera)* foi publicado em 1914 e retrata temas pouco usuais para a época, como o aborto e a violação dentro do casamento.

⁴⁶ Claude Anet, pseudónimo de Jean Shopfer (1868-1931), um tenista francês de origem suíça, que também se dedicou à escrita. *Mayerling*, uma das suas obras, tem como tema a tragédia que vitimou o arquiduque Rudolfo, herdeiro do imperador austro-húngaro Francisco José.

⁴⁷ René Benjamin (1885-1948), escritor francês que em 1915 recebeu o prémio Goncourt pelo seu romance *Gaspard*.

tão francesa! – sobre os *Éblouissements*⁴⁸ da condessa de Noailles⁴⁹.
Diga-me o que há de bom para eu mandar vir, sim?

Mil saudades ao António Ferro.

Espero que ele tivesse recebido a minha carta. Agora, pantera – para mim sempre tão mansa – recolha as garras, abra os braços para acolher as mil saudades da sua amiga

Luísa

Desculpe a letra e a trapalhada.

Carta n.º 8⁵⁰

7 de agosto de 1934

Minha Panterazinha,

Saí de Lisboa sem dizer-lhe sequer: *Maybe te escreva!*... O que pensaria de mim? Muitas coisas feias, decerto, e aparentemente merecidas, mas só aparentemente. Tinha feito tenção de ir uma tarde vê-la e ver a sua quinta. Não pude fazê-lo. Os meus últimos dias lisboetas foram de cansaço e doença. Quis adiar a partida, tão extenuada me sentia, mas o meu médico empurrou-me e aqui estou a morrer de tédio neste Royal

⁴⁸ Brilho, deslumbramento.

⁴⁹ Referência à obra *Au soleil de la poésie. Sous l'œil en fleur de Madame de Noailles*, publicada em 1928. A Condessa de Noailles, de seu nome Anne Claude Louise d'Arpajon (1729-1794), que pelo casamento se passou a designar como Duquesa de Mouchy, pertenceu ao círculo íntimo das rainhas Marie Leszczyńska e Maria Antonieta. Morreu na guilhotina, bem como outros membros da sua família.

⁵⁰ Papel timbrado “Hotel Thermal Royal, P. de D.”. Puy de Dôme é uma montanha de origem vulcânica na zona central de França, a 10 km de Clermont-Ferrand.

que detesto. Como aliás detesto todas as *villes d'eaux*⁵¹, elegantes e de-selegantes, para novos ou para velhos. – Royal é quase exclusivamente para velhos. Os corações desafinam depois de terem trabalhado muito e são eles que aqui trazem toda a gente – hoje ainda por cima chove, chove como na canção de Verlaine⁵², *Sur la terre et dans mon coeur...* Tudo parece mais triste e maior tédio exala...

Pela Teresa sei que está em Cascais e também que está a contas com um ferimento debaixo do braço. Há três anos tive mais de vinte (não exagero) nesse mesmo lugar, que maçada, pobre *ferazinha!* Uma doença que torna ferozes mesmo os que são mansos, quanto mais... *Je vous taquine*⁵³! Comigo foi sempre não só mansa, mas encantadora. Desejo as suas melhoras. Se os ferimentos teimarem, consulte o Morais Cardoso⁵⁴. Só ele me deu remédio. Diga-lhe que vai da minha parte. Como está o seu pequeno? Deus queira que já de todo curado.

Escreva-me. Deve estar sol aí – Se não lhe apetecer falar-me de outra coisa – fale-me do sol, para me consolar do negrume deste céu –

Saudades ao António Ferro.

Um abraço muito amigo para si,

Luísa

⁵¹ Termas.

⁵² Paul Verlaine (1844-1896), grande poeta e figura maior do simbolismo francês. O tempo chuvoso que se fazia sentir fez evocar o poema de Verlaine *Il pleure dans mon coeur*, que liga a chuva ao seu desgosto.

⁵³ Estou a meter-me consigo.

⁵⁴ Morais Cardoso, dermatologista.

Carta n.º 9

Funchal, Quinta Nogueira, 15 de fevereiro [1935]⁵⁵

Querida Maria Fernanda, querida panterazinha... mansa, está muito zangada comigo? Não esteja. Deste grande silêncio só tem culpa a minha saúde cada vez pior, que me tira o ânimo para tudo, mas absolutamente para tudo! O coração muitas vezes tem estado comigo...

Quis responder logo à sua carta e nem sei quantos meses passaram sem que o fizesse. Perdoará?

Sem que lho dissesse também desejei-lhe mil... milhões de coisas boas no Natal e para este novo ano... velho já de três meses. Se Deus lhe der todas, fica uma Princesa da Grã-Ventura – Para mim desejei receber o seu novo livro. Tinha-mo anunciado no Natal! Mas não veio... Ainda não apareceria ou esqueceu-se de mim? Esta última parte não merece quem tanto a admira... mas o bem como mal alcança-se sem merecer... Quanto ao título, não lembrei outro porque para isso precisava conhecer a fundo o espírito ou a alma – mais depressa a alma – deste seu novo trabalho e... não conheço – a uns versos lindos que lhe ouvi ainda em Lisboa, gostaria de chamar “*Ternura*”, nome que diz tanto, diz muito mais do que o amor, porém os outros?

Parabéns por ir a caminho de realizar o sonho que tão irrealizável me parecia embora eu acredite naquelas palavras, já não me lembro de que escritor francês – perco tudo, até a memória! – “*Un grand désir ne connaît pas d’obstacle*”⁵⁶. O que lhe ficaram devendo as criancinhas de Lisboa!

Outra alegria *muito sincera* para o meu muito amigo coração: saber que foi traduzido em francês – acabará por sê-lo em todas as línguas, espero e desejo – o *Salazar* do António Ferro⁵⁷. Se ele já estiver de volta a Lisboa, diga-lhe isto da minha parte.

⁵⁵ Datação que considera a data da edição em francês de *Salazar* (1934) e a preparação de *Almas e Terras onde eu Passei*, publicado em 1936.

⁵⁶ Um grande desejo não conhece obstáculos.

⁵⁷ *Salazar: Le Portugal et son Chef*, prefácio de Oliveira Salazar, Paris, Éditions Bernard Grasset, 1934.

Quanto ao seu desejo que é também meu, de vir à Madeira – parece-me a melhor época para conferências, de janeiro a fim de março – A minha ilha não é muito intelectual, dança, joga o *tennis* e toma *cocktails* muito mais do que lê, em todo o caso pode ser dado o valor e o dom de simpatia dos conferentes que alguma coisa se consiga. O fim do ano, com as festas que aqui trazem tanta gente e são realmente deslumbrantes e únicas no género! – também me pareceria bem escolhido para a vossa visita, mas fica tão longe!!

Antes disso conversaremos, se Deus quiser. Tenciono passar por Lisboa em abril ou maio – e se a sua vinda aqui for mais cedo, avise, para eu ir preparando a atmosfera.

Tivemos neve este ano, mas neve a valer! As montanhas deram-se ares de Pirinéus, fazendo-me tantas saudades da querida França! E como as casas não estão preparadas – nem por sombras! – para o frio, batemos os dentes! Tudo acaba, tudo muda, até o nosso doce clima! A neve já se derreteu, mas o frio cá está. Passo os dias ao pé do único fogão que, por um acaso de ventura encontrei na minha sala. Leio um pouco – quanto me consentem os pobres olhos – oiço ler e o resto do tempo converso, em espírito e em saudade, com os ausentes e os mortos –.

De longe em longe jogo o *bridge*, um *bridge* que à força de científico, de... cheio de regras e mais regras, acaba por tornar-se uma estafa. Em tudo preciso de um bocadinho de fantasia e este jogo, importado diretamente do *Portland Club*⁵⁸, não admite fantasias. Por isso prefiro o canto do fogão, com a conferência de Francis de Croisset⁵⁹ sobre a Condessa de Ségur⁶⁰ – encanto da minha infância, de todas as infâncias,

⁵⁸ Clube fundado em Londres em 1814, designando-se então Stratford Club. Em 1825, vem a mudar de nome e torna-se conhecido como Portland, e como o mais antigo definidor das regras do whist e do bridge.

⁵⁹ Francis Wiener de Croisset, de seu nome Edgar Franz Wiener, (1877-1937) foi um dramaturgo, romancista e libretista belga.

⁶⁰ A Condessa de Ségur, ou Sophie Rostopchine (1799-1874), de origem russa, foi uma conhecida como autora infantil francesa, conhecida como a criadora da personagem “Sophie”, vítima da madrasta, Dona Fichini, e sempre metida em apuros, enquanto seus primos (e amigos) são bem comportados e seguidos

penso. Também escrevo algumas vezes. Tento acabar o meu livro *Terras e Almas onde eu Passei – Et voilà*. Pouco divertido, como vê.

Mande-me as suas notícias, do marido, dos pequenos. Tudo me interessa.

Um grande abraço,

Luísa

Carta n.º 10

Quinta Nogueira, 18 de fevereiro de 1938

Querida Fernanda,

Pelo que acontece comigo passo a não duvidar que o inferno esteja cheio de boas intenções... A verdade é que a minha foi de escrever-lhe logo que recebi a sua carta e aqueles lindos, lindíssimos versos, que ponho no número das coisas consoladoras, *compensadoras* da tristeza de viver. *Thing of beauty [is a] joy forever*⁶¹ ... e que *thing of beauty* eles são! *Adorei-os*, – não é demais a palavra! – quem faz versos assim não tem o direito de estar neurasténica e ainda menos de perder tempo nas festinhas e festanças do mundo, vou mesmo acrescentar, ainda que o António Ferro me fulmine, e até nas do Secretariado da Propaganda.

Preciso dar a ler a minha rica pantera, pelo bem que sabe dizer o que tantos outros sentem, mas não dizem, e pelo prazer que deu a esta desterrada de todas as coisas do espírito... porque a Madeira e o... espírito

por uma mãe amorosa (*Les Malheurs de Sophie*, *Les Petites Filles Modèles* e *Les Vacances*).

⁶¹ Primeiro verso do poema de John Keats, *Endymion*, *Book I*, publicado em 1818, em Londres. O poeta exprime a perenidade da felicidade que a beleza de um objeto, natural ou não, causa no homem, apesar da passagem do tempo.

há muito divorciaram... Nem eu mesma sei como, nesta estupidificante atmosfera, ainda tenho coragem de trabalhar. Entretanto trabalho, duas horas por dia, na minha novela, não sei se é melhor como pretende Clarinha⁶², sem dela ter lido uma única palavra!... estupenda mulher, nunca ouvi mentir tanto! – ou pior do que os meus outros livros, mas como dizia Taine⁶³ o trabalho é a maneira de *escamotear* a vida, para mim é também uma *échappée*⁶⁴ de tantas maçadas que vêm ao meu caminho, se perdesse a faculdade de fazê-lo, perdia o meu grande, quase único interesse. O pior – como sabe em tudo há o reverso da medalha – está no pouco tempo que fica para a correspondência. Só de manhã tenho cabeça de... gente, depois vem a falta de ideias e de coragem. Sintomas da neurastenia, infelizmente sua conhecida e para mais nada sirvo. Tem sido este também um dos motivos do meu silêncio. Mas hoje, está decidido... Ana Guiomar não escreverá a Nuno⁶⁵... E eu escreverei à minha querida Panterazinha, que pretende já não ser Pantera... – Espero que ainda seja, tinha pena se não fosse! A demasiada mansidão diz mal com seus olhos e perder-se-ia, para mim, o grande prazer de... domesticá-la.

A sua carta afligiu-me por senti-la triste e cansada, sem poder arranjar tempo para tratar do corpo e da alma. Depois pela Teresa, soube que o Eduardo Coelho⁶⁶, médico de *todas as damas* – talvez por isso embirrou com ele e não o queria para mim... – teve o bom senso de mandá-la fazer uma cura de repouso na Abrunhosa.

⁶² Clarinha era o pseudónimo literário de Carlota Serpa Pinto (1872-1948), filha de Alexandre Serpa Pinto, o explorador africano. De origem nobre, é afilhada dos reis D. Carlos e D. Amélia, e funda, com amigas, como Veva de Lima e Branca de Gonta Colaço, um salão literário em Lisboa onde as mulheres eram bem-vindas. Foi, também, escritora e autora de vários volumes, entre os quais se conta a biografia do pai – *A Vida Breve*.

⁶³ Hippolyte Taine (1828-1893), crítico e historiador francês, membro da Academia francesa, foi um dos expoentes do Positivismo do século XIX.

⁶⁴ Escapadela.

⁶⁵ Personagens do romance epistolar de Luzia *A Última Rosa de Verão*.

⁶⁶ Eduardo Coelho (1896-1974), cardiologista e docente do ensino superior, foi também autor de várias obras de temática médica.

Pelas minhas contas ainda lá deve estar, mas espero que a carta lhe chegue às mãos e que me escreva brevemente e me dê melhores notícias.

Tive muita pena que não pudesse vir à Madeira. Precisa consolar-me com aquele tão português e... tão paciente, – outra vez será... lembrando à força de dizê-lo, de esperar a tal... outra vez e nunca a ver chegar, já vejo com menos confiança e menos paciência. Não sei se o clima seria dos melhores para a sua neurastenia, quanto à minha pessoa, visto fazer-lhe o efeito de um calmante, tudo experimentaria *pour vous remettre d'aplomb*⁶⁷. No outono, quando, se Deus quiser, eu passar por Lisboa, já não precisará de calmantes, eu é que precisarei da sua alegria, da sua fantasia, dos seus versos que embalam e daqueles deliciosos passeios que são um dos maiores atrativos. Na viagem tão fatigante – sinto-me tão doente e tão velha! – embora bem curta, que agora empreendo. Este ano irei um pouco mais longe, julgo. A cruel faculdade empurra-me para Royat, onde decerto me espera em vez do seu lindo sorriso acolhedor, uma careta da odiosa Gabrielle Réval⁶⁸... quem me dera encontrar nessa *ville d'eaux*, tão secante como todas as *villes d'eaux*, o seu amigo Maeterlinck⁶⁹ e o que é mais, conhecê-lo. Sabe em que época ele costuma lá estar? Eu tenciono ir no fim de julho ou princípio de agosto.

Querida Fernanda, escreva. Diga-me o que há que valha a pena ler-se. Conhece *Faux Passeports*⁷⁰? Algum tanto revolucionário como esta sua amiga, isto é: um pouco mais e decerto com meus *dilletantismes*, mas *tão humana*, tão interessante! Fale-me da Teresa. Tenho uma pena dela que nem sei dizer-lhe! Que calvário, pobre rapariga!

⁶⁷ Para recuperar a sua saúde.

⁶⁸ Gabrielle Réval, pseudónimo de Gabrielle Élise Victoire Logerot (1869-1938), ensaísta e escritora francesa, aborda em alguns dos seus romances a vida das raparigas e o seu lugar na sociedade, como em *Lycéennes* (1902) e *La Bachelière* (1910).

⁶⁹ Maurice Polidore Marie Bernard Maeterlinck (1862-1949) foi um dramaturgo e poeta belga de língua francesa, com vasta obra publicada

⁷⁰ *Faux Passeports*, um romance que relata atrocidades do estalinismo, escrito por Charles Plisnier (1896-1957), um romancista belga, ideologicamente à esquerda. Foi o primeiro estrangeiro a ganhar o prémio Goncourt.

De todas as maneiras muito tem sofrido neste mundo! E basta por hoje. Já não deve ser pequeno trabalho – pequena maçada, decifrar todas essas páginas das minhas horríveis garatujas que eu própria não entendo! Abraço-a com ternura e saudade

Luísa

P.S.: Não desisto que seja minha amiga?! Acredito, descansada. Apenas digo: *Pourvu que cela dure*⁷¹... já teria muita pena de perdê-la.

Carta n.º 11⁷²

5 de março de 1938

Querida Fernanda,

Mais de um mês sem responder à sua carta! Tenho remorsos, embora o meu silêncio esteja longe de representar esquecimento, porque, com as muitas saudades que trouxe suas e foram realmente muitas, faça favor de não duvidar, mil vezes tenho pensado em si. Mas já não sou uma boa correspondente – já não sou coisa alguma, para além de uma velha rabugenta e cheia de achaques... indigna de escrever a uma deliciosa pantera... Assim continuo a chamá-la, prova de que em vão, sim, perfeitamente em vão, me contou essas histórias de ter-se transformado num pachorrento gato caseiro... Não acredito, nem quero acreditar. *Je tiens*⁷³ à minha ferazinha, aos seus olhos felinos, às garras que – aliás, nunca senti, tão bem elas sabem tornar-se patas de veludo, quando para aí lhes dá o capricho... perdão, a amizade, a doce preferência e esse tem

⁷¹ Espero que dure...

⁷² Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

⁷³ Gosto da minha.

sido, felizmente, o meu caso. Deseja que eu a adote? Pois está decidido, adoto-a e deixo-lhe crescer as unhas, não me utilizo das suas receitas de bolos, não lhe peço que venha entregar bilhete de visita, à porta (prometendo como eu muitas vezes prometo, quando vou a certas casas, uma novena a Santo António se a criada disser que a senhora não está...) Também não exijo o rol da roupa, mas escusa de alegrar-se com as minhas condescendências. Nada de tanta pressa em julgar-me boa pessoa, fácil de contentar, pois noutro capítulo vou ser implacável, inexorável e só a adoto com a condição de recomeçar já, *mas já*, – sem um minuto de demora, o seu trabalho. Aceitando esta... imposição, fica adotada para sempre. Quer?

Pede-me que lhe fale de mim! É um pouco difícil. Já não tenho história. Vivo, ou como dizem os meus amigos franceses, *je vivote*⁷⁴ monotonamente, sem grandes esperanças e quase sem desejos que não sejam o da paz de cada dia. E eis a *velhice*, mal irreparável de que a Fernanda está ainda tão longe! Mal que tem os seus lados bons. Acabaram as tempestades, mas não digo a ninguém, a saudade que eu sinto dessas tempestades... quanta pena tenho de achar-me condenada à eterna calma... Vai responder-me caridosamente que a mocidade do meu espírito é eterna... etc. etc., mas – ai de mim! –

Tenho a desgraça de ser uma velha consciente, terrivelmente consciente... Tantas vezes invejo as inglesas de muita idade e com mais alguns anos ainda, que dançam no Casino, vestidas de cor-de-rosa... quem me dera ser como elas... porém não é velha gaiteira quem quer... Calcule que má ocasião escolhi para escrever uma novela de amor, novela de... recapitulação. Acabarei certamente por desistir. Entretanto que desista ou não desista, na minha próxima passagem por Lisboa, prometo mostrar-lhe o que já “fiz” e que aliás considero de uma pobreza franciscana... Parece-me ter sido a nossa querida Colette⁷⁵ que disse: quem escreve um dia há de escrever sempre... eis a razão porque teimo em continuar

⁷⁴ ...vegeto...

⁷⁵ Sidonie-Gabrielle Colette (1873-1954), escritora francesa conhecida por Colette, conhecida pela série da personagem Claudine. Uma das romancistas preferidas de Luzia.

a trabalhar, sentindo tão *chocho* tudo o que faço. – Não estou procurando elogios... –

Pede-me notícias das minhas rosas e do meu coração. As primeiras estão ainda em promessa, quer dizer em botão, espero-as ansiosamente... quanto ao coração, sempre avariado... o *de carne* bem entendido, o outro embora o acuse de fugidio como a espuma do mar, é inalterável, firme como a rocha...

Saúde... Má, segundo o seu uso e costume. Para provar um bocadinho de tudo, arranjei ultimamente uma urticária que me tem dado tratamentos de polé⁷⁶. Felizmente não me pareço com certa linda pagã do meu conhecimento, sou cristã e como tal, acredito na utilidade do sofrimento, o que me dá alguma força para suportá-lo com paciência. O Entrudo, o tempo que mais detesto – isto desde a mocidade, desde sempre – passou-se sem que eu desse por ele. Enquanto as elegantes Madeirenses dançaram e sobretudo beberam – é incalculável o que se bebe nesta formosa ilha! – eu devorei livros, entre eles um muito interessante sobre a Princesa Mathilde... mas todos os da minha biblioteca já foram lidos e relidos mil vezes. Preciso que me diga o que há agora para ler. Já conhece o meu gosto. Nada de coisas *maçudas*, se faz favor.

Fiquei cheia de pena quando soube da morte do tio da Teresa, sobretudo por ela, coitada, que tanto deve ter sentido. Pobre Teresa! Tristes conhecimentos tem feito ultimamente: a doença, a morte... Para a mãe foi com certeza um grande choque. Fale-me dela, sim?

Anuncia-se a chegada da sua amiga Ilda Stichini⁷⁷. A todos tenho falado dela com o maior elogio.

Gostava de tê-la uma tarde na minha casa, mas será preciso que a saúde o permita. Com esta horrível urticária não tenho ânimo para nada.

⁷⁶ Expressão popular que significa ser vítima de maus tratos ou de grande tortura. Polé era um instrumento de tortura usado pela inquisição que consistia numa roldana, fixada ao teto, onde a vítima era presa pelos pés e deixada cair brusca-mente, sem tocar o chão.

⁷⁷ Ilda Stichini (Elvas, 1895 – Hollywood, 1977) foi uma das atrizes mais importantes do panorama teatral português. O *Jornal* de 10/03/1938 notícia a estreia na Madeira, no Teatro Arriaga, de *Meu amor é traíçoero*, com Ilda Stichini e Armando Ferreira.

Agora adeus, *Pantera*... quer queira quer não.
Até um dia, espero... neste mundo ou no outro. Abraço-a ternamente

Luísa

Carta n.º 12⁷⁸

27 de agosto de 1938

Querida Fernanda,

Tencionava escrever-lhe no mesmo dia em que o fiz à Teresa e bem o merecia quem por minha causa e para encher-me de tão lindas dalias, que me acompanharam até Paris, atropelou um ciclista, foi ciclista? – etc. etc. Mas sabe o que aconteceu? Segundo o meu... pouco louvável costume, adoeci, exatamente no dia seguinte à minha chegada. Para isso não há como eu... Tudo vem ter comigo. Desta vez foi uma urticária: coisa entre todas infernal. Se não conhece, desejo que nunca faça tal conhecimento... Tive de chamar médico e por um lado foi bom. Sentia-me um trapo, sem poder nada e queria obrigar-me a sair, a gozar um pouco desta linda Paris... O homem achou-me o coração em tão mísero estado que me mandou fazer dois dias de descanso completo, na cama, de onde lhe escrevo. Aqui tem as minhas aventuras que, de resto agora e em toda a parte, são sempre as mesmas, doer-me aqui, doer-me acolá... Não conheço outra coisa. Feliz ou... infelizmente sou uma resignada. *J'encaisse*⁷⁹ tudo o que vem. E basta de falar dos meus achaques.

Agradeço-lhe do coração todas as suas amabilidades, todo o prazer que quis dar-me com as suas flores e sobretudo com a sua presença –

⁷⁸ Papel timbrado “Celtic Hotel, 6, Rue de Balzac, Paris”. Hotel perto da Tour de Montparnasse e do Bon Marché.

⁷⁹ Aguento, recebo.

creia que gostei muito, *gostei imenso* de vê-la. Se não tiver nada melhor a fazer durante a minha passagem por Lisboa, espero que me dê algumas horas da sua vida tão brilhante, embora ela diga mal com a minha, já a acabar. Deve ter muitos versos para ler-me. Versos ou prosa, ambas as coisas me agradam igualmente.

Eu tive de adiar um pouco a partida para Royat por causa desta *macacoa*⁸⁰, mas querendo Deus – irei no dia 1 de setembro. Já está frio. Preferia ficar em Paris, mas não se trata do que eu prefiro. Dê-me as suas notícias para o hotel Thermal Royal – Puys de Dôme. Conte à Teresa os meus desastres... Rivais dos da célebre Sofia⁸¹.

Mil saudades da sua velha Luísa

P.S.: A minha cunhada achou-a parecida com a G.! Eu prefiro que se pareça [...] ⁸²...

Carta n.º 13⁸³

29 de setembro de 1938

Querida Fernanda,

Onde já vai Vale de Lobos⁸⁴ e o Correio de Sabugo!!! É a si que deveríamos chamar vagabunda, *oiseau de passage*⁸⁵ e... muitas coisas mais... Pela Teresa soube que estava no Estoril e agora a caminho da

⁸⁰ Doença pouco grave, achaque.

⁸¹ Referência à obra *Os Desastres de Sofia* da Condessa de Ségur.

⁸² Ilegível devido a mancha de tinta.

⁸³ Papel timbrado “Hotel Thermal Royal, P de D”.

⁸⁴ Localidade pertencente ao município de Sintra.

⁸⁵ Ave de passagem, migratória.

aldeia mais portuguesa de Portugal⁸⁶. A estas horas já escolhida talvez. Quem me dera que fosse uma daquelas tão brancas e limpinhas do meu querido Alentejo. Mas não será decerto. Salazar nasceu na pitoresca e... porquíssima Beira Alta, só ele terá direito a julgar a entre todas portuguesa... E no fundo *ce que je m'en fiche*⁸⁷! Não se zangue. Nesta hora de ameaça em que as nações estão prestes a atirar-se umas contra as outras como furiosa matilha de cães, só posso pensar na França. Tenho vivido e sofrido com ela, tanto como se minha fosse. Tenho assistido à mobilização, vejo como esta grande gente parte resignada, cheia de coragem, sabendo que vão bater-se um contra dez. Penso em Paris, a Paris incomparável, única – nas hordas alemãs prontas a destruí-la – qual castelo de cartas. Só desejo chorar e morrer, se a última esperança se desfizer. Como a todos vai parecer longo este dia em que quatro grandes nações trabalham ainda pela paz!⁸⁸ Se elas e sobretudo Mussolini conseguirem alguma coisa será uma imensa alegria e para o dito Mussolini que, até agora eu detestava, porque só... suporto um ditador, o *nosso* – pedirei todos os bens deste mundo e do outro... sobretudo do... outro. A Hitler e Mussolini parece-me bastante perigoso desejar os bens deste mundo, eles próprios se encarregarão de ir buscá-los. Mas... valha-me Deus. Esqueço-me que escrevo a uma *fascista enragée*⁸⁹ – espero que não

⁸⁶ Em 1938, o Estado Novo, através do Secretariado da Propaganda, lançou um concurso para se escolher a “aldeia mais portuguesa de Portugal” no contexto de exaltação nacionalista que assistia ao regime. No regulamento do concurso estipulava-se que a aldeia escolhida devia ser a que representasse “a maior resistência a decomposições e influências estranhas e o estado de conservação no mais elevado grau de pureza.” De entre um total de 22 concorrentes, Monsanto, na Beira Baixa, seria a escolhida.

⁸⁷ Isso não me interessa nada.

⁸⁸ Luísa refere-se à reunião internacional da qual saiu o acordo de Munique assinado pela Itália, França, Alemanha e Inglaterra e no qual a Inglaterra e a França aceitavam que Hitler ocupasse a região checoslovaca dos Sudetas, enquanto a Alemanha garantia que não pretendia qualquer outro território europeu. Esse acordo veio, de facto, a ser assinado a 29 de setembro de 1938.

⁸⁹ Furiosa, convicta.

seja também Hitleriana... pois isso não poderia perdoar-lhe jamais a *francesa de alma e coração* que eu me sinto.

30 setembro – Interromperam-me ontem. Não pude continuar. Hoje depois de uma noite muito mal passada, aqui me tem outra vez.

Ainda nada sei da guerra ou antes... da paz, se paz *il y a*. Deus queira que não fosse comprada por preço demasiado caro... São pouco mais de oito horas da manhã. Está um nevoeiro cerradíssimo que me faz o efeito de um véu de luto sobre as coisas. E não se ouve o voo de uma mosca. Não, isto não pode chamar-se alegria. Em Portugal já teríamos foguetes, vivório... *discursos*, os discursos de que eu não gosto nada. Mas, tudo seria melhor do que este silêncio de humilhação, que me leva a perguntar dolorosamente: – quanto, quanto custaria a paz? Mas enfim, se é verdade que a temos, devo pensar também no sangue, o sangue dos novos, que não correrá e... caridade bem ordenada, lembro-me que poderei ir, embora por poucos dias, a Paris e que a encontrarei inteiri-nha e sempre linda, mais linda porque a imaginei perdida, esmagada pela bota horrível do *boche*...

Como gostaria de encontrá-la, a passear comigo no Bois⁹⁰, de ir comigo a Malmaison⁹¹ e a Bagatelle⁹²! Tudo evoco, cheia de saudades. Falta-me companhia que mereça esse nome e *companhia* é o que há de mais raro no mundo! Não tenciona vir a Paris?

Escreva-me para o Hotel Celtic – Rue Balzac, 6. Se não a vir na *Ville Lumière*, espero ter esse prazer em Lisboa, *cidade da luz* também, a maravilhosa luz do nosso incomparável céu. E, com certeza, gostarei muito de passear consigo, esperando e desejando de todo o coração que já a neurastenia tenha desaparecido. *Quero* ouvir muitos versos, lindos como só a Fernanda sabe fazê-los. Os livros são aqui, como de resto em toda a parte, os meus melhores companheiros.

⁹⁰ Referência ao Bois de Boulogne, lugar da predileção de Luísa.

⁹¹ Palácio oferecido por Napoleão à Imperatriz Josefina, perto de Paris.

⁹² Parque situado no interior do Bois de Boulogne, e um dos quatro jardins botânicos de Paris.

Tenho devorado! Gostei, mas não tanto como do primeiro, do segundo volume do *Journal* de Maurice⁹³. Adorei o *Journal d'un Curé de Campagne*⁹⁴. Parecia-me tão impossível ler, com gosto, qualquer coisa de Bernanos, mas assim aconteceu. Achei interessantíssimo – Marie d'Agoult – de Claude Aragonnès⁹⁵, escritora que não conhecia. Além disso, precipito-me sobre os jornais: Gringoire⁹⁶, Cyrano, Époque. Têm trazido artigos admiráveis! Como eu gostava de viver em França, tudo aqui tem o dom de me interessar e até de me... apaixonar! Sou muito mais francesa do que portuguesa... com vergonha o confesso. Entretanto este nevoeiro faz-me saudades, sim, muitas saudades, da minha terra, do sol sobre o Tejo, das pombas no Terreiro do Paço, a praça mais linda do mundo... Mas já estou decerto a maçá-la e antes de acabar vou pedir-lhe um favor. Uma amiga a quem muito desejo servir, encomendou-me, com muito empenho, a *Vie de Camões* da Virgínia de Castro⁹⁷, que eu procurei nas livrarias de Royat e não encontrei. Bem entendido, julgo encontrá-la em Paris, mas como sei que existiam vários exemplares no “Secretariado da Propaganda”, quererá a Fernanda poupar-me a canseira – tudo para a minha grande falta de forças é canseira – horrível canseira de procurá-lo e mande-mo a Laura de Castro Soares,⁹⁸ Rua da Mouraria 28 Funchal –

⁹³ Maurice de Guérin (1810-1839), poeta e escritor francês.

⁹⁴ Obra de Georges Bernanos (1888-1948), escritor francês.

⁹⁵ Claude Aragonnès era o pseudónimo de Marguerite Teilhard-Chambon et de Aragonnès (1880-1959), uma escritora francesa que se dedicou sobretudo à escrita de biografias, entre as quais se conta a de Marie d'Agoult (1805-1876), de seu nome de casada, que usava como pseudónimo literário Daniel Stern.

⁹⁶ Periódico francês ideologicamente à direita, que critica ferozmente o comunismo.

⁹⁷ Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945) foi uma escritora portuguesa que se dedicou sobretudo à literatura infantil e juvenil, além de publicar obras de divulgação da história e da cultura portuguesas em francês e em inglês. Fluente em diversas línguas, escreveu, em 1934, diretamente em francês *La vie de Camões: le poète des Lusíadas et le Portugal de son temps*. Luzia, ao referir-se à escritora, por vezes usa o nome de uma das suas personagens, D. Redonda (*História de Dona Redonda e de sua gente e Aventuras de Dona Redonda*).

⁹⁸ Laura Veridiana de Castro Almeida (1871-1964), casada com Feliciano Soares, já anteriormente mencionado. Escritora (pseudónimo Maria Francisca Teresa), natural da Ilha da Madeira. Filha de D. Francisco Xavier de Castro e Almeida,

Madeira – para eu pagar, já se vê! Podendo ser e sem maçada para si, desde já muito lhe agradeço.

Caso a paz não seja apenas uma ilusão, tenciono partir para Paris no dia 5 de outubro. Lá espero as suas notícias.

Dê mil saudades à Teresa e seja boazinha para ela, que tanto precisa de amizade e carinho, coitada!

Queria acabar a minha novela, para concorrer a um dos prémios Eça de Queiroz ou Fialho de Almeida, mas nunca mais lhe toquei. Perdi o Prémio.

Adeus. Mil saudades da sua velha

Luísa

Carta n.º 14⁹⁹

19 de outubro, 1938

Querida Pantera que tudo quer sacrificar à Pátria – ou ao Salazar? Mas vai dizer-me, e tem alguma razão, que Salazar é a pátria, a mais bela e a mais pura... – até o seu dom maravilhoso da poesia... entretanto esse, cá estou eu para defendê-lo, querida pantera, também, porque desta vez sentia-a armar o pulo, para cair sobre mim...

Mal tive tempo de aparar o golpe. *A la fin de l'envoi, je touche...* Cyrano de Bergerac, um tão lindo Cyrano¹⁰⁰, que tudo se lhe perdoa...

natural de Goa, na então Índia Portuguesa, e de Maria Antónia de Bettencourt Pestana, do Funchal. Frequentava um círculo de senhoras refinadas, cultas e viajadas, a que pertencia Luzia. Em Lisboa, privava com intelectuais e artistas como a sua prima Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

⁹⁹ Papel timbrado “Celtic Hotel, 6, Rue de Balzac, Paris”.

¹⁰⁰ Édmond Rostand (1868-1918) foi um poeta e escritor francês que, apesar de autor de diversas obras, se celebrou pela que se intitula *Cyrano de Bergerac*.

E só porque não gosto do fascismo. Ah! quanto a isso, desespere de me converter. Nunca serei fascista. Graças, mil graças a Deus, nasci com instintos irredutíveis de independência e liberdade, quero pensar pela minha cabeça, guiar-me pelos meus olhos – tão cegos, aliás, *mas são os meus* – creio que seria mais fácil vestir-me a camisa de forças do que a... camisa preta e basta-me ver esboçar-se – grande gesto pretensioso – tantas vezes provocado mais ainda pelo snobismo e... o medo do que por verdadeira convicção, para sentir um louco desejo de fazer o *outro*, o que mostrou o punho, aquilo que acima de tudo abomino na terra: a tirania humana, o direito do mais forte sobre o mais fraco. Depois disto julgo que só me resta fazer as malas e ingressar na cadeia logo que desembarque na cidade de mármore e granito.

A Mussolini¹⁰¹ se deve a paz? Ah! que feia injustiça, que negra ingratidão! Nem uma palavra sobre aquele *grande* Chamberlain¹⁰² que para salvá-la sacrificou o que um homem e sobretudo um inglês, tem de mais precioso: o orgulho...

E ainda antes de Chamberlain estão os Checos... E antes de Mussolini está o rei da Itália¹⁰³, que por uma vez – pobre homem, teve vontade

Cyrano é uma personagem que encarna a amabilidade, a simpatia e o altruísmo que leva ao ponto de, apesar de apaixonado por uma rapariga, escrever em nome de outro interessado na mesma pessoa, poesias e cartas de amor. Toda a peça está em verso e a expressão presente no texto encerra o I ato. Numa tradução muito livre, pode dizer-se que significa “No fim do combate, eu venço”.

¹⁰¹ Benito Mussolini (1883-1945) foi um ditador fascista italiano que se tornou aliado de Hitler e dos japoneses na II Guerra Mundial.

¹⁰² Sir Neville Chamberlain (1869-1940) foi um estadista e primeiro-ministro britânico, pacifista, convicto da possibilidade da paz na Europa, que se tornou conhecido por ter assinado com Hitler um pacto de não agressão que ele acreditava poder salvar a Grã-Bretanha da guerra. Nesse pacto, conhecido como Acordo de Munique, assinado em 1938, Chamberlain concordou com a aneção dos Sudetas em troca da promessa de esse ser o único objetivo dos nazis.

¹⁰³ Refere-se a Vítor Emanuel II (1869-1946) que foi rei de Itália entre 1900 e 1946. Depois da marcha de Mussolini sobre Roma, entregou-lhe o governo do país. Acabou por abdicar em 1946, pouco antes da implantação da República.

própria... depois, *je veux bien*¹⁰⁴, o... *compadre* do Hitler fez o resto... mas a minha sensibilidade feminina e talvez que também o meu comodismo – olhe que não escrevi *comunismo*, não vá levantar-me algum falso testemunho – se alegraram com a paz e agradeceram a Deus. O meu espírito de justiça, a minha consciência de pessoa de bem revoltaram-se com o covarde abandono da Checoslováquia: depois de terem prometido defendê-la! Compreendi tão bem os membros do Parlamento inglês, os da oposição, quando a propósito da dita Checoslováquia, gritaram: – *Shame! Shame!* Sim, vergonha e vergonha e que como Cooper, primeiro lorde do Almirantado¹⁰⁵ – estou em boa companhia, bem vê, apesar da minha ternura, da minha gratidão por Chamberlain, não posso esquecê-los...

Quanto à França, em nada diminuiu aos meus olhos. Para mim os países são os países e não os homens que os povoam. Os homens passam, apagam-se na noite dos tempos. Os países ficam. Mais uma vez vi quanto vale esta grande nação... (de resto manda a verdade acrescentar que Daladier¹⁰⁶ – não sei, nem quero saber a que partido pertence – foi um admirável organizador da defesa de Paris, que lhe pagou *royallement*, com uma ovação como não há memória, na sua volta de Munique).

Se tivessem guerra *sei* com a maior confortadora certeza que todos os franceses, desde os partidários do conde de Guise¹⁰⁷ até os do *front populaire*¹⁰⁸, se bateriam bem, porque são antes de tudo, *franceses*...

¹⁰⁴ Aceito, o...

¹⁰⁵ Alfred Duff Cooper (1890-1954) foi um político conservador britânico que, depois do desempenho de vários cargos públicos, se tornou Primeiro Lorde do Almirantado em 1937. Muito crítico da postura apaziguadora de Chamberlain, renunciou ao cargo em 1938, em protesto contra o acordo de Munique.

¹⁰⁶ Édouard Daladier (1884-1970) foi um estadista francês, primeiro-ministro por três vezes, que em conjunto com Chamberlain e Hitler foi outro dos signatários do Acordo de Munique.

¹⁰⁷ Jean Pierre Clément Marie (1874-1940), conde de Guises, foi um aristocrata francês, monárquico, que se considerava com direito ao trono francês.

¹⁰⁸ Coligação de partidos de esquerda que governou a França entre 1936 e 1938.

A mobilização fez-se sem uma palavra de revolta ou de medo. – Digo-o pelo que vi em Royat. Quase todos os criados do hotel e empregados das águas partiram serenamente, simplesmente. Não houve discursos, nem *trovoadas*.

As mulheres continuaram a trabalhar. Só percebi o que deviam ter sofrido quando veio a notícia de estar salva a paz, porque então não puderam conter-se: algumas choraram! Todas rezaram. Ainda se reza em França... Minha querida, única França!

Mas também lhe peço desculpas da minha tirada... E agora, querida Fernanda, seja fascista à sua vontade. Eu graças a Deus pertenço ao número daqueles que deixam a cada um a liberdade de a procurar como quer... Oh! Santa tolerância, quero-lhe mais à medida que ela desaparece deste mundo! Mas continue a ser amiga de quem tão sua amiga e admiradora é. As criancinhas pobres devem-lhe muito, devem-lhe tudo! Ninguém se ocupa delas com maior – nem mesmo com igual – inteligência e ternura. Sabe tornar a caridade alegre e bonita. Quase todos a tornam tão sombria! E sabe fazer esquecer as distâncias. Deus a abençoe... Eu, que não sou *fascista*, aqui me declaro *Fernandista* sincera e convicta. Quanto ao *nosso*, já lhe disse que é o único que suporto e... *admiro*... com dois sublinhados. Se não se der por satisfeita, acho-a muito difícil de contentar. Em Lisboa não falaremos em política. Para quê? Há tantas coisas mais, mil vezes mais interessantes. Eu até o fim do mês, aí devo chegar. Se Deus quiser. Estou em dúvida de partir a 22 ou a 30. Depende dos lugares nos vapores –

A saúde sempre *reles*. Só por conta-gotas posso viver e gozar um pouco desta linda Paris... Onde o *torso nu* e as plumas na cabeça do seu amigo *Renato* seriam inadmissíveis, mas há muito quem admire Salazar. Escreva-me. Faça as pazes, senhora Pantera e não me diga que o "Tudo pela nação", como nas "estampilhas", a desvia de fazer versos porque nesse caso sou eu que me zango, consigo e com a nação...

Abraço-a ternamente, sem cor política, mas de todo o meu coração.

Luísa

P.S.: Por onde anda o António Ferro?

O que faz a Teresa que nunca mais me escreveu? Julga-me do *front populaire*? Perdoe a trapalhada desta carta e tantas emendas a que não resisto quando releio. Depois tenho vergonha do pouco *soigné*¹⁰⁹, mas não posso recomençar. E se recomençasse seria o mesmo. Diga-me o nome da aldeia. Pelo que me contou a sempre *modesta* Clarinha julguei que seria Niassa¹¹⁰. Ela fala de si com entusiasmo.

Carta n.º 15¹¹¹

Sexta-feira [17 novembro, 1938]¹¹²

Querida Fernanda,

Outra vez agradeço e com muita gratidão, creia – o prazer que lhe devo de ter ouvido ontem a conferência do Octave Aubry. Ele disse o que eu já sabia, o que já tinha lido nos seus livros, não foi nenhuma novidade para mim, mas gostei. As crianças pedem sempre a mesma história e eu estou, sem dúvida alguma, na segunda meninice...

¹⁰⁹ Pouco cuidado.

¹¹⁰ Referência a Carlota Serpa Pinto, já antes mencionada, que acabava de publicar a biografia do pai, Alexandre Serpa Pinto. Serpa Pinto (1846-1900) que, na companhia de Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, tinha integrado várias viagens científicas e de exploração do interior da África, entre Angola e Moçambique. Foi descrito pela filha de forma demasiado elogiosa, na opinião de muitos, o que explica a classificação irónica de “modesta”. A referência a Niassa como possível representante da aldeia mais portuguesa é igualmente sarcástica.

¹¹¹ Papel timbrado “Avenida Palace Hotel, Lisbonne”.

¹¹² Datação obtida a partir da informação contida na carta sobre Octave Aubry (1881-1946). Aubry foi um poeta, escritor e historiador francês a quem se devem, entre outros, várias biografias de figuras da época de Napoleão. A 16 de novembro de 1938, a revista *Ilustração* noticiava a sua presença em Lisboa, onde, no Teatro Nacional, proferiu uma conferência sobre Napoleão e o amor.

Ainda a propósito de ontem: enteneceu-me imenso, até cá dentro, *muito cá dentro*, o cuidado que teve na minha quase cegueira. De poucas coisas neste mundo tenho medo, mas diante do... desconhecido de uns degraus, sinto-me a mais covarde e aterrada das Mulheres!

Mando-lhe o bilhete que teve a amabilidade de dar-me para a conferência de amanhã, lembro-me que talvez precise dele. Eu espero poder aproveitar a hospitalidade da sua prima e o auxílio do seu braço amigo, mas se houver algum obstáculo – hoje estou chochíssima! – telefone. Mil saudades. Que lindo tempo! Os Aubry devem estar encantados! No meu querido Paris chove, diz-me uma carta que acabo de receber. Mas não me queira mal por assim mesmo ter saudades dele.

Sua muito amiga e muito admiradora,

Luísa

Carta n.º 16¹¹³

21 de fevereiro [1939]¹¹⁴

Querida Fernanda,

Não sei como irei escrever-lhe hoje. Desculpará todos os erros e gatafunhos. Estou desde a semana passada na cama. Eu arranjo de tudo, como diz o meu médico. E por uma vez a Faculdade tem razão! Arranjei umas terríveis

¹¹³ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

¹¹⁴ A autora menciona o trabalho de Teresa na revisão das provas do único romance escrito depois da publicação de *Almas e Terras onde Passei* (1935), *A Última Rosa de Verão* (1940). Considerando os livros que refere ter acabado de ler e o terceiro volume da série dos romances da família Jobourg, publicado em 1936, o ano terá de ser o de 1939. No início de 1940, Luísa menciona que o seu último romance está no prelo.

hemorragias pelo nariz. As toalhas que existiam em casa já não chegavam para a sangria. Calculará a fraqueza em que fiquei – Não me aguento em pé. E nem com uma pena posso!! Enfim, com a minha habitual filosofia digo: – Podia ser pior – E arrasto-me para diante enquanto Deus quiser...

Hoje estou um pouco melhor.

Aproveito para vir agradecer-lhe a sua boa carta e dizer-lhe que este vapor lhe leva mais uma remessa de livros. Gostei muito do de Pearl Buck¹¹⁵, sobre a China, país de que ela em parte nos desvenda o mistério. E é escrito com tanta sensibilidade e compreensão das almas e do sofrimento que finalmente são iguais em toda a parte. Interessaram-me as histórias do Fantasma.

*A Condition Humaine*¹¹⁶ é muito bem feita, mas nada o meu género. E dos contos de Sweig¹¹⁷ não gostei – adoro o Sweig historiador, mas o outro nada me diz. Agora, se não me engano fiquei só com os Jobourg que me agonizaram. Terá a Fernanda o último volume que se chama *Le Long Hiver*? Se tivesse gostaria tanto que mo mandasse e mais alguma coisa de Guy Mazeline¹¹⁸. De vez em quando é um pouco *roman feuilleton*¹¹⁹, mas tem páginas tão maravilhosas!

¹¹⁵ Pearl Sydenstricker Buck (1892-1973) foi uma escritora americana que escreveu muito sobre a China, teatro da ação de muitos dos seus livros. Foi prémio Nobel da Literatura em 1938.

¹¹⁶ *A Condição Humana* é uma obra de André Malraux, publicada em 1933, cuja ação decorre nos primeiros dias da revolução chinesa, em 1927. Tendo como personagens principais um comunista, um assassino, um traficante e um revolucionário russo, é fácil perceber-se porque Luzia não a apreciava particularmente. André Malraux (1901-1976) foi um escritor e pensador francês, amigo pessoal de Charles De Gaulle, de quem foi ministro da Cultura entre 1945 e 1946. Recebeu o prémio Goncourt precisamente pelo seu romance *A Condição Humana*.

¹¹⁷ Stephen Zweig (18881-1938) foi um homem de letras austríaco, de origem judaica. Distinguiu-se como poeta, jornalista e, sobretudo, biógrafo. Também escreveu livros de contos, datando um deles de 1936 – *Pequenas Histórias Seleccionadas – A Cadeia e Caleidoscópio*, podendo ser a ele a que Luzia se refere.

¹¹⁸ Guy Mazeline (1900-1996) foi engenheiro, mas também romancista, autor de *Les Jobourgs*, obra em cinco volumes, dos quais o primeiro – *Os Lobos*, venceu o prémio Goncourt em 1932.

¹¹⁹ Folhetinesco.

Sim, eu conheço e encantam-me os livros de Claude Silve¹²⁰, sobretudo *La Cité des Lampes*¹²¹ e *Bénédiction*. Tenho tudo e estou sempre suspirando que ela escreva mais. Se estivesse em Lisboa – Lisboa distante, Lisboa impossível! – gostaria tanto de conhecê-la!

Nada me espanta o que me diz da pobre Teresa. Essa mania de se acusar de todas as desgraças que acontecem à sua família e aos seus amigos, já vem de longe. Ainda me lembro muito bem do que foi quando morreu a filha da Maria Amélia Teixeira¹²². E a propósito de tal *doença*, julgava-a mais afastada, muita pena me fez sabê-la tanto na Casa de Saúde. Não sei como a Teresa pode suportar a companhia e a intimidade de uma pessoa tão ordinária! Eu felizmente tenho conseguido não a conhecer. De todo o coração lamento a Teresa e também desejaria consolá-la, mas creio que não será fácil.

Calculo que todos os seus amigos e família me acharão um monstro de egoísmo por consentir que nestas circunstâncias, ela continue a ocupar-se do meu livro – a verdade porém é que nenhuma culpa tenho nesse caso, de todas as maneiras procurei e procuro convencê-la a aceitar o auxílio de uma minha amiga que poderia ler as provas e ajudá-la em tudo. *Não quer*. E assim a composição do livro arrastava-se indefinidamente. Nem sei quando ficará pronto. Talvez que só no verão...

Aqui o tempo está deslumbrante, mas eu não posso gozá-lo a não ser da janela, quando lá dou uma fugidinha.

¹²⁰ Claude Silve, pseudónimo de Philomène Marie Charlotte Gaudérique Felicité Gislaine de Lévis-Mirepoix, Condessa Jules de la Forest Divonne (1888-1978), escritora francesa galardoada com o Prix Femina pelo seu romance *Bénédiction*. Esta obra retrata a vida de província de uma pequena nobreza rural, preenchida com insignificâncias.

¹²¹ *La Cité des Lampes* foi a primeira obra de Claude Silve e valeu-lhe o Prémio Maillé-La Tour – Landry, em 1912.

¹²² Maria Amélia Teixeira foi uma escritora brasileira que viveu em Portugal, onde fundou a revista *Portugal Feminino*, publicada entre 1930 e 1937. Nesse periódico, colaboraram Sara Beirão, Maria Lamas, Ana de Castro Osório e Fernanda de Castro, entre outras. A filha homónima e igualmente poetisa morreu aos 26 anos em 1937.

Querida Fernanda não esteja deprimida. Tem a saúde física. A outra depende um pouco da nossa vontade. Eu seria feliz como uma rainha no tempo em que as rainhas eram felizes – se nada me doesse, não en-sopasse toalhas em sangue e o coração não desse tantos trambolhões... Tenho saudades suas e dos seus versos.

Abraço-a,
Ternamente,

Luísa

Carta n.º 17¹²³

10 de março de 1939

Querida Fernanda,

Chegou a sua carta e logo depois as dalias. A carta foi a festa do meu coração. As dalias serão, estou certa, a festa dos meus olhos. Já tudo se prepara para plantá-las com as honras que merecem. Agradeço-lhe mil, milhões de vezes. Parece que, de antemão, gozo delas. Como me diz, mando esta carta para Lisboa, "cidade das cidades"... Também eu gosto dela. Vejo-a sempre com o mesmo prazer. É uma velha amiga de dias bons e de dias maus.

Escrevo-lhe doente, com a mais secante das doenças que até hoje tenho tido e, como sabe, já tive muitas... à velha. Uma coisa que se chama *zona*, dura pelo menos 3 semanas e sobretudo de noite dá-me tratos de polé... Isto enquanto a minha linda pantera anda por esse mundo – tenho saudades de Londres na primavera – festejando o Estado corporativo, etc, etc.

¹²³ Papel timbrado "Quinta Nogueira, Funchal".

Há uma semana não saio do quarto, poucas vezes da cama, olho para o jardim como os presos da cadeia olham para a liberdade... E sabe Deus se lá irei antes que despontem as hastes das dalias. Valem-me os livros como amigos incomparáveis. O que tenho lido e sobretudo relido!

Escreva-me, faça-me companhia de longe. Lembre-se de mim, que mil vezes e com a maior saudade me lembro dos seus olhos de pantera... domesticada.

Luísa

P.S.: Diga-me quais são as novidades literárias para eu mandar vir alguma coisa. Não posso ficar eternamente a reler o que tenho!

Carta n.º 18¹²⁴

24 de março [1939]¹²⁵

Querida Fernanda,

Por um telegrama do nosso *Diário de Notícias* – veja que andamos bem informados – sei que já está em Lisboa. Eu tenho-me afligido bastante com o desastre que tiveram os seus filhos, embora as consequências não fossem graves, mas basta pensar no que poderia ter sido para sentir-se um calafrio. Não lhe escrevi logo porque a Teresa me disse que só à sua chegada vocês saberiam do sucedido e receava que a minha carta estando aí antes, lhe fosse mandada e por mim tivessem uma má notícia. Entretanto, creia que pensei muito, mas *mesmo muito* em si. Agora já tudo deve ter passado, restando apenas o

¹²⁴ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

¹²⁵ A datação justifica-se pelo facto de se poder constatar que esta carta vem na sequência da anterior, de 10 de março de 1939.

grande prazer de dar graças a Deus por encontrar os seus filhos são e salvos.

Espero que recebesse a carta em que lhe agradecia as dalias, plantadas com todo o cuidado e carinho que mereciam, vindo de quem vieram. Estou certa que darão lindas flores e bem preciso de flores, que é como quem diz de alegria, para consolar-me de uma doença aborrecida e dolorosa, chamada *zona*, que há três semanas me prende na cama e poucos minutos de sossego me deixa. Quando posso leio... para esquecer. Antes de acabar quero transmitir-lhe um pedido que me fizeram e se a Fernanda poder satisfazê-lo, muito lhe agradecerei e alegria me dará, pois o empenho vem de uma pessoa de quem sou amiga. É para a minha querida Pantera – veja que não lhe retiro os seus direitos de fera – tão poderosa no Secretariado da Propaganda, apoiar com a sua influência a pretensão de um rapaz que se chama Julião Vieira, tem o curso do Liceu e o 2.º ano do Seminário. É protegido pelo Álvaro Favila Vieira¹²⁶, deputado e *persona grata* do estado novo (valha-me Deus escrevi com letra pequena, mas faça de conta que foi grande, a maior de que são capazes as minhas *patte de mouche*¹²⁷). Eu disse à pessoa que mo recomendou: “Acho que tendo o auxílio do deputado nada mais deve precisar”, ao que imediatamente me foi respondido: – A sua amiga Fernanda pode mais do que todo o Parlamento junto. – Aqui tem, querida – porque mais uma vez a vim maçar. O jovem ex seminarista, escrevia aqui para um jornal, tudo o que há de *bem pensante*. Em todo o caso qualquer que seja a sua resposta, peço-lhe que ma escreva de maneira a eu poder mostrá-la para verem que me interessei devidamente. Mas não fale só do Julião Vieira, tenho tantas saudades de uma boa carta sua e de versos seus, se os não fez, faça-os para mim, como obra de Misericórdia... Estou além de doente, triste com estes acontecimentos que vão pelo mundo. A pata do Hitler esmagando tudo e os outros sem reagir... que vergonha! que abjeção! – oiço dizer que o tratado entre

¹²⁶ Álvaro Favila Vieira (1901-1963) foi um político madeirense com intervenção nacional e também proprietário do periódico *O Imparcial*.

¹²⁷ Expressão idiomática francesa que significa “garatujas”, “gatafunhos”.

Portugal e a Espanha foi a obra prima do seu querido Salazar¹²⁸. Esse não há dúvida que tem *cabeça* e neste tempo é o essencial!

Adeus. Conte-me alguma coisa do querido Paris. Quero morrer antes de vê-lo destruído pelos bárbaros da Alemanha... Daqui fogem espavoridos todos os ingleses, procuram reintegrar os seus *homes* antes que rebente a guerra, mas penso que não haverá guerra. A Inglaterra, Chamberlain, tudo continuarão a engolir. Têm goelas de patos! Abraço-a,

Luísa

Carta n.º 19

Monte, Monte Palace Hotel, 3 de outubro de 1939

Querida Fernanda,

Venho saber que mal fiz à minha panterazinha de que até aqui só tive as festas das mais doces patinhas e agora me abandonou completamente... Amuou, *Helás*¹²⁹! Deve ser pior: aquilo a que acima de tudo tinha horror, o esquecimento, morte em vida, não é verdade? E como decerto muito tempo vai passar sem que torne a ver-me, ainda mais fundo me enterrará... Eu não a esqueço, nunca pude adquirir essa confortável ciência, tenho saudades suas, quero que volte a lembrar-se de mim por isso lhe escrevo do alto de uma montanha onde vim encarrapitar-me, para meditar o sermão da dita e sobretudo para fugir ao enervante clima do Funchal. Cansa a não poder mais... quando tinha tudo pronto e até os lugares marcados com destino à doce terra portuguesa, rebentou esta malfadada guerra, amedronta-me – embora não seja das mais medrosas – acho a perspetiva de atravessar os mares, e apesar da

¹²⁸ Tratado de Amizade e Não Agressão Luso Espanhol (17 de março de 1939).

¹²⁹ Ai de mim!

nossa neutralidade, fazer conhecimento com Adolfo Hitler, na pessoa dos seus numerosos submarinos, que até agora, honra lhe seja feita, têm poupado os nossos vapores, mas nunca se sabe para onde pode dar a esse lunático senhor... Se a dita guerra atingir os 8 ou 10 anos de duração que, com a maior fleuma, admitem os ingleses e como se anuncia também, nenhum grande ou pequeno país puder abster-se de entrar na... dança, nunca mais verei a minha pantera... Adeus passeios a Sintra, doces visitas aos parques infantis, turbulentas discussões sobre o grande homem... adeus tudo o que era interessante e bom! Madeira para sempre, visto que fiz a tolice de cair nesta ratoeira – até rima! –

Conhece o Monte? Não há nada mais lindo com bom tempo, mas desde domingo vivemos em pleno temporal, chuva, denso nevoeiro e sobretudo o vento, soltando gemidos tão lúgubres e uivos tão furiosos, que me dá a impressão de estar num barco, sacudido pelas ondas bravias... Hoje a manhã surgiu azul, quieta, transparente e julgo sonhar. Tão impossíveis me pareciam já estas doces coisas! Quero demorar-me aqui se o tempo der licença... Este hotel é bastante primitivo, ignora o conforto no que confesso me faz falta. No entanto, o grande parque que o rodeia compensa-me de tudo. Adoro a solidão, sob estas maravilhosas árvores e em tantos cantinhos verdes, onde começam a despontar as cabecinhas cor-de-rosa das *belladonas*... Lindo, sugestivo nome! A vista é um deslumbramento também! Se eu fosse uma senhora do meu conhecimento, a senhora que se esquece de mim, faria versos... Tudo parece destinado para inspirar-me, mas tenho de contentar-me com a opinião de João de Deus¹³⁰: maior poeta é quem mais sente – embora não diga à gente o que tem no coração... – assim será talvez, contudo eu queria dizer...

Ah! Fernanda parece-me ouvi-la exclamar: – Que grande maçadora! E só com a ideia paralisa-se-me a pena... Descanse. Não escrevo mais. Mande-me uma palavrinha. Diga-me, pelo menos, se tem trabalhado. Morro de saudades dos seus lindos versos, só eles me consolam dos que não sei fazer.

¹³⁰ João de Deus Nogueira Ramos (1830-1896), poeta e pedagogo, foi autor de um manual de iniciação à leitura – a *Cartilha Maternal*.

Como o meu amigo Oscar Wilde¹³¹, Deus do céu, em que más companhias ando! – *If I may not write beautiful works, I may at least read beautiful works, and what joy can be greater?*¹³² outrora disse ainda: – estou na maior penúria de leitura, se tiver alguma coisa interessante, – não género maçador, género *Les hommes de bonne volonté*¹³³, para isso falta-me o fôlego – mande-me e prometo mal acabar, devolver-lhe pelo correio. É uma obra de caridade. A sua pobre amiga afunda-se num tédio profundo.

Mil saudades – que não merece, aliás – da sua velha,

Luísa

¹³¹ Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde (1854-1900) foi um poeta, dramaturgo e escritor irlandês, de personalidade controversa. Não deixa de ser curioso que uma conservadora como era Luísa lhe chame “amigo”.

¹³² De *De Profundis*: se não posso escrever livros belos, posso pelo menos ler livros belos; e que felicidade pode ser maior?

¹³³ *Les hommes de bonne volonté*, obra composta por 27 volumes, que foi publicada entre 1932 e 1947, e que pretendia ser um painel da sociedade francesa contemporânea cuja ação acompanha o decorrer do tempo. O seu autor foi Jules Romains, pseudónimo de Louis Farigoule (1885-1970), que tem como obra principal precisamente a referida no texto.

Carta n.º 20¹³⁴21 de julho [1939]¹³⁵

Minha Panterazinha,

A sua carta do Novo Mundo enterneceu-me por ser uma prova de que até nele se lembrou desta velha amiga. Não respondi para New York porque pensei que não chegaria a tempo de encontrá-la nessa turbulenta cidade com que eu não tenho empenho algum de fazer conhecimento apesar do sangue *yankee* correr largamente nas minhas veias. Mas gostarei de ouvir falar dela, sobretudo sendo a Fernanda que me conta alguns dos seus encantos... embora também não me pareça muito encantada... o que tão bem compreendo. Dá o mundo todo por Lisboa e Paris? Talvez tenha razão. Eu, a não ser nas nuvens, sempre detestei viajar, mas raras vezes e a raras pessoas ousou confessá-lo, pois neste século de agitação e instabilidade em que ninguém quer estar quieto, poucos me compreendem.

Sim, apesar de tudo – e que largo de significação é esse tudo! – ainda teimo em viver na Madeira. O que quer? Os velhos são como os gatos, agarram-se ao seu canto e voltam sempre embora seja para morrer. Eu agarrei-me sobretudo a este jardim, onde graças a si e à Sofia Baerlein¹³⁶, tenho tido dalias lindas, que me lembram... nem sei o quê, coisas vagas e deliciosas, da minha infância, de quintas onde vivi, ou passei. Na minha idade a gente gosta sobretudo do que nos faz recordação e saudades. Já se não tem esperança, resta a memória que é ao mesmo tempo um grande mal e um grande bem. Para variar tenho estado sempre doente

¹³⁴ Papel timbrado «Quinta Nogueira, Funchal».

¹³⁵ Pode-se datar esta carta do ano de 1939 pela referência no seu interior à presença de Fernanda de Castro em Nova Iorque. A escritora, António Ferro e João de Bianchi (Ministro de Portugal em Washington) marcaram presença na Feira Mundial de Nova Iorque nesse ano.

¹³⁶ Sofia Adelaide da Cunha Guerra Baerlein (1895-?), e, por casamento, Castelo Branco, foi uma artista plástica.

e com a casa transformada em hospital. Agora a Rosa¹³⁷ na cama há quinze dias!

Ainda não sei se me será possível ir consertar o coração a Royat – consertar género remendo pois conserto a valer já não tem. Mas a Portugal espero ir. Já tenho tantas saudades das amigas, do céu, dos pregões, de... tudo!

Quero vê-la muito. Prometo não dizer mal de Salazar. Ainda que o pense. Quanto a Hitler e Mussolini, espero que me dê liberdade de ação.

A minha cunhada e prima Carlota Turner¹³⁸ é uma das minhas mais velhas ternuras. Gostei que me desse as suas notícias. Ela nunca escreve! Também gosto do João Bianchi¹³⁹ que conheci pequeno.

Escreva-me, querida Pantera. Seja doce e mansinha como tem sido sempre comigo.

Deus queira que pudesse trabalhar. É um crime enferrujar-se essa linda pena.

Eu trabalho vagamente num romance que nunca acaba. Deve estar muito maçador. O que vale é ser moda a maçada. *Au revoir*. Saudades ao António Ferro. Mil, milhões para si.

Luísa

¹³⁷ Rosa, criada de Luzia.

¹³⁸ Carlota Turner, irmã de Francisco João de Vasconcelos, ex-marido de Luísa, casada com Arthur Campbell Turner, natural dos Estados Unidos da América.

¹³⁹ João Bianchi, filho (1884-?) de João António Bianchi, Visconde de Vale Paraíso (1861-1928), rico proprietário madeirense que se dedicou a gerir as suas propriedades, embora também fosse um exímio praticante de ténis.

Carta n.º 21¹⁴⁰

3 de novembro de 1939

Querida Fernanda,

Que a minha linda pantera convenceu-me que gosta de receber as cartas desta velha, rabugenta – rabugenta *in illo tempore*¹⁴¹, agora há muito não rabujo... – amiga. Mas como hei de eu acreditá-la? Parece-me que se assim fosse, me escreveria mais vezes, para que mais vezes eu o fizesse também. Mas enfim diz-me que recomeçou a trabalhar. Muito lhe será perdoado pois, quando tenho saudades suas e as suas cartas não vêm contentá-las, leio os seus livros e sinto-a perto de mim. Veja lá se depois disto me prega calote. Fico esperando, como presente de Natal, os versos prometidos... Também, por essa mesma data, gostaria de mandar-lhe o meu romance, mas talvez não possa ser. Ando nas lutas habituais com os ilustres e... trapalhões editores. Embora ajudada, com o maior interesse e dedicação pela Teresa – amiga rara, incomparável – ainda estou embaraçada, indecisa sobre o que hei de fazer. É extraordinário que vendendo tanto os meus livros – *porque se vendem*, o que não significa que sejam bons... Hoje visto os da Dona Sarah Beirão¹⁴² e outras... donas iguais – tenho sempre dificuldade em arranjar editores. Parece-me que a Fernanda me disse preferir fazê-los por sua conta. Gostaria de saber onde os imprime. Escrevi ao Augusto de Castro¹⁴³ perguntando – *sem sombra de pedido* – se o *Diário de Notícias* quereria comprar-me a edição, mas confesso que tenho pouca esperança na resposta. Enfim... veremos. Alguma coisa hei de tentar para que a... *borracheira* não fique na gaveta. O que, aliás, seria mais sábio. E perdoe-me

¹⁴⁰ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

¹⁴¹ Naquele tempo, em tempos distantes.

¹⁴² Sara de Vasconcelos Carvalho Beirão (1880-1978) foi uma feminista portuguesa que também se destacou como escritora, sobretudo na área da literatura infanto-juvenil, durante as décadas de 30 e 40 do século XX.

¹⁴³ Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (1883-1971) foi um advogado, político, diplomata e homem de letras, a quem foi confiada a organização da Exposição do Mundo Português em 1940.

maçá-la com estas histórias. A minha desculpa está toda em que a *Pantera* tem sido sempre muito gentil, interessando-se pelos meus *filhos* espirituais. Daí o desejo de desabafar consigo. Se mais quiser saber a esse respeito, converse com a Teresa e ela lhe dirá.

Quem me dera poder seguir o seu conselho e embarcar no próximo "Carvalho de Araújo", um vaporzinho que balança como um berço, o que deveria estar a calhar para mim – já me sinto na segunda *meninice!* – mas tenho muito medo de não poder voltar, caso Portugal entre na guerra, o que me parece provável... a embrulhada é cada vez maior! Assim, apesar do meu *longing to see Lisbon again*¹⁴⁴, irei ficando por aqui até que a tormenta acabe... se alguma vez acabar. Vivo com a França no coração e mandando Hitler para o... diabo, mas ele... não vai. Em que terror de tempo vivemos. Meu Deus! E ainda se diz mal do século XIX, tão manso e inofensivo! Pudesse eu voltar a esses felizes dias das cinturinhas de vespa e dos romances sentimentais! Acredite que chego a sentir pena de não ter morrido antes de entrar na brutalidade do nosso tempo! E lamento os novos condenados a uma tão incerta vida!

Deixei o Monte – o meu convento de paz e ar puro – com a maior saudade. Só há três dias estou no Funchal e já cansada, enervada... Mas daqui o vejo, sorri-me logo ao acordar, enquanto Lisboa me parece tão distante, quase inacessível até à memória – esse grande bem que é ao mesmo tempo, um grande mal – lá vai constantemente, procurar tudo e todos de que gosta. Por isto verá quantas vezes procuro certa pantera...

Escreva-me e *escreva*, sobretudo *escreva*. Estou sequiosa de lindos versos. Também muito lhe agradecerei se mandar os livros prometidos. Aqui pouco se sabe do que vai pelo mundo das letras: o mais interessante, mas que nada interessa os madeirenses. Tenho pena de não conhecer Maeterlinck, apesar do perigo que há sempre em conhecer os escritores de que se gosta.

Mil saudades amigas,

Luísa

¹⁴⁴ Grande desejo de voltar a ver Lisboa.

Carta n.º 22¹⁴⁵

29 de novembro de 1939

Minha querida Fernanda,

A sua carta de 15 do corrente já há muito tempo cá devia estar, mas embora o senhor Hitler ainda não se metesse com os nossos *vaporzinhos*, tudo anda tão desorganizado que só há dois dias a recebi. Sim, minha querida, não é das coisas mais agradáveis, habitar em tempo de guerra uma ilha perdida em pleno oceano – e que lindo está hoje esse oceano no seu vestido azul *pailleté*¹⁴⁶ de oiro! – mas exatamente porque eu não sei quando acabará esta guerra que ainda não começou e os meus meios de fortuna não me permitiriam ficar indefinidamente em Lisboa. Tenho receio de partir e não poder voltar, neste horrível tempo tudo é incerto, precário, até mesmo a *cordialité parfaite*¹⁴⁷ entre Salazar e Hitler, que depende sobretudo do... *cordial* Chamberlain. Entretanto se na primavera as coisas continuarem como agora estão, talvez me anime a ir ver os amigos e as olaias. Uns e outros não abundam na Madeira e o meu coração e os meus olhos precisam deles... Saudades suas tenho muitas, a pantera que tem sido sempre para mim um *cordeirinho manso* como aquele que S. João Batista costuma ter nos braços, enfeita-me a vida. Gostaria de vê-la antes de morrer e às vezes parece-me sentir a morte – a grande indesejável – muito perto de mim. A minha artrite vai de vento em popa... Mas será como Deus quiser...

Posso fazer teatro admirável?! Oh! sua grande lisonjeira!! não posso, acredite e ainda menos com pressa. Eu levo séculos a escrever seja o que for... Isto não é desculpa. É simplesmente a verdade... E tenho muita

¹⁴⁵ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

¹⁴⁶ Marchetado.

¹⁴⁷ Cordialidade perfeita.

pena. Aos dez anos já era o meu ideal de escrever para o teatro e fazia várias comédias, que ainda devem existir em Portalegre, na papelada de um tio – o primeiro que me tomou a sério como... escritora teatral. – A Fernanda é a segunda! –

Quanto ao meu romance: a Teresa leu-o com os seus olhos de amiga incomparável e achou-o *lindo* (!) em obediência àquelas palavras de Anatole France¹⁴⁸: – *Aimer c'est embellir*¹⁴⁹... mas está longe de sê-lo e se eu fosse chamada a fazer a sua crítica, achava-lhe mil defeitos e bem poucas qualidades. Estou desejando que a Fernanda o conheça, ainda que a sua opinião será também suspeita porque gosta de mim. Eu creio, *espero* que a esta hora ele já esteja nas garras dos tipógrafos e sendo assim a pantera-cordeiro – só poderá lê-lo em solene *letra de imprensa*. Escusado é acrescentar que lhe mandarei um dos primeiros exemplares –

Lembro-lhe que me prometeu a grande obra de caridade espiritual de uns livros – devolvidos logo que os ler – Tenha pena desta... *faminta* de coisas um bocadinho superiores. Aqui para além do *bridge* e da bisbilhotice e dos eternos secantíssimos ingleses, nada há. A Tereza tem-me já acudido, ultimamente com um admirável... interminável aliás – romance *Autant en emporte le vent*¹⁵⁰. Interessou-me imenso. Mas eu gosto ainda mais das obras da autora de *Back Street*¹⁵¹. Terá alguma coisa dela que queira emprestar-me?

O meu amigo Luiz Vieira de Castro¹⁵², *seu grande admirador*, ansioso por conhecê-la, diz-me que ainda não teve esse prazer. Se eu estivesse

¹⁴⁸ Jacques Anatole François Thibault (1844-1924) foi um romancista, biógrafo, ensaísta e poeta francês, com ampla produção literária. Ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 1928.

¹⁴⁹ Amar é embelezar, citação da obra *Le livre de mon ami* (1885).

¹⁵⁰ *E Tudo o Vento Levou*, romance de Margaret Michell (1900-1949), publicado em 1936 e adaptado ao cinema em 1939.

¹⁵¹ Romance sobre o adultério e a morte, publicado em 1931, da autora americana Fannie Hurst (1889-1968).

¹⁵² Luís Lopes Vieira de Castro (1898-1954) fez carreira como jornalista, tendo dirigido *O Jornal da Madeira*, *O Jornal* e o *Correio da Manhã*. Escreveu a biografia do rei D. Carlos. Luísa fez uma carta prefácio ao seu romance *Limbo*.

em Lisboa, já os teria aproximado... ele é inteligente, culto, e para si teria o grande merecimento de ser um fervoroso devoto do Salazar – *Mais les choses que doivent s'unir, s'unissent rarement*¹⁵³... Assim as simpatias, assim as amizades. Não falo nos amores porque esses é sempre pouco a propósito que se unem ...

Que grande carta!

Desculpe a maçada e escreva-me. Há quem pretenda que a distância protege a intimidade...

Diga a seu amigo Maeterlinck que numa ilha – a tal perdida em pleno oceano – alguém o lê infatigavelmente.

Abraço-a,

Luísa

Carta n.º 23¹⁵⁴

30 de dezembro de 1939

Querida Pantera de que ainda não conheci a ferocidade...

Abençoada constipação que me valeu a sua carta! Mas, mesmo para que me escreva, não desejo que ela se prolongue. Gosto de sabê-la de pé, em plena atividade: essa linda atividade que me lembra a dos pássaros, enquanto eu jazo inerte, doente e triste – tão triste! – numa ilha quase submergida por um verdadeiro dilúvio... Há dois dias que não cessa de chover, mas chover torrencialmente, até mesmo dentro da

O seu primeiro livro foi publicado em 1916, no Funchal, com o título *Nebuloses*. Envolveu-se na política madeirense como monárquico e apoiante do Integralismo Lusitano.

¹⁵³ Mas aquilo que se devia reunir raramente se reúne.

¹⁵⁴ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

minha casa! Em todos os cantos tropeço num balde, numa tina, para nos defenderem da inundação. E está tão escuro que se tem a luz acesa desde pela manhã. Eis o delicioso clima da ilha da eterna primavera! E o *clima moral* não é melhor. Tudo às escuras também! Pobreza, falta de trabalho, desânimo, suicídios... É verdade, já começaram. Preferem matar-se à lenta morte pela fome. Os que podem emigram para o Brasil. Partem famílias inteiras com os numerosos *bébés* – *bébés* é o único produto que não falta, de que não há crise... Futuros soldados para a pátria, *chair à canon*¹⁵⁵... Ah! Que desolador fim do ano! – quanto aos ananases, vêm dos Açores... Os Açores que se queixem. A nós basta-nos o vinho que se não exporta, o açúcar sobre que o nosso pai Salazar lança todos os dias novos impostos. Daí a ameaça do Hinton¹⁵⁶ fechar a fábrica, deixando sem trabalho centenas de homens e a crise dos bordados e a crise das bananas... que mais, bom Deus? Tudo... menos os ananases, aprenda senhora pantera que os ananases são produto açoriano. Eu estava cheia de esperança na sorte grande, para dar 100 contos aos pobres da Madeira e... uma bofetada, com luva, no Sr. Presidente do Conselho que lhe mandou apenas 20, mas a respeito de sorte, nem grande nem pequena. Oitocentos escudos fora da algibeira... *en pure perte*... quem me manda ser jogadora? E já recomecei para a lotaria de hoje, porém com mais moderação. Querida Pantera, desejava ver uma aberta azul no céu, um raio de sol atravessando estas densas trevas, para com um bocadinho de alegria, enviar-lhe os meus votos de novo ano feliz, mas parece-me que para sempre o céu se fechou ao azul e o sol abandonou a terra e a alegria se despediu de nós. Contentar-me-ei pois em dizer-lhe que no fim, no princípio, como durante todo ano, o meu coração lhe quer bem. Agradeço-lhe os livros: verdadeira obra de caridade que a si e à Teresa devo. Só vocês me acodem. Aqui poucas pessoas sabem que os livros – essa bênção do céu! – existem. E eu não posso viver sem eles...

¹⁵⁵ Carne para canhão.

¹⁵⁶ Harry Carvelerie Hinton (1857-1948) foi um industrial inglês nascido na Madeira e proprietário da Fábrica do Torreão, que produzia açúcar e aguardente. Na altura em que Luísa escreveu, estava casado com uma cunhada sua, Isabel Lomelino Vasconcelos.

quem me dera que me mandasse a sua peça em francês! Faça mais essa esmola a esta pobre. E Deus queira que ela seja representada. Já me constou que uma das récitas a benefício dos parques infantis teve grande sucesso, em todo o sentido, com o que muito me alegrei.

A Fernanda deve pensar que eu lhe preguei uma grande peta quando lhe disse que o meu romance já devia estar no prelo, mas realmente assim teria a veleidade de julgar. Não estava, nem sei se estará.

A Teresa, apesar dos meus pedidos, cartas e mais cartas por todos os vapores, insistindo, quase suplicando, que o entregue a uma tipografia, visto que a "Portugália" me roeu a corda – não se decide. *A Última Rosa de Verão* jaz na Travessa de Santa Quitéria, esperando *le bon plaisir*¹⁵⁷ dessa nossa amiga. Isto longe está de representar uma queixa. Ela não tem obrigação alguma de ocupar-se dos meus livros e depressa ou... devagar é um grande favor que lhe fico devendo. Veremos se alguma vez consigo, mas começo a desanimar. Resultado de ter-me metido numa ilha selvagem, onde, por minha iniciativa nada posso fazer.

Sim, o Luiz Vieira de Castro, um filho do meu coração, admira-a profundamente. Conhece-a através dos seus livros, dos seus Parques e do que eu lhe tenho dito de si – creio que a Fernanda gostará dele. É muito inteligente, culto, civilizado, com uma pontinha de timidez que às vezes parece orgulho e é um devoto do Salazar... da política inglesa e da... Girandona. São mesmo – além da sua pessoa, bem entendido, as únicas devoções que lhe conheço. Ele faz-me aqui a maior falta embora não o visse muitas vezes. Enterra-se em Santa Cruz a ler e a escrever.

Ainda a propósito dos livros que me mandou: o que mais me tenta é o da Emily Brontë, eu gosto tanto destas irmãs Brontë, mas conheço sobretudo Charlotte, a autora da deliciosa *Jane Eyre*¹⁵⁸. Contudo ainda o não comecei por causa da letrinha miúda, inimiga dos meus tristes olhos e com esta escuridão... Li o de Stéfán Zweig. Muito bem feito,

¹⁵⁷ Os bons ofícios.

¹⁵⁸ As irmãs Brontë, Charlotte (1816-1855) e Emily (1818-1848) são duas escritoras inglesas que, apesar das suas curtas vidas, se tornaram notáveis. As suas obras mais conhecidas são *O Monte dos Vendavais*, de Emily, e *Jane Eyre*, de Charlotte.

como tudo o que ele escreve, em todo o caso desse autor só gosto a valer dos estudos históricos. Hoje lançar-me-ei num dos outros. Será a minha única companhia, durante as longas, solitárias horas... Ah! Lisboa, Lisboa, mesmo com chuva e a tristeza feia da sala do Avenida, como tenho saudades dela, nesta Madeira hostil! Quando acabará esta guerra que aqui me prende? E não morrerei eu antes? Sinto-me tão doente! Adeus, não quero entristecê-la, se é que a ideia da minha morte pode entristecer alguém... A mim entristece-me umas vezes e noutras aparece-me como uma promessa de paz. Nunca mais sofrer, nunca mais ter desilusões, nunca mais sentir o horror da solidão!

Mas adeus, adeus. Perdoe a maçada, o peso da carta e creia-me sua amiga segura, embora *rabugenta*.

Luísa

Carta n.º 24¹⁵⁹

19 de janeiro [1940]¹⁶⁰

Querida, generosa Fernanda

Tenho tanto para agradecer-lhe que nem sei por onde comece! A sua enternecedora carta foi-me direita ao coração, faz-me ainda maiores saudades dessa Lisboa tão distante, quase inacessível para quem se sente prisioneira de uma ilha que, embora formosíssima e neste momento toda doirada – a begónia vetusta, trepadeira de maravilhosas flores amarelas esconde sob o seu esplendor a horrível miséria que por aí vai –

¹⁵⁹ Papel timbrado “Quinta Nogueira, Funchal”.

¹⁶⁰ Considerando que na carta há uma referência a um livro no prelo que é o primeiro (e único) que a autora escreve com a indicação de pertencer ao género do romance, *Última Rosa de Verão*, pode-se considerar como data provável 1940.

muitas vezes lhe apetece chamar a ilha de Deus, a ilha do Diabo... Deus me perdoe... Sim, em Lisboa teria tudo que me falta aqui, começando pela simpatia, calor tão necessário aos velhos corações e que eu já não sei conquistar. Os madeirenses do meu tempo, dos deliciosos dias que já lá vão – sou como Valery Larbaud¹⁶¹, adoro esta maneira de dizer! – estão no cemitério, os... outros não gostam de mim e eu pago-lhes na mesma moeda. Mas fico... fico, presa não sei porquê. Mais do que nunca sinto a verdade profunda do: *Le coeur a des raisons que la raison ne connaît pas*¹⁶². E pelo que se vê ainda são mais desarrazoáveis as razões de um velho coração.

Hoje, quando me preparava para agradecer a doce carta, chegou o grande pacote de livros: ainda um motivo de gratidão! Junto com eles encontrei duas fotografias: padres, meninas de véu e vestido branco, meninas de primeira comunhão talvez, quase senhoras com ar de circunstância, mas não sei a que vieram, porque mas mandou. Procurei em vão a sua pena, os olhos de andorinha ou de... pantera. Não os encontrei, ninguém conheci no séquito. Peço explicação. Confesso que teria apreciado mais um retrato seu, porque não tenho o seu retrato. Nunca mo quis dar! À medida que for lendo os livros, devolvê-los-ei. Já lhe disse que gostei muito da *Puissance du Mensonge*¹⁶³? Na vida é exatamente assim, mas eu continuo com a paixão – uma verdadeira paixão pela verdade.

O meu romance finalmente já está no prelo, creio que a primeira parte completa. Será a Fernanda uma das primeiras pessoas a recebê-lo, mas tenho medo da sua desilusão... A Teresa sempre generosa e minha amiga, realizou largamente as palavras de Anatole France: – *Aimer c'est embellir*... Eu quando agora leio em letra de imprensa o que escrevi, acho tudo pobre, enfadonho, muito pior do que os meus outros livros. Enfim, veremos como o público recebe e aprecia a nova... borracheira.

¹⁶¹ Valery Larbaud (1881-1957), poeta e escritor francês, ainda que não muito conhecido.

¹⁶² O coração tem razões que a razão desconhece, frase de Blaise Pascal (1623-1662), grande matemático e pensador francês.

¹⁶³ Obra do escritor norueguês Johan Borgen (1902-1979).

Deixei-me arrastar pelos que me aconselhavam que escrevesse um romance, mas sinto bem que não deveria ter saído do meu género. Depois hei de querer que me dê sinceramente a sua opinião. Há tanto tempo não me manda alguma coisa sua. Acredito lá que a pena encantadora da minha *pantera* esteja estragada! Não pode ser. Em si o que há é um horrível *gaspillage*¹⁶⁴ dos tesouros que Deus lhe deu e com isso não posso conformar-me. A Fernanda nasceu para escrever, para fazer versos, tudo o mais é muito útil, mas não é a sua vocação.

Antes de acabar, hoje tenho pouco tempo, a cabeça dolorosa e cansada e quero contar-lhe que o Menino Trigueiro, numa carta que bastante me custou a decifrar, canta em todos os tons os louvores a António Ferro, a quem, entre outras coisas, chama *muito chic*, porque reparou uma injustiça que lhe foi feita no *Diário da Manhã*, pelo que julga... e não é, graças a Deus, meu patrício, Pestana Reis!!¹⁶⁵

Diga-me se já fez conhecimento com o Luís V. de Castro. Esse tem deveras muito valor. O Salazar deve aproveitá-lo. Consta-me que Lisboa transborda de germanófilos. Espero não ter de incluí-la nesse número. Mas, Deus do céu, como pode alguém, com miolos e coração, ser germanófilo?! Aqui também os há, entre meninos patetas e *snoobs* que o julgam do último bom tom.

Querida Fernanda, para retribuir a sua bondade queria poder mandar-lhe este dia que, após tantos vendavais, nasceu azul e lindo, coroado pelo oiro das begónias – mas só me é permitido mandar-lhe um sem número de agradecimentos e saudades,

Luísa

Obrigada por querer valer às pobres bordadeiras. Mas elas só trabalham para as casas exportadoras e para... que lástima!

¹⁶⁴ Desperdício.

¹⁶⁵ Manuel Pestana Reis (1893-1966), advogado, político e escritor madeirense, membro da Comissão de Propaganda da União Nacional.

Carta n.º 25

Funchal, Quinta Nogueira, 5 de março de 1940

Querida Fernanda,

Muita razão tenho eu para acreditar nas fadas. A Fernanda é uma delas, que adivinha tudo o que pode dar-me prazer. E deu-me o maior, receber com uma tão linda dedicatória, o livro de Claude Silve. Peça-lhe que lhe entregue esta carta em que *tant bien que mal*¹⁶⁶ lhe digo a minha gratidão. Mas é sobretudo a si que agradeço. Gostaria de mandar à deliciosa autora de *Bénédiction*, um dos meus livros, no entanto penso na inutilidade de fazê-lo porque ela decerto não entende português.

Obrigada também pelo empréstimo de *Marie Antoinette*¹⁶⁷ de Zweig. Eu já há muito o tenho e também os seus outros livros históricos, ainda há poucos dias reli o *Fouché*¹⁶⁸. Hoje vou devolver-lhe o que aqui tenho seu, na *suíte* dos Jobourg e a *Marie Antoinette*, creio que mais nada. Estou ansiosa por conhecer o último volume dos Jobourg. Sou como as crianças, quero sempre saber o fim de uma história. Se o tiver, empreste-mo, sim? Seja mais uma vez uma boa fada.

A Teresa agora promete que o meu livro estará pronto no dia 15 de março, com a condição de eu desistir de novas provas, o que não me

¹⁶⁶ O melhor que posso.

¹⁶⁷ *Marie Antoinette* foi publicada em alemão em 1932 e a primeira tradução em francês, da Grasset, Paris, é de 1933. O romance narra a história da rainha desde o momento em que, aos catorze anos, chega a Versalhes, às suas frustrações com o marido distante, ao seu apaixonado caso de amor com o conde sueco von Fersen e, finalmente, ao caos da Revolução Francesa e ao período do Terror.

¹⁶⁸ Biografia de Joseph Fouché (1759-1820) que foi um político francês do tempo da Revolução Francesa que se notabilizou sobretudo pela sua falta de caráter.

sorri muito. Ela sabe português mil vezes melhor do que eu, mas... enfim aceitei essa condição... Deus lhe ponha a virtude. Logo que o saiba na "Portugália", a Fernanda terá um dos primeiros exemplares. A dedicatória fica para quando nos tornarmos a ver, se tornarmos... Estive outra vez muito doente. Já melhorei. O pior foi a fraqueza em que esta última macacoa me deixou. Atacou-me sobretudo a memória. Faltam-me as palavras para escrever e até para falar. Tenho envelhecido tanto neste ano na Madeira que ontem um *chauffeur* perguntou-me se eu já tinha oitenta anos!

É triste, mas o que se lhe há de fazer? Seguir o caminho com resignação...

E adeus, querida Fada. Sinto muitas saudades suas e de Lisboa. Daqui a pouco começam a florir as dalias da minha paixão. Na Madeira reacendem as primeiras glicínias e o meu jardim está cheio de rosas, mas não me compensam das dalias... Quando acabará esta guerra? E quando poderei sair daqui? Só Deus o sabe... Abraça-a com ternura e gratidão

Luísa

P.S.: Escreva-me, mande-me versos. É impossível que os não tenha feito.

Carta n.º 26

Funchal, Quinta Nogueira, 9 de abril de 1940

Querida Fernanda,

Que mal lhe fiz? Nunca mais tive uma palavra sua! Haveria de minha parte alguma ofensa ou desacato à... Situação? que não morro por ela é mais do que certo – *certíssimo*, mas sou tão inofensiva! E depois, em

compensação ao *fraco* que recuso a Salazar, com letras muito grandes como... nós os pequenos pagamos para o *réclame* que se lhe faz na imprensa estrangeira, tenho mesmo o que se chama um forte, *fortíssimo*, por certa pantera, ingrata que não quer saber de mim.

Essa não precisa de *réclame*. Todos que a veem e ouvem ficam a morrer por ela. A minha pena é que a dita *fera* ainda não se lembrasse de transtornar os miolos ao gelado ditador... Que bom se aquele coração acordasse!... não se zangue, minha linda pantera. Escrevo-lhe de uma ilha onde se morre à fome e os que alguma coisa querem fazer para acudir à grande calamidade são ainda somente paralisados pelo governo, os hotéis propunham continuar abertos, embora fossem poucos pouquíssimos os hóspedes reclamando apenas destes *quero, posso e mando* uma pequena diminuição das contribuições, que o Todo Poderoso imediatamente recusou, não é ele que sofre, não é ele que tem fome! Nada lhe falta, nem sequer a escadaria de pedra que subirá... à *laia* de César...

Mas acabou-se. Remeto-me ao silêncio. E perdoe, minha querida pantera. De vez em quando acomete-me uma destas necessidades de desabafo, abro a tampa da caixa em que vivemos metidos e digo o que penso. Sou descendente de acérrimos partidários do Sr. D. Pedro IV, quer dizer preciso de ar e de liberdade! Mas não foi para rabujar contra as instituições que vim escrever-lhe.

Foi para dizer que D. Sebastião já desembarcou. E quase se por uma manhã de nevoeiro e com as suas botas de cortiça. Não o vi – Só por um acaso soube da sua aparição, no dia 5. Já decerto percebeu que me refiro ao meu livro: um mau livro. Não tenho ilusão. Mas quero dar-lho, quero que seja uma das primeiras a lê-lo, por isso quando passar na "Portugália" – "Portugália" daquela senhora dos correios que achava a Fernanda uma "boa mulher" reclame com o bilheteinho junto, o seu exemplar. Sem dedicatória, aliás. O oceano separa-me de todas as dedicatórias. Escrevê-la-ei se alguma vez tornar a vê-la neste turbulento mundo.

Abraço-a com a ternura de sempre,

Luísa

P.S.: Por uma carta da Teresa que acabo de receber, sei que já leu a... *borracheira* e diz-me ela que gostou. Quem me dera acreditar, mas nunca publiquei um livro com tão pouca confiança no que escrevo. Quem me dera ser a Sara Beirão.

Carta n.º 27

Funchal – Ilha da Madeira, Quinta Nogueira, 13 de maio [1940]

Pantera da minha maior ternura

Já lhe devia ter escrito há muito tempo para agradecer a sua carta tão boa e generosa, que me daria coragem de continuar a trabalhar se eu ainda fosse suscetível de ter coragem para alguma coisa. Ai de mim! Não sou. A doença agravada pelo clima, por mil aborrecimentos, pelas notícias da guerra – no dia em que chegaram as da invasão da Bélgica e da Holanda¹⁶⁹, mais uma infâmia dos bárbaros, segundo me consta, objeto de admiração de todas as senhoras elegantes e seus miolos lisboetas, senti-me perfeitamente aniquilada, desejei morrer para não assistir à ruína de tudo o que é mais querido. Hoje são um pouco melhores, mas verdadeiras? Não sei. Os jornais da terra pertencem à Companhia inglesa e, já vê, atenuam quanto podem os desastres da sua gente. Não tenho telefonia, faz-me tanto horror o barulho do mundo... Para que hei de procurar o seu eco terrível?

E assim estou triste e só, o passado é o meu único refúgio. A par de muitos dias *maus*, alguns foram bons e quando se é novo tem-se sempre a esperança – em doses maravilhosas – que falta à velhice e de que só a saudade compensa um pouco. Penso em todos que morreram e em tudo

¹⁶⁹ A invasão foi a 10 de maio de 1940.

que morreu. O seu livro, ou por outra o de Roger Martin du Gard¹⁷⁰, tem-me feito deliciosa companhia. Ele escreve como eu sinto. É triste como a vida, como a verdade. Nele só me falta *Deus* e eu não sei viver sem Deus. Mas que admiráveis coisas sobre a guerra, que ambos detestamos, abominamos...

Olhe, é verdade que eu não gosto nada do nosso, do *seu* chefe, mas se nos livrar desse flagelo, pedirei a Deus que o conserve e que mude o meu coração. Ele não tem culpa alguma do que se passa na Europa, nem de nos faltarem os vapores ingleses... Mas não devia pensar nos *deperantes*¹⁷¹ quando em terras portuguesas gente morre à fome... É de uma insensibilidade de pedra... é gelado como a neve dos Pirinéus e a mim basta-me o frio da velhice. Queria para a minha terra um bocadinho do calor que vem do coração. No entanto acabou-se. Não falarei mais nele, para que entre nós não surja um ponto de discórdia.

Tenho tanta pena que se esteja sentindo doente. De longe continuo a vê-la como a deixei, bonita, fresca e cheia de energia. Faça favor de não me estragar a minha pantera.

A *Última Rosa*¹⁷² apesar do silêncio sepulcral dos jornais, parece que tem vendido bastante, dizem os senhores da Portugália, o que me prova que os amigos desconhecidos a quem a dediquei, amigos de há mais de vinte anos, continuam a ser-me fiéis e isso dá-me prazer. No entanto tenho muitos artigos prometidos. Se vierem tanto melhor, e se não vierem... *on s'en passera*¹⁷³.

Querida Fernanda, não seja como Frei Tomás, em vez de pregar aos outros que escrevam, dê o exemplo. Mande-me alguma coisa, versos ou

¹⁷⁰ Roger Martin du Gard (1881-1958) foi um escritor francês que recebeu o Prémio Nobel em 1937, e foi autor de, entre outras muitas obras, *Les Thibault*, em oito volumes, publicados entre 1922 e 1940. Situa-se temporalmente nas duas primeiras décadas do século XX e narra a vida de uma família católica e burguesa, à qual se apresentam diversos dilemas morais.

¹⁷¹ Referência a uma leva de 18.000 refugiados que Salazar se preparava para receber, o que acabará por acontecer em junho de 1940.

¹⁷² Último livro de Luzia.

¹⁷³ Passaremos sem eles.

prosa... sabe que admiradora tem em mim quando pedi para lhe entregarem a Rosa... *Última*, esqueceu-me dizer-lhe que era também para o António Ferro de quem sou sempre amiga, embora ele já não queira saber da minha insignificante pessoa. E *adeus, au revoir*.

Um abraço da sua amiga,
Luísa

Desculpe todos estes borrões, emendas... não sei escrever doutra maneira. Pense que tenho cem anos e todo o peso da vida sobre mim.

Carta n.º 28

Funchal – Ilha da Madeira, Quinta Nogueira, 18 de junho [1940]

Querida Fernanda,

Respondo à sua carta com o coração despedaçado. Julguei que já não tinha lágrimas, mas ainda as tenho para chorar pela França, minha querida pátria, se a pátria se escolhesse... Ai de nós! Nada se escolhe. E à medida que a sinto mais vencida – mais infeliz, maior se torna o amor que lhe tenho! Vencida pela força bruta de um bandido sem escrúpulos, a que logo se juntou outro bandido ainda pior, vencida pela traição, pela cobardia de um rei com alma de laçao¹⁷⁴, vencida pelos repugnantes marujos da 5.^a coluna¹⁷⁵, que, enquanto ela, a generosa imprevidente, se ocupava apenas de criar beleza, elegância, espírito, não tinha outro fim que não fosse o mais abjeto, mais reles, espionar, mentir, preparar a morte, o roubo, a destruição...

¹⁷⁴ Referência ao rei de Itália Vítor Emanuel III.

¹⁷⁵ Chama-se Quinta Coluna a grupos de indivíduos que, na iminência de uma guerra, ou mesmo depois do seu início, atuam a favor do inimigo.

Apesar do que me diz sobre os germanófilos em Lisboa, *je sais à quoi m'en tenir*¹⁷⁶ e não só lá como aqui, muitos devem receber parabéns neste momento. Talvez não se alegrem tanto quando Hitler nos levar as colónias e quem sabe se mesmo de Portugal quiser fazer uma colónia alemã... quer dizer um covil de assassinos e ladrões... o que eles merecem. Nessa ocasião, se não se tratasse da terra onde nasci, *da minha terra*, era eu que batia as palmas. Mas tudo isso que importa? Sim, que importa o que pensam os meninos da Legião¹⁷⁷ e não sei se também os da Mocidade – os lusitos¹⁷⁸ que no *bon vieux temps*¹⁷⁹ ainda *faziam pipi* nas calças e agora já usam farda e arrogância?! O que importa é a França vencida, esmagada sem remédio e a ansiedade em que vivo, em que tantos vivem... E a alegria, o triunfo dos outros que moralmente nos esbofeteiam... Pela sua vez hão de ser vencidos, bem sei, tenho a certeza. A Inglaterra ainda está de pé, tem condições para defender-se que em absoluto faltam à pobre França, irá até ao fim. Tenho confiança, tenho esperança, senão parece-me que me deixaria morrer, tudo menos ser alemã ou italiana. Creio que a Fernanda pensará como eu. Se julgasse o contrário não lhe escrevia, *nunca mais*. Quanto ao Pimenta, da

[...] ¹⁸⁰

cuecas ou... sem cuecas, é sempre abjeto. E até prefiro sabê-lo pelos *germanos*... Salazar? Procuo sempre ser justa mesmo com aqueles de quem não gosto, por isso acho que ele tem sabido levar-nos pelo caminho seguro no meio de toda esta atroz barafunda. Só não aprovo as festas, lembrar-se alguém de ir chorar de entusiasmo e de enternecimento e... de saudade, em honra do Sr. D. Afonso Henriques e não sei se lembrando sua... virtuosíssima mãe, a Sra. D. Tareja – quando em quase todo o mundo civilizado é tão grande o sofrimento parece-me um disparate monstruoso. Aqui também uma

¹⁷⁶ Estou informada, sei com o que contar.

¹⁷⁷ A Legião Portuguesa era uma milícia que existiu durante o Estado Novo.

¹⁷⁸ Primeiro escalão etário da Mocidade Portuguesa.

¹⁷⁹ Bons velhos tempos.

¹⁸⁰ Falta a página 3 de PT-FAQ-AFC-01-001-02-40-00070.

paródia, *reles e pobre*, a que Deus louvado, não assisti – Dizem-me que foram uma perfeita maravilha os discursos de Júlio Dantas¹⁸¹. Esses gostaria de ter ouvido. Ele é elegante e fala com elegância. Admiro-o sempre mesmo quando não era moda admirá-lo e admirei-o tendo ele sido muito malcriado comigo e sabendo que me destrata. *C'est trop d'homme*¹⁸²... para mim, bem entendido. Alguém que ouviu o auto representado em Guimarães, descreveu-mo como uma cena de família – cena no sentido da bulha, desordem malcriada – entre D. Afonso Henriques e sua egrégia mãe – acrescentando que não podia ter havido borracheira... maior. Pergunto eu: se queriam um auto porque não incumbiram de escrevê-lo quem o saberia fazer? Graças a Deus ainda há em Portugal tanta gente com talento! A Fernanda teria imaginado qualquer coisa poética e linda que mesmo à completa indiferença dos meus olhos tornaria interessante o Sr. D. Afonso Henriques e por aí fora até D. Sancho – o Povoador –

Vou mandar-lhe o seu livro, último dos *Thibault*¹⁸³, que adorei e acho-o de uma emoção – valha-me Deus, emoção não é português! – e de uma realidade pungente, dilacerante. Revolucionária? Talvez um bocadinho, mas eu também sou e... um bocadão. Tudo o que diz da guerra é profundamente verdadeiro. Obrigada mil vezes por mo ter emprestado. Quando tiver alguma coisa interessante, lembre-se de mim que só tenho os livros para me distraírem desta tristeza esmagadora. Diga-me que tal é o *Bâton* do Cortez¹⁸⁴?

Esqueci-me de responder à sua pergunta amiga sobre a minha saúde. Má. Sempre má e se hei de viver para assistir ao desastre de todo o

¹⁸¹ Júlio Dantas (1876-1962) foi um médico e político português que teve uma carreira na área da escrita, na qual se dedicou a diversos registos: romance, jornalismo, teatro e poesia, por exemplo.

¹⁸² É homem demais.

¹⁸³ Ver nota anterior sobre Roger Martin du Gard.

¹⁸⁴ *Bâton* é uma obra de 1938 de Alfredo Ferreira Cortez (1880-1946), dramaturgo português que recebeu o Prémio Gil Vicente em 1936. Escreveu o argumento do filme de José Leitão de Barros *Ala-Arriba!*, que estreou em 1942. Este *Bâton* é uma peça muito crítica da alta sociedade portuguesa da época.

mundo onde ainda nos é permitido respirar e pensar pela nossa cabeça, então antes Deus me mande a morte misericordiosa, salvadora.

Abraço-a com a ternura de sempre,

Luísa

Carta n.º 29

Funchal, Quinta Nogueira, 19 de julho de 1940

Querida Pantera – é deveras inquestionável este meu gosto pelas feras! –

Obrigada pela sua carta tão pequenina. Um dia por isto, outro por aquilo, nunca recebo uma nova carta sua. Ainda que fosse para me agastar com as patinhas felinas. Quanto gostaria que me escrevesse mais! Todos esses amáveis – isto é, eu não sei se são amáveis, devem sê-lo, dada a sua qualidade de franceses – refugiados, parece-me que tinham a estrita obrigação de ficar em França, para o melhor ou para o pior... de ajudarem o general Pétain¹⁸⁵ que está dando o seu último esforço à pátria, embora tão mal compreendido por muitas e variadas pessoas. Eu, que, como a Pantera sabe, odeio regimes totalitários e abomino ditaduras, acho que neste momento só eles podem salvar aquele pobre país. E não compreendo porque lhe chamo pobre, mesmo esfrangalhado, ele é ainda tão grande, que alemães – os seus adversários – e ingleses – os seus falsos amigos – ao desafio fazem-lhe namoro. Deus

¹⁸⁵ Philippe Pétain (1856-1951) foi um militar e político francês que se tornou um herói de guerra na batalha de Verdun, na I Guerra Mundial, mas acabou, na II Guerra, por se subjugar ao regime nazi. Essa atitude levou-o a ser condenado à morte depois da vitória dos Aliados, embora a sentença viesse a ser transformada em prisão perpétua, atendendo aos feitos na I Guerra e à idade avançada.

permita que ela abra enfim os olhos e uns e outros rejeite – Eu ainda acho piores os hipócritas britânicos. No entanto, para *nosso interesse* – só para ele – desejo que vençam, mas vençam depressa –: Sr. Churchill, num palavreado, numa fanfarronice, que até parece espanhol – e venha de lá alguma coisa de jeito... quanto ao nosso Hitler – Salazar *s'il vous plait* – acho que merece um grande bravo, tão bem tem conduzido o barco através de tamanha procela, festinhas para os lados da Alemanha, beijinhos na pérfida Albion e assim se vai equilibrando com uma diplomacia única, na tresloucada Europa. Não imagine que digo isto com ironia, ao contrário: durante todo este *banzé* tenho-o admirado sinceramente. Isto é: em tudo menos nas festas¹⁸⁶ que achei pouco... nada a propósito, com tantas lágrimas e sangue a correrem no mundo inteiro. Mas dizem-me que foram deslumbrantes, embora o dinheiro não chegasse para a despesa... – Aqui d'El Rei... Lá vamos nós pagar... Pagar sempre pagar! É o nosso ofício desde que o Fuhrer português nos rege... –

Mas não digo nem mais um pio. Tremo da quinta coluna... as paredes têm ouvidos e olhos...

Estou tão triste, desde aquele horrível dia em que os alemães entraram em Paris¹⁸⁷, pouco mais fiz do que chorar... até à última hora esperei um milagre. A França tem tantos séculos e a alma francesa é tão heroica! Rezei, pedi a Deus, a Nossa Senhora de Lourdes, a Joana D'Arc¹⁸⁸, à doce Teresa de Lisieux¹⁸⁹, mas nenhuma me ouviu. A querida pátria do meu espírito e do meu coração tinha de passar pelo martírio, para dele sair purificada e maior ainda. Agora ainda choro,

¹⁸⁶ Provavelmente, a autora refere-se às Festas do Mundo Português, que tinham tido lugar em junho desse ano.

¹⁸⁷ 14 de junho de 1940.

¹⁸⁸ Joana d'Arc é uma heroína francesa (?-1431), posteriormente canonizada, que combateu ao lado dos seus compatriotas durante a Guerra dos Cem Anos.

¹⁸⁹ Marie Françoise Thérèse Martin, mais conhecida como Teresa de Lisieux ou Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897) foi uma freira carmelita descalça que, apesar da sua curta vida, se tornou uma das mais importantes figuras do panteão da santidade em tempos modernos.

mas já choro com esperança, com *certeza*, no seu renascer... E a tortura de ouvir dizer mal dela! Bati-me para todo o lado. Houve um momento, em que me parece só eu e o Hitler lhe fizemos justiça! E se não trinquei os fígados a um inglês, quando lhe afundaram o melhor navio da sua esquadra¹⁹⁰, foi porque nenhum encontrei ao alcance dos meus dentes... Mas a Fernanda há de dizer que não tenho emenda. Escrevi: nem mais um pio sobre a guerra. E logo voltei ao assunto outra vez! Estou como os loucos: presa da ideia fixa. Além dessa grande dor, tenho tido tantas maçadas! Julgo que será preciso sair da Quinta Nogueira. O senhorio é uma autêntica besta, dá *coices* e já tenho a minha conta... Para onde irei, deixando aqui um bocado do meu coração, de minha mocidade, de toda a minha atormentada vida? Nem sei. Tinha em vista outra quintinha simpática, mas naturalmente não será para mim. Nada *do que eu quero é para mim*. Esperam-se 1000 ou 1500 refugiados¹⁹¹ – os hotéis que não poderão dar abrigo a tanta gente, apanham todas as casas em que possam recolhê-los e naturalmente... explorá-los, mas ainda bem que vêm. Haverá um bocadinho de trabalho para tanta gente que morre à fome¹⁹²! Mesmo que eu quisesse ir agora a Lisboa não teria lugar em hotel algum. Espero pelo fim do verão, se até lá Deus me der vida. Deus permita que a encontre. Hoje decididamente o seu livro vai para o correio. Já lhe disse que o adorei.

Leu – teve essa coragem? – o artigo do menino Trigueiros¹⁹³ sobre a *Minha Rosa de Verão*? O único comentário que faço é o meu espanto

¹⁹⁰ Referência a um episódio da II Guerra Mundial conhecido como a batalha de Mers-El-Kebir, ocorrido a 3 de julho de 1940, no qual uma operação aérea e naval inglesa afundou um couraçado francês, danificando ainda outros cinco navios da armada francesa. O objetivo desta manobra era o de evitar que os navios franceses pudessem vir a ser utilizados pelos alemães, uma vez que a França tinha capitulado há pouco.

¹⁹¹ Trata-se de um contingente de refugiados gibraltinos que foram recebidos na Madeira.

¹⁹² Referência ao interesse económico que representava para a Madeira a vinda dos gibraltinos, na medida em que seria geradora de dividendos capazes de minorar a fome dos madeirenses.

¹⁹³ Refere-se a Luís Forjaz Trigueiros (1915-2000), escritor e crítico literário.

perante tamanho pedantismo de *pontificar*, em tão emaranhada linguagem, que muitas vezes não consigo compreender!! Coitado e deve estar convencido que escreveu mais uma obra prima!! A propósito do meu livro: acha que eu deveria oferecê-lo a Claude Silve. Ela naturalmente não entende português, por isso não o fiz sem pedir a sua opinião.

Já a macei bastante, *demais*, pobre Fernanda. Desisto de perguntar-lhe se tem trabalhado. Receio a resposta. Ah! que pena, que desperdiçar de um tesouro!!

Abraço-a triste, desconsoladoramente,

Luísa

Carta n.º 30

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro 3, 18 de fevereiro [1941]¹⁹⁴

Querida Fernanda

Mas, com toda a certeza quero o seu original e creio que ninguém poderia estimá-lo mais do que eu. Devolvi-o porque não recebi a carta a que se refere, em que me dizia serem lindos versos para mim. *Enternece-me* a lembrança e desde já lha agradeço de todo o meu coração. *Mas não se esqueça de mandar-mo*. A pobre não devas... Eu nunca mais me calaria a pedir-lhos... em tão altos gritos que porventura, através do oceano, cheariam à Rua dos Caetanos...

No entanto não deixo de ter estimado imenso o livro¹⁹⁵ agora recebido. Adoro esses maravilhosos versos, *adoro todos*, mas alguns tinha

¹⁹⁴ A datação é feita a partir da referência ao livro de Fernanda de Castro, *Trinta e Nove Poemas*, publicado em 1941.

¹⁹⁵ *Trinta e Nove Poemas*, Lisboa, Editorial Império, 1941.

guardados no coração, como jóias preciosas que me enfeitavam as horas mais tristes e *tantas vezes* aquele eco do nosso sentir, palavras que estão dentro de nós, sem que saibamos exprimi-lo e que gratidão devemos a quem nos ensina a dizê-las! Parece-me ser esse o maior encanto de um livro. Proclama-se a cada instante: como isto é verdade, como eu já pensei, *senti* tudo isto e como agora, escrito por outro, acho fácil, natural vê-lo escrito! Mas, longe de fácil, é a maior dificuldade. E o mais raro dom! Mágica varinha de condão que lhe concederam as fadas! Ela até vai resolver, acordar, coisas da minha tão distante mocidade, coisas tristemente esquecidas! Leio, releio: “Amar”, “Primavera”, o incomparável “Dia de Sol”, que me restitui a minha Lisboa. Os dois “Anónimos” tão parecidos comigo, a ‘estranha indiferença da gazela, que morre perdando sem um grito’; “Reminiscências”, tão forte na sua desilusão; “Velho Jardim” – dava todos os meus livros para tê-lo escrito! – “Eu” – Oh! Como sente esta sua solitária amiga! – o *poignant*¹⁹⁶ – “Poema da Maternidade”, o embalador “Noturno”; contra o “Sol de Paris” presente – é lindo esse sol, mais civilizado do que o nosso, não dá punhaladas nos olhos, não se escancara sobre os muros brancos, diz com a mais elegante, harmoniosa cidade – “Pena de Talião”, que me lembra a Condessa de Noailles, sua irmã menos equilibrada, sem sombra de *measure* – qualidade que a Fernanda nunca perde – e que às vezes quis e quase conseguiu, ser justa; “Ansiedade” – poderá haver retrato mais fiel da sua pessoa? – o maravilhoso “Perdão” – uma das minhas amigas chorou ao lê-lo. – “Resignação”; sentido – volta sempre a esta palavra – como se a velhice, a fealdade, a tristeza, tão longe ainda da sua radiante mocidade, a tivessem atingido já! – “Alegria”, que glorioso hino à vida...

*Vivre au dessus de tout*¹⁹⁷. Mas eu releio todos. E nem sei porque cito, este, aquele, se todos são lindos, mais lindos uns do que os outros... Ainda um prazer me trouxe o seu livro: o anúncio dos contos “Maternidade”. Lembro-me só de um, mas esse... que esplendor! Que prosa tão forte, tão bela! Nada do que digo, e que tão pouco vale afinal, significa

¹⁹⁶ Comovente.

¹⁹⁷ Viver acima de tudo.

lisonja, coisas inventadas para agradar, quando por minha ou... sua culpa, não acho *muito bem*, calo-me. A Fernanda não merece mentiras, lisonjas. Só tem o direito de fazer... *muito bem*. O *assim, assim* fica para a outra, que nem sequer... *assim assado*. E pode zangar-se comigo. O mesmo farei sempre.

Agradeço-lhe todas as suas boas palavras sobre o meu livro. Esse, coitado, deve ser dos que nem... *assim assado*. Mas escrevi uma vez, hei de escrever sempre enquanto puder segurar uma pena e enquanto pensar, embora *radotant*¹⁹⁸ tristemente...

Desejo-lhe, além da satisfação própria – é impossível que não a experimente – todo o sucesso merecido, num país que, como o Brasil, sabe o que vale a poesia.

Eu – há tantos anos já, em mim, de resto – tudo se passa... há tantos anos já! – tenho um grande fraco pela Carlota Serpa Pinto – adoro-lhe a inteligência, o espírito, a admirável vitalidade e quando ela se lembra de gostar de mim, fico muito contente. Faz-me pena, tanta pena, sabê-la doente também e já enfraquecida, entristecida pela velhice, de que tão longe tem sabido conservar-se, mas – ai de nós! – ela chega sempre. Pela Teresa, recebo muitas vezes notícias suas. É uma amiga como nenhuma de nós possui outra. Quem me dera arranjar-lhe uma vida mais em harmonia com os seus gostos e aspirações! Mas, como? Raras vezes a vida se escolhe.

Querida Fernanda, desejo-lhe paz, alegria neste louco, melancólico mundo – vi no *Diário de Notícias* um retrato de Salazar – tão velhinho – coitado! Parece vencido... Já se vê que não está, mas a luta gastou-o. E a dele tem sido titânica! Até a mim – que não morro de amores pelo seu governo – faz pena. Abraço-a e dou-lhe os meus parabéns. Seja sempre amiga da triste, doentíssima mão que lhe quer sempre,

Luísa

Desculpe escrever tão mal.

¹⁹⁸ Devagar.

Carta n.º 31

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 16 de maio de 1941

Minha querida Fernanda,

A sua carta foi uma ótima surpresa. Julgava-a completamente esquecida de mim. *Les morts vont vite*¹⁹⁹, diz a velha balada e entretanto sempre me sinto morrer que é como se já não fizesse parte deste mundo.

Um dia estou na cama – assim aconteceu ontem – a torcer-me com dores, perdida toda a esperança de melhorar. No outro – como hoje, tenho uma ilusão de vida e levanto-me, venho até uma saleta onde guardo os meus livros e os meus retratos. Aqui recebo alguém que ainda poderá ver-me e me faz um bocadinho de companhia. Quanto tempo durará isto? Deus sabe e resignadamente aceito a sua vontade. Tenho muitas saudades *dos dias que já lá vão* – como Valery Larbaud adoro esta linda expressão de nossa língua e tudo o que ela exprime de pesar, ansiedade e *doce, amargo gozo*. Nesses dias – tão distantes já, encontro-a muitas vezes e enternece-me a bondade que sempre teve para mim. É certo que eu a merecia, mas tão poucas vezes se tem o que se merece!

Agradeço-lhe as explicações que a sua amizade se julgou obrigada a dar-me sobre o prémio do Secretariado. A minha amizade por si também fez com que eu me abstenha de dizer-lhe tudo o que penso a esse respeito.

Li no *Diário de Notícias*, o *compte rendu*²⁰⁰ do seu grande sucesso com a leitura da peça *Coulisses*²⁰¹. Gostaria tanto de a ter ouvido! Mas

¹⁹⁹ *Léonore, Les morts vont vite* (1773) é uma balada escrita pelo alemão Gottfried August Bürger (1747-1794), popularizada pelas adaptações de Stendhal, Victor Hugo e Gérard de Nerval.

²⁰⁰ Recensão.

²⁰¹ *Coulisses* (que significa Bastidores) é uma peça de teatro de Fernanda de Castro, escrita diretamente em francês e nunca publicada.

de longe alegrou-me o coração e ficarei contentíssima se ma enviar. Mande também a *Pedra no Lago*²⁰². O libreto é sugestivo, manda a gente pensar.

Eu nunca mais trabalhei – faço as vontades à *D. Redonda*²⁰³ e a todos que os meus livros incomodam, mas tenho na gaveta um manuscrito, há muito tempo pronto. O mais provável é nunca de lá sair. Ainda leio, leio às vezes durante todo o dia. Nunca me canso, nunca me farto.

Emprestaram-me o *Amoralidade* ou *Amoralidades*²⁰⁴ já não me lembro – da Veva. Sem os habituais palavrões que nem nos dicionários se encontram. Fui procurando-os pacientemente, mas perdi o meu tempo. É um livro antipático, chega mesmo a destronar a pena da autora com calúnias infames à França, escolhendo o pior momento em que ela está vencida, mas sem dúvida alguma foi escrito por uma mulher superiormente inteligente. Nas últimas páginas há uma linda evocação, que verdade, verdade a gente acha mal empregada até... Diga-me se tem e qual é a sua opinião. Se passar na Madeira e eu ainda estiver viva, gostaria muito de vê-la.

Abraço-a,

Luísa

Carta n.º 32²⁰⁵

15 de julho de 1941

Querida Fernanda,

Foi talvez uma medida de toda a prudência a sua resolução de ficar em Lisboa, mas eu tive um grande desapontamento quando, antes

²⁰² *Pedra no lago* é uma peça, em quatro atos, de Fernanda de Castro.

²⁰³ Referência a Virgínia de Castro e Almeida, já abordada na nota 93.

²⁰⁴ Aparentemente uma obra de Veva de Lima, que não consta da sua bibliografia.

²⁰⁵ Papel timbrado “Quinta Carlos Alberto, Funchal”.

mesmo de receber a carta de que incumbiu o António Ferro, soube pela filha do Agostinho de Campos²⁰⁶ que a Fernanda não tinha vindo. Mais tarde, bateu à porta deste convento de tristeza e doença, o seu marido que, nem por sombras me passou pela cabeça se lembrasse de que eu existia num canto da Madeira, onde tão festejado foi por toda a "Situação" – é assim que se diz? – almoçando, jantando, chásando, não sei ainda se ceando – Deus o poupasse a uma indigestão e... não só de tanta comezaina – Como o costume e por ordem do médico, tinha-me deitado às 6 horas da tarde – veja a que cheguei! – sendo esse o motivo de não poder recebê-lo, do que tive pena. Eu fui muito amiga do António Ferro e o meu coração é algum tanto teimoso. Peço-lhe para quando lhe escrever lhe transmitir essa pena. Gostarei imenso que possa dar-me mais vezes as suas notícias. Escrevi-lhe logo que recebi a sua outra carta – aquela em que procurava explicar-me o caso do prémio, que Deus haja... e a isso respondi, não recebeu? Embora um nadinha melhor, ainda me sinto muito em baixo. Ora se eu gostava de ir a Lisboa, mas falta-me em absoluto a coragem para o alto empreendimento do mar, sob a ameaça dos torpedos italianos – visto sabermos que foram eles... nem outros podiam ser. E embora a viagem não tivesse perigos, também recearia ficar aí presa. Não pelo apego que tenho pela Madeira, bem pouco, confesso, apesar de tanta beleza e por ora *Santa Paz*, mas pelas dificuldades financeiras que essa prisão acarretaria... Assim continuo nesta *ratoeira* onde os jornais da terra prometem que a Fernanda virá, com o seu marido, na volta do Brasil. Esperarei por si. É uma doce esperança. Mande-me os seus últimos versos. *Tudo* o que tenha escrito. Sabe quanto a admiro e quanto lhe quero. Ignoro se ainda está em Lisboa. Entretanto desejo que a minha carta lhe chegue às mãos, num dia em que tenha pachorra de penitenciar-se lendo-a. Abraço-a com a mais fiel amizade.

Luísa

²⁰⁶ Agostinho de Campos (1870-1944), licenciado em Direito, foi jornalista, escritor e professor universitário.

Agora espero a vinda do Augusto de Castro. Assim ele se lembre de vir ver-me.

Carta n.º 33

Funchal-Ilha da Madeira, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro, n.º 3, 1 de setembro de 1941

Querida Fernanda,

Era uma vez uma senhora que prometeu escrever-me frequentemente – verdade seja que eu não acreditei... Mas tive a veleidade de acreditar que me mandaria os seus versos – prometidos também. E até hoje... oh! minha amiga de Peniche! Pois saiba – deve sabê-lo – que ninguém os aprecia como eu. Porque tem sido tão mazinha e ingrata com esta sua velha admiradora, não falando na amizade –! Talvez já me julgue morta e enterrada, como aquela Senhora de Malborough²⁰⁷, que fez o encanto da minha mocidade. Porém *miranda... miranda mirandinha...* estou melhor, graças a Deus...

Sei que está atualmente na vizinhança da D. Redonda... Será essa senhora – toda poderosa no Secretariado e... suas Imediações – que, de

²⁰⁷ Sara Churchill (1660-1744), Duquesa de Marlborough, casada com John Churchill, 1.º Duque de Malborough (1650-1722), teve uma relação de grande proximidade com a rainha Ana de Inglaterra (1665-1714), o que a levou a ser considerada favorita da rainha, como retratado no filme de 2018 *A Favorita*. Depois do desentendimento entre as duas, em 1711, a Duquesa e o marido foram afastados da corte, à qual só regressaram depois da morte de Ana. É a este exílio que se refere o comentário da autora.

novo, faz *finca pé*, para que a sua subordinada, *Bayadère*²⁰⁸ *adorée aux yeux félines*, não queira saber de mim!

Aqui tivemos a embaixada. Houve um chá no Monte Palace – aquele delicioso Monte Palace onde o ano passado eu adoeci. Fez-me pena não poder ir. Teria gostado de ver os lisboetas e respirar um pouco *l'air du pays* – eu sou de lá, só por engano estou na Madeira – além da "Situação", fui a única convidada. Mas as forças não deram para tanto. O Augusto de Castro – velho – fiel amigo – e o Carlos Selvagem²⁰⁹ telefonaram para vir aqui. Aconteceu o mesmo que com o António Ferro, já estava na cama. Deito-me com as galinhas ou por melhor dizer, passo a maior parte do meu tempo deitada. A que se chega!...

Felizmente sei resignar-me... ciência difícil aliás. Todo dia é uma *bedeira* de leitura! Pobres olhos, eles é que pagam... E adeus. Escreva. Mande versos e goze essa linda Cascais de que eu gosto tanto, tanto e decerto não verei nunca mais...

Abraço-a, sua amiga fiel,

Luísa.

²⁰⁸ *Bayadère*, com o significado literal de bailarina do templo, refere-se a uma peça de bailado com o mesmo nome criada para o Ballet Imperial de S. Petersburgo por Serguei Khudedov (1837-1928). O enredo gira à volta dos amores entre o guerreiro Solor e a dançarina do templo Nikia. Solor foi forçado a casar com a princesa Gamzatti que, ciumenta de Nikia, a manda envenenar. Ao perceber que o guerreiro não teve força para lutar pelo seu amor, Nikia recusa tomar um antídoto e deixa-se morrer.

²⁰⁹ Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos, que adotou o nome literário de Carlos Selvagem (1890-1973), foi um militar, jornalista e escritor, que se destacou pelas obras de caráter histórico e nacionalista.

Carta n.º 34

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro, n.º 3, 30 de outubro 1941

Querida Fernanda,

A sua carta e os seus lindos – como todos que faz – versos foram para mim uma surpresa, uma deliciosa surpresa. Já andava de luto pela amizade e assim posso... aliviá-lo, o que sempre é menos triste. Estou pois de preto e branco... até que venha outra vez o véu de crepe – que aliás, já passou de moda, mas eu sou muito antiga.

O seu pressentimento de que acabarei por resolver-me a passar o inverno em Lisboa – quem me dera! – não se realizará. Enquanto durar esta guerra infernal e desconfio que será de cem anos, como uma que eu aprendi na história e já não me lembro entre que nações foi²¹⁰, não me meto ao mar. Por excesso de amor à vida? Mais depressa pelo terror da agonia, da luta, antes que chegue a morte. Para isso falta-me em absoluto a coragem. Prefiro morrer de saudades. Tantas são as dos anos aí passados, se não morrer antes da doença que não parece deixar-me, que, depois de umas curtas e pequenas melhoras, me atirou de novo à terra!

Já não vivo, sobrevivo e nada há mais triste e felizmente mais longe de si, minha querida poetisa. Mande-me a sua prosa, dar-me-á, creia, um grande prazer, não para criticá-la – a Fernanda não precisa da minha crítica, nem decerto crítica alguma merece – mas para admirá-la e gozar, sem nenhum *arrière pensée*²¹¹, de má vontade ou inveja – Deus louvado nunca as tive de ninguém! – as peças de teatro e romances que ultimamente escreveu. Não receie cansar-me, eu posso ler, pude sempre até nos momentos piores. Os livros são o meu apoio e a minha melhor

²¹⁰ Referência à Guerra dos Cem Anos (1337-1453), longo e intermitente conflito europeu que opôs essencialmente Inglaterra e França, mas acabou por arrastar outros países, entre os quais Portugal.

²¹¹ Preconceito, ideia pré-concebida.

companhia. E se admite, como é justo – que há tantos anos – desde que a conheço – parece-me – a compreendi, creio que não me fugiu ainda essa faculdade – a melhor de todas. A sua prosa é tão encantadora como os seus versos, mas não abandone os últimos. Deus sabe que nasceu poetisa, para sua e nossa felicidade. Sim, este tempo brutal não merece versos, no entanto faça-os. Nós passamos a vida a fazer tantas coisas que os outros não merecem e... *vice-versa*.

A Madeira está cheia de sol e de flores, mas tão destruída, como se por ela tivessem já passado os brutos alemães. É um *deita abaixo* em que caem árvores, casas e... até vidas! Muitos não resistem ao desgosto de os arrancarem dos tetos que sempre os acolheram... Mas o nosso jovem Nero²¹² – falta-lhe apenas a harpa e o incêndio, lá chegaremos talvez – não conhece o verso de Victor Hugo: *Ne faites pas couler les larmes. Dieu les compte*.²¹³ Nasceu com o génio destruidor e... de vara na mão, vai por aí fora. Constou-me que o António Ferro, na sua passagem pela pobre, mutilada Madeira, lhe fez uma observação, muito inteligente e justa, inútil, aliás: *Il s'en fiche*²¹⁴ de Victor Hugo, de António Ferro, de todo este mundo e talvez do outro...

Apesar do que lhe conto, a Madeira devia ser a ilha que pôs em tão lindos versos, mas a Fernanda só gosta de Lisboa... tem muito bom gosto.

Abraço-a,

L.

Gosta também das ilhas da sua fantasia, são as mais encantadoras. Outra vez tem razão. Se ainda estiver em Cascais, dê-lhe uma saudade minha. Fui tão feliz nessa simpática terra.

²¹² Alusão a Fernão de Ornelas (1908-1978), que se tornou Presidente da Câmara do Funchal em 1935, com 27 anos apenas. A profunda remodelação que operou no tecido urbano da cidade e a sua juventude explicam a comparação com o “jovem Nero” com que Luzia o brinda.

²¹³ Não façam correr as lágrimas. Deus conta-as.

²¹⁴ Está-se nas tintas, é-lhe indiferente.

Carta n.º 35

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 23 de novembro de 1941

Querida, sempre querida Fernanda,

Faz um dia lindo, afinal... – O *afinal* quer dizer que tem chovido constantemente, torrencialmente, como deve chover na Rússia (sem bombas) – com as montanhas doiradas pelo sol e o mar liso como um espelho apesar de... tantas pedras que nele terão caído, à imagem da sua pedra²¹⁵... O meu jardim, o meu eterno grande amor, descansa suavemente e também eu descanso, cheia de dores de cabeça, aliás... venho responder à sua carta...

Não quer luto, nem sequer aliviado? Tem razão, ele está absolutamente fora de moda, e eu também estou, mas a Fernanda é agora, e parece-me que em tudo, do último figurino do *dernier cri*. Façamos-lhe a vontade, mesmo que, por dentro, o vermelho festivo destoe... por dentro e... por fora. Sou velha demais para as cores da alegria, do entusiasmo... Disse um eterno adeus aos bonitos vestidos e às lindas ilusões. Tanto gostei deles e delas demais com certeza! Tudo se paga. Eu pago o preço da milionária... Uma única coisa não mudou em mim: o coração... Quanto às cartas não provarem, nem serem necessárias à amizade, perdoe-me que discorde. Quase só elas me têm feito companhia durante esta doença tão cruel e tão longa. Ainda não se inventou, que eu saiba, outra maneira de suavizar a ausência e a saudade, males que a Fernanda desconhece, mas Deus lhe conserve a sua ignorância do assunto... E nunca sinta a falta das cartas que desdenha... sinal de que não estará triste nem só.

Agradeço-lhe, a carta, a *Pedra no Lago* e os versos. Há dois dias, isto é, pouco depois de recebê-los – passei a tarde – uma das minhas longas,

²¹⁵ Alusão à obra de Fernanda de Castro *Pedra no Lago*.

solitárias tardes – lendo a sua peça que muito me interessou. Não faço crítica nem a Fernanda precisa dela para ter a absoluta certeza do mais retumbante sucesso a abalar, em sua honra, os veneráveis muros do velho D. Maria²¹⁶. O mesmo lhe desejo no “Nacional” de Bucareste, embora os romaicos²¹⁷ – eu continuo a dizer romaicos – sou conservadora – devam estar bastante ocupados com os ataques soviéticos. Quanto aos versos, gostei como eu posso gostar, isto é: o máximo que alguém gosta, daquele mil vezes lindo, maravilhoso “Perdão”. O outro “Voar”, muito bom também, mas “Perdão” entrou-me pela alma dentro... Deus queira que ele faça parte do volume lançado pelo *Ocidente*²¹⁸. Mas agora pergunto se precisa do *Ocidente* para mandar os seus admiráveis livros à Exposição do Brasil. Porque não os envia todos, incluindo o “Veneno do Sol”? Porque não publica igualmente os deliciosos e tão bem feitos contos? “Maternidade”, creio que se chamavam, que me deu há bastante tempo já e... vão lá saber a razão, jazem no fundo das suas gavetas. Um nadinha audaciosos, alguns! talvez, mas do melhor que tem escrito! E eu sei o que digo, *sei ler*. Com 66 anos, *bien des années*²¹⁹, ainda não fiz outra coisa. Eu gosto e só gosto do que é bom, sem *parti pris*²²⁰, sem por ser *desta ou daquela*, com a independência maior deste mundo e do outro – no que diz respeito à *independência*, não faço a coisa por menos. – Sim, querida Fernanda, mande tudo, pondo de parte a certeza que tudo será acolhido por vir da mulher do *todo poderoso* Ferro – diretor do Secretariado e... ilhas adjacentes – mas porque tem valor e merece tudo... Eis um conselho sincero. Eu enviei os meus livros, contando, já

²¹⁶ Teatro Nacional D. Maria II, inaugurado em 1846.

²¹⁷ Romenos.

²¹⁸ *Ocidente, Revista Portuguesa Mensal* (1938-1946). Foi uma das principais revistas culturais publicadas durante o período do Estado Novo e difundia a política e ideologia dominantes. Este periódico de tiragem mensal foi fundado em Lisboa, em maio de 1938 e foi dirigido por dois nomes maiores do periodismo cultural português da época, Manuel Múrias e Álvaro Pinto, que foi redator-gerente, editor e proprietário.

²¹⁹ Proveta idade.

²²⁰ Preconceitos.

se vê, com a oposição que lhes será feita, no entanto o Brasil é grande e os acasos da fortuna ainda maiores. Com ela devo contar sempre. Também talvez me favoreçam, se não favorecerem... paciência.

Vou deixá-la, estou hoje cheia de tonturas e com a vista fraquíssima. O “Lima”²²¹ ainda desta vez não foi para o fundo apesar da ameaça italiana – acaba de entrar. Leva muita gente conhecida para Lisboa. Deus o acompanhe. Ora se eu gostaria de estar lá, parece-me que no meu quartinho vermelho do Avenida, recomeçaria a ser gente. Mas ir... não posso, não tenho forças. Vai o meu coração e o meu pensamento. Ai, esta horrível guerra! Se Nossa Senhora prometeu salvar-nos, Ela nos salvará, no entanto quem a ouviu prometer? A saída ou reforma do Weygant²²² desesperou-me. Não quero perder a minha fé no Marechal Pétain, mas... mas... Pobre, pobre França doente, esmagada como eu. Nenhuma de nós voltará a levantar-se. Quem me dera dar a minha vida por ela. Ai de mim, de que serve a minha vida, tão pouca, inútil coisa?!

Adeus. Volta o nevoeiro a cobrir as montanhas. E o meu coração... Mas gosto! Não a maço mais. Breve devolvarei tudo o que me mandou.

Abraço-a afetuosamente,

Luísa

P.S. Desculpe a letra, borrões, trapalhada. Tudo dança defronte dos meus olhos –

²²¹ Refere-se ao navio *Lima*, da Empresa Insulana de Navegação.

²²² Maxime Weygant (1967-1965), comandante militar francês nas duas guerras mundiais, que lutou contra os alemães até 1940, mas rendeu-se, depois, e tornou-se colaborador do Regime de Vichy liderado pelo marechal Pétain.

Carta n.º 36

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro, 3, 31 de dezembro de 1941

Querida Fernanda,

Venho agradecer-lhe milhões de vezes os lindíssimos versos, muitos já meus conhecidos, mas que reli com tanto prazer como só costumam dar as surpresas. Por este mesmo vapor os devolvo e também as peças de teatro. Prefiro a francesa, no entanto ambas li com interesse e a ambas desejo o maior sucesso. Acaba hoje este triste, feio ano. Deus traga o outro melhor com paz para o mundo e para os corações. Alegria é difícil desejar, mas se ela ainda existe, peço a Deus para si, juntamente com muita saúde. – O António Ferro deve vir sobre o mar. Espero que ele chegue bem e depois dos triunfos do Brasil, outros o esperem em Lisboa. Não sei se passará na Madeira. Tudo agora é tão incerto!

Tem-me inquietado o *carrapato* do Timor²²³, mais uma prova de amizade que ficamos devendo à nossa velha aliada.

Para todos um abraço da sua amiga,

Luísa

²²³ Alusão à presença britânica na província de Timor que Luísa considera, obviamente, parasitária.

Carta n.º 37

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 6 de abril de 1942

Querida Fernanda,

Fiquei entusiasmadíssima por não se ter esquecido de cumprir a sua promessa. Obrigada, milhões de vezes e *muitas mais ainda*. Os originais serão estimados como merecem e eu... também mereço lê-los, porque a pessoa alguma dou licença que acima de mim – os aprecie. Fá-los-ei encadernar devidamente, quando for a Lisboa, se Deus permitir que esse grande desejo se realize um dia...

Entretanto, apesar do prazer trazido, com o seu valioso presente, ficou-me a pena de que não o acompanhassem umas palavrinhas, tanto mais que lhe escrevi há já muito tempo uma longa carta. Deve sentir-se com pouca pachorra para aturar tão enfadonha amiga e tem cargas de razão. Mas embora o constate, o desapontamento é igual. Pela Teresa – amiga incomparável – tanto minha como sua, tenho às vezes notícias. Ultimamente não mas deu, espero que continue bem e tudo – a começar pela saúde – lhe corra às mil maravilhas. Ai de nós! Não corre assim a guerra e... *on dit*²²⁴ – se me lerem, vou para a cadeia... – que velozmente se aproxima da nossa pátria. Já olho para tudo que me rodeia – jardins e montanhas tão lindas, únicas coisas que a atual câmara ainda não conseguiu estragar – com uma pena dilacerante. Mas ainda quero ter esperança no Salazar e acima dele, em Nossa Senhora, padroeira de Portugal.

Não ouvi o... arrazoado da nossa amiga Veva. Aqui entusiasmou muita gente e, como acontece com todas as coisas da terra, muitos também dirão mal. Eu percebo perfeitamente, embora não partilhe o delírio inglês, que ela o sinta; a Grã-Bretanha – continuando as coisas como estão chamar-lhe-emos em breve a... pequena Bretanha – tem muito por onde se pegue e mais do que a minha pessoa, deve senti-lo quem,

²²⁴ Diz-se.

com honras de embaixatriz, a habitou, mas o bom senso – [...] ²²⁵ aos medíocres, diz-se e assim o creio – fez-me pensar que seria do maior patriotismo não ir buscar incidentes... gloriosos, aliás – que possam trazer dificuldades à neutralidade, até agora conseguida com tamanho esforço e inteligência... Enfim ele julgará saber melhor o que nos convém, e sobretudo... o que lhe convém. Ignoro se com conhecimento seu, achei duas cartas do Secretário da Redação da Revista *Atlântico* pedindo-me amavelmente para colaborar no primeiro número da dita – como não desejei parecer desagradável e sobretudo... *despeitada*, mandei-lhe, com a possível brevidade, um capítulo do meu próximo livro, mas... estou pateta, patetíssima – é da idade... – fiz variadas trapalhices na direção – não sei pois se seria recebida a resposta, o que me aborrece. A Propaganda nada perdeu, se ele se extraviou e eu, com franqueza também nenhum empenho sinto em colaborar na tal revista. O que não quero é que me acusem, com aparente razão aliás, de mostrar-me o que me parece não sou. Isto é *malcriada* – Mas gostaria de ler o primeiro número, pois caso ele me agradasse, ficaria assinante. Se se lembrar, diga que mo mandem para eu pagar, *bem entendido*. O “Secretariado” não precisa do dinheiro, mas graças a Deus, apesar de tudo o que me levaram para o “Bem da Nação”, ainda vou vivendo também, e pagando o que devo... até o que não devo. *Escreva-me* senão zango-me. Diga o que tem feito, se os seus – maravilhosos versos tiveram – no Brasil – o sucesso que merecem. Assim o desejo – de todo o coração. Abraço-a ternamente,

Luísa.

²²⁵ Palavra ininteligível.

Carta n.º 38

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro 3, 16 de junho de 1942

Minha linda e querida... querida é melhor do que linda, mas as duas coisas... *c'est le rêve – panthère.*

Demorei-me também na resposta à sua carta, já com mais dum mês de idade, contudo não foi por *represália*, como atualmente dizem a Sr.^a Inglaterra e a sua prima co-irmã Alemanha. Eu não imito nenhuma dessas aliás tão ilustres damas. A razão veio de uma esperança vã – mais uma! Prometeu-me enviar os seus últimos versos e, ansiosa por lê-los, aguardava que todos os vapores nos trouxessem – ainda acredito em promessas! – para os agradecer e dizer-lhe as minhas impressões. Mas... até hoje não os recebi. *Sua grande má!* Pela Teresa sei que são um encanto os que escreveu para o *Atlântico*²²⁶ – *o...* ou *a*, visto tratar-se de uma revista... – também ela ainda cá não chegou...

Não espero mais. Venho agradecer a carta e... *resmungar* sobre o resto... tenho tanta pena que os seus olhos – os maravilhosos e felinos olhos, muito a meu gosto – a fizessem sofrer. Desejo de coração que já se sinta bem. Mas, para um dia não ficar *pitosga* como eu – hoje estou o pior possível, quase não vejo – poupe-os. Sofro pouco de conjuntivite. Mas é outro o meu mal e temo sempre que ele se agrave, roubando-me os meus últimos e *quase únicos* grandes prazeres, uso e... abuso dos livros

²²⁶ *Atlântico*: Revista luso-brasileira, foi um periódico nascido de um acordo cultural Luso-Brasileiro que foi assinado em 4 de setembro de 1941, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, por António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, e Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, que partilharam a direção da revista, publicada, simultaneamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro, entre 1942 e 1950, num total de dezasseis números, divididos em três séries. Foi um periódico vocacionado para levar ao mundo uma visão de um Brasil humanista e o período do colonialismo português, através da publicação de autores literários lusófonos. Esta revista teve como Diretor, em 1950, Eça de Queirós. Fernanda de Castro foi uma das colaboradoras portuguesas desta revista.

e desta pena, com que engano a saudade dos ausentes e a minha grande, irremediável solidão, mas será o que Deus quiser. Aceito sempre, cheia de fé e de confiança, a Sua vontade.

Enquanto tiverem luz os olhos da alma, tudo o mais pouco importa.

Sim, estou melhor dos intestinos, parva doença que durante quase 2 anos me pôs às portas da morte. De resto continuo a... *morrinhar*, como sempre. *Rien à faire*²²⁷... Paciência e mais paciência. Ainda queria – queria tanto – contentar as minhas loucas saudades de Lisboa – de França nem falo! – Mas quando acabará esta guerra e onde iremos nós parar?

Graças ao seu querido Ditador, a paz tem durado, assim ele consiga aguentá-la até o fim... Se penso que os *bárbaros* virão destruir o que é nosso – como tantas coisas já destruíram por esse mundo, não sei consolar-me. Note que este *nome* de bárbaros não se aplica apenas aos alemães. Pobre catedral de Colónia, que selvageria! Eu tenho sofrido com esta guerra, como se em mim batessem as bombas e agora passo a vida tremendo por Paris... Diga-me se tem os admiráveis livros de René Benjamin: *Printemps Tragique*²²⁸, *Pétain et son Peuple*²²⁹. Parece-me que não há hoje em França, e em parte alguma, quem escreva melhor...

Passando ao que é nosso: gostei de alguns discursos ou conferências do jornal *Madeira*. Os do António Ferro são os mais brilhantes, saem daquele peso maçudo que agora se adotou em Portugal. Isto é: não o teve nunca o Agostinho de Campos, lindo português, linda simplicidade, espírito, tudo o que interessa, tudo o que agrada! E encheu-me

²²⁷ Nada a fazer.

²²⁸ *Le Printemps Tragique* é uma obra de René Benjamin (1885-1948), escritor francês vencedor do prémio Goncourt, que relata a derrota francesa em 1940, a retirada dos soldados e todas as suas consequências para o povo.

²²⁹ Relato das relações de Pétain com o povo durante a ocupação da França. Henri Philippe Benoni Omer Pétain, mais conhecido por Philippe Pétain ou Marechal Pétain, foi um general francês que alcançou o cargo de Marechal da França no final da I Guerra Mundial, durante a qual ficou conhecido como *Leão de Verdun*.

as medidas ler o António Eça de Queiroz²³⁰, tão sensato no que diz do comunismo, desejado e adotado pelos ingleses e os anglófilos. Vai ser bonito se vencer *His excellency* Stalin!

Enfim, basta das políticas. Mande-me os seus versos, para... esquecer. Todos precisamos de... ópio e eu mais do que ninguém.

Tive pena que o *Atlântico* não tivesse pedido a colaboração da Teresa, que tão bem escreve português e ela coitada, embora não se queixe, deve ter sofrido com essa tão injusta omissão! Mas a Fernanda não é decerto culpada. E adeus. Os meus olhos não podem mais. O coração pode sempre querer-lhe *muito*.

Luísa

Carta n.º 39

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro 3, 26 de junho de 1942

Querida, queridíssima Fernanda,

A correr, para apanhar o “Gorgulho”²³¹, um vaporzinho *sans peur et sans reproche*²³², que vai meter-se às ondas, afrontando os submarinos alemães e a maldade de todos os países, e venho dizer-lhe quanto me

²³⁰ António Eça de Queiroz (1891-1962), filho de José Maria Eça de Queiroz, foi um político monárquico português, mas adepto sem reservas do Estado Novo. Foi autor do romance *Caim*.

²³¹ Primeiro de dois navios com o mesmo nome, este Gorgulho era propriedade da Parceria Geral das Pescarias e celebrou-se por resgatar do mar dezoito tripulantes sobreviventes do naufrágio do “Auriillac”, navio inglês afundado por um submarino italiano. É a este episódio, ocorrido a 15 de abril de 1941, que Luzia se refere quando lhe chama *sans peur et sans reproche*.

²³² Sem medo e sem nada a reprovar.

encantou, me prendeu, me deslumbrou a sua “Creoula das Antilhas”²³³! Tem um sabor único, uma originalidade que há tanto tempo anda fugida deste triste, tristíssimo mundo! Cor, harmonia... tem tudo o que pode pedir-se ao verso. Li-o uma, muitas, perto de mil vezes e de cada vez gostei mais! Já sabia, pela nossa amiga Teresa, que era esplêndida, mas eu prefiro sempre ver com os meus olhos e julgar com a minha cabeça... não porque a imagino melhor, mas porque é... a minha: *razão suprema*. Os seus versos, Fernanda, valem por tudo reunido naquele grosso volume que, diga-se a verdade, não me deixou... pelo beijo²³⁴. Os portugueses são... devem ser, muito instruídos, mas que falta de elegância, de *charme*, do que prende o coração e a imaginação! E... porquê tão poucas representantes da literatura feminina, quando as há entre nós que valem a pena ser conhecidas?! Nem a Virgínia de Castro, a Teresa, a Virgínia Vitorino²³⁵, a Maria de Carvalho e a Clarinha – embaixatriz da graça e...?

Veja se acode ao segundo número que, de resto, entre os homens já conta nomes tão importantes! De mulheres vejo apenas a Raquel Bastos – autora de “Um fiozinho da música”²³⁶, não é verdade? Acho bem, eu gostei muito do tal “Fiozinho”, mas as outras?! Não me interessam como pessoas, nem todas são minhas amigas, *ao contrário*, a Fernanda bem sabe; o que digo é por amor da arte, para que o Brasil saiba o que valem, o que podem dar... A não ser que fossem elas, *algumas delas*, que se recusaram, nesse caso são mais [“idiotas” riscado] tolas e não há nada

²³³ Alusão a um poema de Fernanda de Castro, intitulado “Ana Lúcia” e publicado no primeiro volume da Revista *Atlântico*, que saiu na primavera de 1942.

²³⁴ Referência à revista acima mencionada que não terá cativado Luísa.

²³⁵ Virgínia de Sousa Vitorino (1895-1967), licenciada em Filologia Românica, foi professora de português francês e italiano no Conservatório, atividade que desenvolveu em paralelo com a de dramaturga, a qual lhe valeu o prémio Gil Vicente em 1938.

²³⁶ Raquel Bastos (1903-1984), escritora, cantora e tradutora portuguesa. Dedicou-se à ópera, como soprano ligeiro e, no âmbito da literatura, pertenceu a uma geração de escritoras que, entre 30 e 50, se dedicaram à temática das vivências femininas. Em 1937, lança a sua primeira obra, a novela *Um Fio de Música*. Escreveu obras diversas, entre as quais o *Destino Humilde*. Foi galar-dada com o prémio Ricardo Malheiro Dias em 1942.

a fazer. *Quand on est bête, on est pour longtemps*, diz o provérbio bretão. Contudo sobre a Teresa, não tenho a mínima dúvida e muito estranhei a sua falta, na revista. Ninguém escreve português melhor do que ela e fá-lo da mais agradável maneira.

Achei graça em ver-me de bolero e... calcinhas, como a meninas exemplares, as *petites filles modèles* de Madame de Ségur. O ilustrador, não sei se se escreve assim – apresenta um cão parecidíssimo com o meu saudoso sogro... Como faria ele tal descoberta? [O] sogro ter-lhe-ia aparecido como alma do outro mundo? Outra observação: Luzia tem a idade que lhe atribuem mas não nasceu no Funchal. É alentejana de alma e coração, o que aos outros pouco... nada importa, mas a ela importa e... muito.

Desejo dizer-lhe tantas coisas, só a si e a António Ferro. Ficarão adidas. Hoje, repito, escrevo de fugida, não querendo que o “Gorgulho” se vá embora, sem que eu me confesse rendida, conquistada, encantada pela crioula. Além da pressa, estou doente como é meu costume e mais do que o costume. Penso, mas não sei exprimir. Uma desgraça!

Escreva-me. Ponha as nossas colegas *à leur place*²³⁷. Não me deixe só com o “Fauno Sovina”²³⁸. Detesto a companhia. E da sua tão harmoniosa e bela e... *única*, não faço parte, visto que – ai de mim! – Nunca fui poetisa. Isto é... só de *pé quebrado*, no tempo das *calcinhas*...

Abraço-a, dou-lhe mil parabéns e peço, peço, torno a pedir os versos há tanto prometidos.

Sua do coração,

Luísa.

²³⁷ No seu lugar.

²³⁸ *Fauno Sovina*, livro publicado em 1941 por Maria Archer (1899-1982). Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira, conhecida como Maria Archer foi uma jornalista e escritora portuguesa antifascista que pertenceu ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) e foi perseguida pela PIDE. As suas obras foram censuradas pelo Estado Novo o que a levou a refugiar-se no Brasil em 1955. Durante o seu exílio manteve-se ativa e colaborou com os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Semana Portuguesa*, *Portugal Democrático* e a *Revista Municipal de Lisboa*. Em 1979 regressa a Portugal onde passou os seus três últimos anos de vida, internada na Mansão de Santa Maria de Marvila, em Lisboa.

Carta n.º 40

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 12 de julho de 1942

Querida, encantadora Fernanda,

Não me demoro a agradecer a sua carta e os seus versos quando o prazer é grande, há sempre pressa de dizer-se. E foi muito grande o que eu tive, lendo tantas coisas lindas! Adorei a profunda melancolia do “Exílio”. Prefiro-o a todos que me mandou. Mas o “Leque de cetim” é um encanto também. E de todos gosto. Tem a sua marca inconfundível, feita de originalidade. Tão *seus*, como só a Fernanda pode senti-los – se não sente finge, muito bem –

Estimo deveras que prepare outro livro de versos, mas deixe lá o editor ter pressa. Não a tenha a Fernanda. Faça-o com vagar, só quando a inspiração lho pedir. Serão lindos, como os outros, como todos e ninguém mais do que eu gostará deles.

Tem razão pensando que a acompanho – quer dizer acompanho os seus versos, mas é a mesma coisa, parece-me – desde que os conheço e não me agradeça. Eu, só eu, devo agradecer-lhe a grande alegria espiritual que eles me dão, alegria renovada de cada vez que os releio e releio-os muitas vezes...

Obrigada pelo seu desejo de que escreva mais... Posso lá! Lembre-se que estou *sempre doente*, que dias e semanas passam em que eu mal consigo pensar e vejo menos, todos os dias menos... Apesar da sua bondade, sei, *tenho a certeza*, de que os outros nada perdem com o meu silêncio, mas eu perco uma grande alegria, a minha quase única consolação. Deve entender-me, se gosta de versos como eu gosto. Escrever é ressuscitar tantas coisas mortas, é uma porta que se abre para a Saudade e até para a Esperança... Mas não escreve quem quer...

Aquele capítulo do *Atlântico* que teve a honra de agradecer-lhe... se as suas palavras não foram apenas uma doce *flatterie*²³⁹, para dar-me prazer, devo... ou devia fazer parte de um livro quase todo de memórias, sobre a minha vida de pequena. Pudessem eu escrevê-lo, que nada faria com mais gosto, mas... Eis um *mas...* de vasta – vastíssima – significação. E não se fala mais na minha tão pouco interessante pena. Já deve estar em Cascais, na sua linda marinha, onde tantas vezes passeia, não sei há quantos anos já, muitos decerto!... Eu penso frequentemente que vivo muitas vidas, que há dentro de mim muitas pessoas e agora já não sei qual delas ficou.

Sei que me atormenta, cada dia mais este horror da guerra. E parece-me que não lhe verei o fim...

Estou cansada, cansadíssima da Madeira, *à la longue*²⁴⁰ tudo farta, até a inalterável beleza destas montanhas! O clima enerva-me, tira-me as poucas forças que ainda me restam e banaliza-me... pior, *estupidifica-me* esta ausência completa de todo o interesse espiritual. Só o jogo, o cinema, o banho de mar e o chá, não me bastam...

Mas repito-lhe, *tenho medo*, vergonhosamente medo, do mar... Soube o que agora aconteceu ao “Carvalho de Araújo”? Foi mandado para Gibraltar... Isto porque se tratava de ingleses, se fossem alemães, teria ido naturalmente para o fundo... Eu não tenho um excessivo amor à vida – *il n’y a pas de quoi*²⁴¹ – mas tenho o maior horror à agonia, à luta, ao... passeio de baleeira... Esperarei pois, embora contra toda a esperança, que o senhor Hitler faça as pazes com o senhor Churchill, que ambos adocem Sua Ex.cia. Estaline e o Imperador... – Hirikiki ou KiriKisso²⁴² e se eu por ocasião de tamanho júbilo, não estiver completamente tonta, a gaguejar e... – oh! horror! – *a babar-me*, numa cadeira de rodas, única compatível com a idade, irei então dizer *bonjour* às amigas e à cidade amiga...

²³⁹ Lisonja.

²⁴⁰ A longo prazo.

²⁴¹ Não tem de quê.

²⁴² Hirohito (1901-1989), imperador do Japão no período da II Guerra Mundial.

Até lá, escreva-me e escreva *versos para mim*, que serão ao mesmo tempo, deliciosos versos para todos; (Se o Brasil não morrer por “Ana Lúcia”, é porque tem muito mau gosto. Mas... *morrerá*, estou certa, na mais doce e tão portuguesa aceção da palavra.) Eu estive longe de morrer... pela colaboração dele no *Atlântico*. Ah! tantas coisas *maçudas*, consideráveis: a moda do dia, bem sei! Terei de habituar-me, ignoro quando e como.

Dizem-me que a Clarinha vai colaborar no próximo número. Muito bem. Ela dará a nota da sua graça, da sua louca elegância! E espero encontrar mais versos seus.

Abraço-a com a minha grande ternura,

Luísa

Carta n.º 41

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 15 de agosto de 1942

Querida Fernanda,

Se gosta de receber as minhas cartas – tem muito mau gosto, elas já representam notícias de uma alma do outro mundo... – eu adoro as suas e sinto a maior pena quando se demoram... mas desta vez fui eu que me demorei a responder-lhe. Preguiça, má disposição, expectativas tão vãs, meu Deus! – de um bocadinho de alegria para que a minha carta não soasse como um toque de finados nessa brilhante Marinha. No entanto se continuo a esperar, nunca mais lhe escrevo. Faço-o pois mesmo desolada, sombria, como agora me sinto sempre. É da doença, é da... idade – velhice, o pior de todos os males! – é da... vida, que tão triste se tem tornado! Nem sei o que seria de mim se não vivesse tanto no outro

tempo... Felizmente *vivo* e ele é como um filtro em que bebo o esquecimento! – sabendo aliás que isto representa um grande erro, devemos interessar-nos pelo presente, seguir o que é da época, fazer o que os outros fazem, pensar como eles pensam... Mas eu não posso. Não sei... Se me tirassem este poder de abstração no passado, julgo que endoidecia... calcule que estou escrevendo memórias da minha infância! Graças a Deus ela foi endiabrada e feliz como me parece que não é a dos meninos de agora... Mas lembro-me com ironia de alguns anos atrás, eu nova e então toda do meu tempo, incapaz de compreender alguns velhos escritores franceses que publicavam *Souvenirs d'enfance*²⁴³, embora cheios de encanto, parecia-me tão pueril a sua mania! E lá cheguei também! As horas – duas apenas – em que escrevo, são as únicas felizes dos meus dias. A propósito de livros infantis: acabei agora de folhear... – para ler não teria coragem – a *D. Redonda*. Fez-me saudades da condessa de Ségur, *muitas também*. Talvez maiores ainda, da sua *Mariazinha em África*²⁴⁴, tão equilibrado, tão coerente e que as crianças adoravam! Mas gostava de saber a sua opinião – uma opinião *verdadeira*, pondo de parte a ideia de que se trata de uma *persona grata*... gratíssima *agradabilíssima*, no Secretariado. E sobre a dita... Obra prima. – Ela é que diz, se está convencida não sei. Sei que apesar das razões que me sobram para não morrer de amores por essa senhora, faz-me pena a sua decadência. Pena interesseira, aliás, sempre gostei de lê-la...

Ir a Lisboa?! Quem me dera! Mas tenho medo, cada vez mais medo do mar – mesmo das viagens... sem tragédia que me descrevem tão incómodas! Acabará um dia este pesadelo da guerra?

Já mal [é] não esperar que acabe para mim... Diz-me que vai brevemente à França, Roménia e Suíça. Sei que não gosta muito de viajar. Em todo o caso digo: feliz mortal! E o António Ferro teve novos triunfos em Espanha. Alegro-me com tudo que possa dar-lhe prazer e sucesso. Sou amiga verdadeira, pode crer... Mande-me os seus versos, sim? Ajude-me a enfeitar um pouco esta desinteressante vida. Li (sic) uma

²⁴³ Memórias de infância.

²⁴⁴ Romance infantil de Fernanda de Castro publicado, pela primeira vez, em 1925 e com 12 reedições entre 1925 e 2007.

palestra sua na Emissora sobre a educação do gosto. Achei ótima e tão natural, tão bem dita! Adeus.

Abraço-a do coração,

Luísa

Carta n.º 42

Funchal, Quinta Carlos Alberto (um nome abrigado que me desespera, mas a Quinta não é minha e não posso mudar-lho). *Quand on n'a pas ce que on aime il faut aimer ce qu'on a*²⁴⁵, procurarei seguir este conselho pouco fácil, aliás. E agora a data: 8 de outubro de 1942, mais um triste mês da guerra e para mim, da doença igualmente triste... acabou-se o prefácio...

Minha querida e sempre (talvez por isso mesmo, mais querida) Pantera,

Desta vez demorei a resposta à sua cartinha, embora da mesma maneira gostasse imenso dela. Ai de mim. Voltei a piorar *de tudo*, até do nervoso. Mas não quero pôr-me no meu papel de senhora velha – a velhice, eis a pior, a mais miserável doença – contando-lhe todos os meus males. Basta-me dizer-lhe a quase impossibilidade de escrever, nem sequer por devoção e a Fernanda é uma das *santas* do meu maior culto. Não lhe alumio a imagem porque – sua grande má! – nunca me deu o seu retrato, nem sequer aquele em que mostra, com tanto gosto, os seus lindos dentes! – Ah, quem mos dera! Ainda ontem fui tirar um e pela primeira vez com medo, embora não dissesse uma palavra, nem fizesse um gesto: – tudo isso é que se chama a coragem – declara-me o

²⁴⁵ “Quando não temos o que gostamos, temos que gostar do que temos”, Thomas Corneille (1625-1709), jurista e dramaturgo francês, nomeado membro da Academia Francesa de letras em 1685.

meu dentista alemão e fiquei muito presumida porque... quer queiram, quer não, ninguém melhor do que essa raça sabe o que é tê-la.

Faz-lhe socorro²⁴⁶ o lindo pinhal das Marinhas. E preferia a minha companhia à da nunca assaz falada D. Redonda?

Coitadinha da Fernanda! Se me tivesse ao pé de si ainda maior vontade de dormir sentiria, mas compreendo que ela não seja o ideal de quem é novo. A mocidade faz-se para estar acordada enquanto duram os lindos dias azuis e dourados, desse Cascais de que tantas saudades tenho! Ainda sonho com ele, às vezes, quando sonho que sou nova, que conservo os meus vestidos claros, a minha alma leve com a minha elegância. Porque se eu nunca fui feliz – ai, nunca! – já tive trinta anos – a idade da maior plenitude e tive alegria, e tive ilusões e adorei os meus vestidos, adorei todas as coisas deliciosamente frívolas que fazem parte da doida, frívola mocidade.

Em todo o caso agradeço-lhe a doce mentira ou desta *doce engano*. Por minha causa não vale a pena querer mal à D. Redonda. Afirmo-lhe que se eu a incomodo, *a mim*, ela nem de leve incomoda. Admiro sinceramente algumas das coisas que escreveu, quando era de verdade ou para inglês ver uma senhora revolucionária, quase bolchevista, admiro sobretudo aquelas em que, sem meter política de qualidade alguma, fez todo o seu grande, o seu inegável talento. Confiança não me inspira a mínima, seria sempre o *Sol Nascente* depois do Afonso Costa, o Salazar e o Senhor Dom Duarte Nuno ou quaisquer senhores da democracia, servi-los-á igualmente, fiel apenas ao que lhe fizer conta. Toda a sua vida reprovada pela verdade destas palavras.

Quanto ao seu papel no prémio do meu livro; que houvesse muito má, genuína vontade da parte dela, acredito, mas nunca que eu devesse ligar-lhe a importância que a minha querida Fernanda lhe atribui e com toda a franqueza, que espero me perdoe, pois o que penso, *de que estou absolutamente certa*, em coisa alguma, nem de leve, alterou a minha ternura por si, é que os prémios do Secretariado são sempre dados a quem os seus diretores querem dá-los... ora a mim, é que não perdoe – sou

²⁴⁶ A leitura desta palavra foi muito difícil e apresenta-se a versão hipotética mais aproximada.

mesmo a única a que não perdoou, a tolíce *sem nome* de ter concorrido quando devia saber que à *minha pessoa* – no livro nem falo – *nunca é questão do livro*, longe de ser *persona grata* – sobra em independência – *a mais completa orgulhosa independência* – o que falta em sabujice, espírito de capelinha, etc., etc. Amiga verdadeira, não só sua, como do António Ferro, em quem continuarei, *continuo* a reconhecer além das grandes qualidades, da inteligência e da atividade, uma das muito raras dedicações ao Salazar, doeu-me da parte dele, aquelas palavras do seu discurso (com a triunfal D. Virgínia e o... eterno cigarro, à direita) – expostas no Círculo Eça de Queiroz²⁴⁷: “não se podem dar prémios aos... primeiros livros que aparecem...” Expressiva tradução do *premier venu*²⁴⁸ francês e que eu tinha aliás a certeza de não merecer. Mas até essa... *prova de amizade e estima* esqueci e acharei agora naturalíssimo que a grande borracheira da D. Redonda seja premiada. Isso estará na lógica do Secretariado e eu só posso aplaudir.

Não fazia tenção de entrar consigo nestes detalhes. Foi a sua carta que os acordou. Deixá-los dormir outra vez. A respeito de perdão: fique sabendo, minha linda amiga, que não lhe perdorei ter abandonado os seus versos. Ninguém os faz melhor em Portugal. Se é o pinhal que lhe rouba a inspiração, volte depressa para Lisboa, mas não perca um dom magnífico que Deus lhe concedeu. Tudo o que escreve é, pelo menos, encantador, mas os versos são geniais. Acredite-me, dê-me a sua fé, como há tanto já eu lhe dei a minha ternura e a minha admiração. Fiquei contentíssima por terem feito justiça à Teresa, convidando-a para a revista *Atlântico*. Ela só poderá honrar a literatura portuguesa.

Eu tenho agora lido muitas coisas na nossa língua (algumas francesas também) achei uma certa originalidade na Irene Lisboa (João Falco)²⁴⁹,

²⁴⁷ O Círculo Eça de Queiroz é uma agremiação de carácter intelectual e social, fundada em 1940, por iniciativa de António Ferro.

²⁴⁸ O primeiro a chegar.

²⁴⁹ Irene do Céu Vieira Lisboa (1892-1958), especialista em assuntos de educação, teve cargos nesta área no Estado Novo até ser afastada por discordância das orientações pedagógicas vigentes. Restava-lhe, portanto, a escrita, a qual praticou ao abrigo de diversos pseudónimos, nomeadamente o de João Falco. Na área da escrita publicou poesia, contos e novelas, entre os quais *Esta Cidade*

tão admirada pelo Gaspar Simões²⁵⁰ e gostei bastante de alguns capítulos de *Esta Cidade*. Tem a cor local, muita observação e tristeza de quem já viveu muito e viveu só.

Solidão também interessa. Mas gostar, gostar imenso, como duma linda coisa rara, só posso dizer do *Destino Humilde* da Rachel Bastos. Está ali uma romancista e tão pouco à *massuda* maneira portuguesa: elegante, sóbria, conhecedora do coração humano em geral e do coração dos pobres, o mais difícil de conhecer, embora muita gente banal e rica pense que ele não tem nada dentro...

Visitou-nos, como deve saber, a "surréaliste", assim a chamava o António Cândido²⁵¹, Veva de Lima. Não a vi. Escreveu-me. Ela, muito gentil, convidou-me para a sua receção de despedida, mas eu já morri para o mundo. Veva teve aqui o bom gosto de ser apenas uma elegante mulher da sociedade, com vestidos de mil cores. E o cabelo em chamas. A única que o Funchal poderia compreender: *Lampadários*²⁵² nesta ilha seriam *en pure perte*²⁵³ e creio que agradou. É uma ótima rapariga a quem só felicidade desejo. A si desejo este mundo, o outro e um coração.

L.

P.S.: – Veja se me pode mandar uns livrinhos franceses. Terá *Cruelle Espagne* de Tharaud²⁵⁴? Estou morrendo por lê-lo.

(1942) e *Solidão – notas do punho de uma mulher* (1939), escrito precisamente sob o pseudónimo de João Falco.

²⁵⁰ João Gaspar Simões (1903-1987) foi um crítico literário, mas também novelista, ensaísta, editor e tradutor.

²⁵¹ António Cândido Vieira da Costa (1850-1922), também conhecido como “A Águia do Marão”, foi um político, professor e, sobretudo, um orador notável. Desempenhou diversos cargos políticos, sendo autor de um tratado de Filosofia Política em dois volumes.

²⁵² Luísa refere-se a *O Último Lampadário*, Edição do autor, Lisboa, s/d [ca. 1917].

²⁵³ Puro prejuízo.

²⁵⁴ Jêrome (1874-1953) e Jean Tharaud (1877-1952) são dois irmãos escritores franceses que são em conjunto os autores da *Cruelle Espagne*. Em 1906 foram

Carta n.º 43

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 10 de dezembro de 1942

Querida Fernanda,

Apesar das horrorosas dores de cabeça que me fizeram passar a noite em claro e continuam pelo dia adiante, quero escrever-lhe, para dizer... Era uma vez um pequeno que conheço desde a mais tenra idade, não acrescento: andei com ele ao colo porque sempre tive fraco jeito para pegar em meninos – mas ainda o vi de saias porque sou de um tempo em que ninguém nascia de calças e espingardinha ao ombro, fazia-se *pipi* nos cueiros e... era-se feliz, parece-me, a não ser que a distância me iluda. No entanto, nada de devaneios – a cabeça não dá para devaneios –

Venho contar-lhe que esse pequeno, mal aprendeu o *b-a-bá*, começou a *escrevinhar*, era o seu maior prazer e agora que tem mais de trinta anos, é casado e pai, trabalha como quadro, para ganhar o pão de cada dia, ainda adora os livros e a pena, consagrando-lhes todo o limitado tempo de que consegue dispor... Eis o que o levou a compor um volume de novelas e que, meu Deus, não são piores do que tantos por aí publicados e postos nas nuvens pela crítica. Disse-me que ia mandar-lho. Tem uma louca admiração por si e ainda ontem, no seu velho hábito de fiar-se na minha opinião – será o único talvez... – perguntava-me: – não acha que ela é a primeira poetisa portuguesa? – Escuso de dizer-lhe qual foi a minha resposta.

Creio que tenciona concorrer ao prémio de novela, mas nisso não me meto eu pois logo lhe declarei que não o recomendo, pois, aparte alguma vez em que, graças a Deus – por pura caridade cristã – para dar

distinguidos com o prémio Goncourt em 1906, e Jérôme integrou a Academia Francesa a partir de 1938.

juízo ao Secretariado da Propaganda, [...] ²⁵⁵ instituição a que quero tanto, como ela me quer.

Mas estimarei que a Fernanda tenha pachorra de folhear a *Ponte sobre o Rio* ²⁵⁶. Não me parece mau, repito, sobretudo a primeira novela. O que tem pior é uma carta prefácio minha escrita em dias de mais cruel doença e sob terrível impressão da desgraça de Toulon ²⁵⁷, que me faz tanta pena como faria a morte de uma pessoa querida. Ainda não voltei a mim do grande abalo: *L'honneur de la France est sauvée* ²⁵⁸, disse-me a superiora do hospício, francesa de uma alta distinção e inteligência e respondi-lhe com a maior sinceridade da minha alma: *Pour moi il n'a jamais été perdu.* ²⁵⁹ Mas a França arde e eu só desejo ir antes dela, não ver o fim... *Il y a un ciel pour les patries* ²⁶⁰, dizia-me uma outra francesa. Deus o permita e que nela nos encontremos. Já estou farta deste triste, feio e injusto mundo.

Adorei o artigo do Augusto de Castro. Conheço tão bem esse escritor – um dos nossos maiores – que percebo logo quando ele diz o que sente ou o que convém dizer. Ora tudo o que disse sobre a França em bem ou em mal, senti e *muito mais ainda* o que não ousou escrever.

O que me enfurece é pensar que daqui a pouco reúne em volume os seus artigos de brilhantes palavrórios sobre o Brasil e não ousa incluir nele, como já fez com “As duas França”, este “Drama da França” ²⁶¹.

²⁵⁵ Palavra ininteligível.

²⁵⁶ Obra de Ricardo Nascimento Jardim (1906-1990), com carta prefácio de Luísa Grande. Nasceu na Quinta das Tílias, Monte, a 16 de Agosto de 1906. Filho de Alberto Figueira Jardim, grande amigo de Luísa, e de Maria Antonieta Crawford do Nascimento. O seu romance mais famoso é *Saias de Balão* (1945). Publicou *Ponte sobre o Rio*, em 1942, no Funchal.

²⁵⁷ Afundamento da armada francesa pela mão dos seus próprios marinheiros, a 27 de novembro de 1942.

²⁵⁸ A honra da França está salva.

²⁵⁹ Para mim, nunca esteve perdida.

²⁶⁰ Há um céu para as pátrias.

²⁶¹ Ao contrário do que Luísa antecipava, Augusto de Castro publicou o texto intitulado “O Drama de França” numa obra sua de 1941, *Viagens no meu jardim: horizonte e imagens: à sombra das velhas árvores*.

Quem me dera saber, poder dizer tudo o que penso, o que tenho no coração... mas antes que soubesse, que *fosse dizer*, a censura não deixaria... Temos de ser neutros ou parecer... Temos de ajudar o Salazar na sua difícil tarefa e que tão bem tem conduzido. Faço-lhe toda a justiça que posso e quando penso na minha impossibilidade de derramar por ele uma só das lágrimas que, tão espontaneamente, choro pelos marinheiros franceses, e a marinha. Em todo o caso, admiro-o, com a cabeça e o espírito. Adeus. Penso que o defeito é meu se ainda não aprendi a compreendê-lo.

Mande-me os capítulos do seu livro. Recebi ontem o *Atlântico* que longe estive de fazer-me delirar. Tanta gente escreve bem em Portugal... Agostinho de Campos, o Luiz V. de Castro, outros – E as mulheres, excetuando com honrosas exceções – só ali aparecem ilustres desconhecidas. Em vão procurei ainda uma pequena crónica sobre as ruas de Lisboa. O artigo do Júlio Dantas, ainda a Rachel Bastos... que lástima! Lindos versos do Cabral Nascimento e parece-me que... *voilà tout*. Como o primeiro... Adeus, princesa dos poemas maravilhosos e da prosa igual. Abraço-a. Nem sei o que escrevi –

Velha amiga,

Luísa.

Carta n.º 44

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 22 de dezembro de 1942

Sempre querida *Pantera*,

Visto que assim o deseja, a Pantera *mais doce* na sua patinha de veludo, que me tem sido dado conhecer... Lindíssimos versos, lindíssima carta! Os primeiros vão num crescendo crescendo de beleza, de encanto, de inspiração... cada vez gosto mais deles e, sem sombra de lisonja,

parece-me que assim deve acontecer, a todos que os lerem e não tiverem os olhos empanados pelo que há de mais vil na terra: a inveja.

Quanto ao que me escreve sobre os meus pobres “Domingos”, sim, eu tenho-lhes amor, por tudo o que me lembram do tempo feliz da minha vida, mas não acredito nas doces coisas que a seu respeito me diz. Em compensação sinto verdadeiro e tão enternecedor o seu desejo, sempre provado, de ser-me agradável e ele é ainda melhor do que o resto. Tanto melhor que lho agradeço de todo o meu coração. Como as crianças, os velhos gostam de mimo, precisam dele à semelhança das flores que se estiolam quando lhes falta o sol...

Ai, a Fernanda nem calcula como é triste ser velha! Ter esperança?! Em quê?! Só na morte que traz consigo o descanso e a paz. À vida já nada se ousa pedir... Mas quando vem um molho de lindas promessas, de lindas ilusões, como o que me trouxe a sua carta, qualquer coisa volta ao coração que me faz chorar docemente, como se chora quando se é nova...

Ora se eu queria continuar a escrever, contar o que fui – não o que sou, isso é triste demais – já o faço porém com muita dificuldade.

As ideias, o assunto não faltam. Como Baudelaire, *j’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans*²⁶², mas falta-me a faculdade de exprimir o que sinto, o que penso, e é preciso saber renunciar a tempo, antes que os outros percebam a nossa decadência. Renunciar! Renunciar! Ciência entre todas desoladora, mas tão útil e que tão raros aprendem! Escrever, escrever, querida Fernanda, enquanto é tempo, não desperdice esse magnífico talento, a sua maravilhosa alegria de viver, mesmo quando está triste e a sua tristeza é ainda uma ação de graças por tudo o que Deus tão largamente lhe concedeu. Tenho a maior curiosidade ou antes interesse de conhecer algum capítulo do seu novo livro. Em geral, só os velhos costumam invocar o tempo da infância, sintoma de melancolia, diz-se, mas a Fernanda provará que, em plena mocidade, sabe fazê-lo, tão bem como o faz Anatole France e Gyp²⁶³ aos oitenta anos.

²⁶² Tenho mais recordações que se vivesse mil anos.

²⁶³ Gyp é o pseudónimo de Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau (1849-1932), romancista francesa autora de inúmeras obras, das quais a última foi publicada em 1931, ou seja, com 82 anos.

Pelo amor de Deus não deixe a meio. Tenha persistência. A sua pena é cheia de encanto como os seus versos... Quem me dera estar em Lisboa, no meu quartinho cor de morango, a ouvir lê-la! Mas Lisboa – tudo o que ela para mim continha de tão bom e tão querido, passou ao número dos paraísos perdidos... E a França? Essa é uma *ferida sempre aberta* no meu coração! Acordo e adormeço a pensar nela, e tremo por ela. Dói-me tudo o que ela sofre! Assim com o maior sacrifício pudesse valer-lhe!

Adorei o artigo do Augusto de Castro “O drama da França”. Esse também é francês pelo coração, como eu sou e não diz mais, não diz tudo o que eu queria que dissesse, porque a neutralidade a que somos forçados assim o exige! Mas quando acabará todo este horror?

Temos aqui, para o prazer e divertimento das senhoras elegantes, a Maria Luísa Teixeira²⁶⁴. Veio fazer uma exposição de vestidos, parece que vendeu muitos. Ainda bem. É uma corajosa mulher que eu muito admiro.

E assim, de esperança em desengano, de mentira do Hitler a nova mentira, chegamos a mais este Natal. Que Deus lho deixe passar e aos seus, com saúde e alegria.

São os votos sinceros da sua amiga e admiradora,

Luísa

P.S.: Que maravilhosos versos os do João Cabral do Nascimento, no *Atlântico*. Consolam do universo!

²⁶⁴ Maria Luísa Teixeira, proprietária e diretora da Casa Bobone, um atelier de alta costura fundado em 1931 onde se vestia a melhor sociedade portuguesa.

Carta n.º 45

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro 3, 5 de março de 1943

Querida Fernanda,

Com a mesma ternura e admiração, mas a minha é mil vezes mais merecida, que faz na dedicatória da sua *Pedra no Lago*, eu venho agradecer-lhe. Até lhe mereci um dos seus exemplares de exceção! Por tudo sou mil vezes grata. Logo que soube do seu sucesso escrevi-lhe um bilheteinho de parabéns, espero que o tivesse recebido e sentisse quanto me alegro sempre com todos os seus triunfos. Ainda muitos a esperam pela vida fora: eis a minha profecia –... o António, celebrado pelo Agostinho, em casa da intrépida – ou louca?! Não sei, *toutes les deux* – talvez – Veva de Lima, não vier antes tudo estragar. A mim parece-me que essa senhora terá uma triste desilusão quando, ao triunfarem as suas ideias, o Estaline a despojar de numerosas... *draperies*²⁶⁵... Mas eu é que não sei o que digo. Estaline tornou-se o homem mais conservador da Europa e o bolchevismo não passa de uma lenda... Isto tudo tenho eu ouvido, pensando – embora não seja das maiores a minha simpatia pelo Salazar: – mal empregado tempo ele tem gasto a conservar-nos a neutralidade, quando outros fazem tudo para que o país a perca!... E não falo mais em política. Desde que desesperei da ressurreição da França, é-me indiferente o resto, quer dizer, o meu país sempre terá raízes profundas neste coração que não o escolheu, mas o ama como seu *único bem*.

Diz uma nota de *Pedra no Lago* que a Fernanda achou conveniente, para que a peça não se tornasse demasiado longa, suprimir os três quadros. Talvez tivesse razão, mas eu gostei deles. Aquela sessão na sala de espera do médico está bem feita, bem observada. É um bocadinho da vida no que ela tem de mais triste e mais injusto... E as suas “Memórias” de infância? Espero que não as abandonasse. Porque começa tantas coi-

²⁶⁵ Reposteiros, cortinados.

sas ao mesmo tempo? Dedique-se a uma só de alma e coração. Eu, apenas, muito pouco que posso, tenho continuado os meus *souvenirs* que me enchem de saudade, isto é: de tristeza boa, a tristeza de que eu gosto.

Há tempos escrevi-lhe uma grande carta. Nela lhe recomendava um novo escritor por quem muito me interessou. Devemos, parece-me, ajudar os novos e ele queria muito a sua opinião. Seja boazinha, uma pantera domesticada, tem duplo valor, mande-lhe uma palavra que o anime. Lembre-se do tempo em que começou. Ai de mim! Eu deveria lembrar-me daquele em que tudo nos aconselha a *acabar*. Mas custa tanto... Não calcula quanto gostei, *adorei* aquela pequena palestra do Augusto de Castro! Aparte os elogios, que não mereço infelizmente. Tem observações de uma realidade flagrante! Eu conheci a sua amizade, mas não julgava que ele me visse com olhos tão perspicazes!

Sou, na verdade, uma *freira*. Amo, sempre amei, a solidão e prefiro-a a todas as companhias. Apenas me insurjo contra “o meu amor literário pela França”, porque nunca sonho *les amours litteraires*, mas apenas gostar cá de dentro, com todo o meu coração.

E adeus. Comecei com as melhores tenções de a poupar a uma longa carta, e finalmente fiz como costume, escrevi sem conta, peso nem medida.

Abraço-a ternamente e renovo os meus parabéns,

Luísa

Carta n.º 46

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 17 de março de 1943

Querida, queridíssima Fernanda,

Parece-me que fez uma trapacinha, a não ser que fosse o correio mais uma vez a fazer das suas... Eu escrevi-lhe, duas cartas, ambas ficaram sem resposta e agora queixa-se a minha linda pantera do meu silêncio! Sim, sou sempre pontual na correspondência, sobretudo quando se trata de pessoas de quem gosto e sabe, com certeza – essas coisas sentem-se – que gosto muito, muitíssimo de si, da sua inteligência, *tão sua* que não se parece com a de mais ninguém, da sua alma estranha, infiel – para mim tem sido sempre constante de bondade, de carinho e essas mãos garras que sabem fazer mal, quando docemente me tocam, desde que os felizes acasos do destino a trouxeram à minha vida, à minha triste vida de velha doente, para enchê-la de flores... Mas de tempos a tempos aborrece-se – o que acho tão compreensível – cala-se, esquece-me e eu que não a esqueço, calo-me, também no receio de aborrecê-la com a *lengalenga* das minhas cartas...

A Teresa – amiga de bronze essa – como Eugénie de Guérin²⁶⁶ chamava a Barbey d'Aurévilly²⁶⁷ – dá-me quase sempre as suas notícias – como também lhe dá as minhas. Esse *trait d'union*²⁶⁸ faz com que mutuamente possamos seguir-nos, nas nossas vidas tão diferentes – a sua ainda cheia de sol – sol da mocidade, o mais brilhante que existe, e foi pela sombra dentro o que me resta a viver. Mas enquanto puder interessar-me, gostar, ter a curiosidade intelectual do que vai pelo mundo em geral e pela minha terra em particular, não me julgo completamente

²⁶⁶ Eugénie de Guérin (1805-1848) foi uma escritora francesa cujo legado, para além de muitas cartas, inclui também um Diário.

²⁶⁷ Jules-Amedée Barbey d'Aurevilly (1808-1889) foi um escritor e crítico literário que produziu sobretudo contos.

²⁶⁸ Traço de união.

infeliz, nem desejo sair do meu canto de sombra... Se vêm as suas notícias, *dadas por si*, é mais um laço que me prende e corro atrás da vida para não deixá-la fugir. Ainda bem que trabalha, não só intelectualmente, nos seus versos incomparáveis de inspiração, de originalidade, mas também nesse auxílio às crianças pobres, ensinando-as, antes de tudo a ser corajosas e alegres, melhor defesa na vida, que Deus não nos deu para nos lamentarmos apenas.

Desejo de todo o coração a *réussite*²⁶⁹ do seu plano e sabe o que lhe invejo acima de tudo? Esse *ter tempo* para pensar e ajudar tanto os outros... A mim as horas fogem. Verdade seja que as emprego frequentes vezes a sofrer, o que também não é inútil, pelo menos [aos] olhos de Deus que tudo vêem e compreendem. A guerra deve estar no fim, diz a minha querida Fernanda!!! Em compensação eu penso que ela nunca mais acaba. No inverno, os russos correm com os alemães, recuperam o que perderam no verão e mal aponte a primavera, os alemães avançam de novo prontos a combater, a vencer um inimigo, numericamente muito superior... Nenhum desiste, nenhum cede. E é a mesma coisa quanto aos outros: uma guerra de feras, de selvagens. O mundo inteiro destruído. E para quê? Para quê? Corta-se-me o coração quando penso nos meus queridos franceses, fardados de americanos... que vergonha! que horror! Só eles me interessam a valer e *morro de pena* sentindo-os perdidos, amansados, assassinados por amigos e inimigos, eles próprios vítimas da sua desunião, cada um a puxar para seu lado, a ouvir apenas o seu interesse... Pobre, pobre França! quem a salvará dos outros e de si mesma?

Aqui há frio como nunca senti na Madeira – as montanhas estão cobertas de neve e há descontentamento, revolta, entre os pobres, bem entendido. Os *mandantes* prosperam, enriquecem e para não ficar atrás do que vai pelo mundo, deitam abaixo as nossas mais bonitas casas, as nossas mais velhas árvores... Assim está desaparecendo uma terra que foi cheia de *cachet*²⁷⁰. Eu só queria cortar a cabeça a este presidente da

²⁶⁹ Sucesso.

²⁷⁰ Cunho.

Câmara²⁷¹, um João Ninguém que nada sabe, nada viu e tudo decide a seu bom prazer, gastando, esbanjando e o que é pior, destruindo... Às vezes apetece-me recorrer ao Salazar. Palpita-me que ninguém lhe diz a verdade. Mas de resto ele não gosta de novelas. Eu perderia o meu tempo.

É melhor calar-me e abraços do coração,

Luísa

Carta n.º 47

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 6 de maio de 1943

Querida, sempre querida Fernanda,

O que terão pensado de mim? Que não gosto, talvez, da sua última carta, já com a data de 24 de março, há um mês e meio quase?! Pois gostei como de nenhuma outra até agora recebida de si. Esta forma-me a sua pessoa, toda a sua maneira de ser, tão original, tão pitoresca, tão perigosa igualmente; a da pantera que não se consola – e como eu a compreendo... Mas não diga a ninguém! – de a terem ido buscar à floresta virgem, à *jungle* primitiva, para pô-la numa casa civilizada, da nossa Lisboa convencional. Prefere os atalhos, onde rasga os vestidos e as mãos, nos espinhos das sebes e que ninguém sabe onde vão ter, às brancas estradas cuidadas, policiadas... Tudo isso eu li nos seus olhos, os seus lindos, enigmáticos olhos. Algumas vezes perguntei a mim mesma quem lhos deu, quem os fez assim, pois a sua mãe que conheci de tão perto, tinha-os claros, transparentes, repousantes como um lago de águas puras... Nos tempos de Cascais, alguém me disse que a Fernanda era agora toda *high-life*... o que atrevo-me a confessar-lhe – me

²⁷¹ Refere-se a Fernão de Ornelas.

fez pena. Vi-a banalizada, como todas essas senhoras, preocupadas com as mesmas coisas miudinhas, mesquinhas, vestindo pelo mesmo figurino, obedecendo ao mesmo programa de *snobismo*... usando os mesmos gostos e as mesmas palavras, impostas pela moda, deixando-se contagiar pela mesma... estupidez – perfeitamente estupidez... até certo ponto e uma carta sossegou-me – ainda bem! Eu queria que escrevesse um romance de cada vez, porque já tantos vi começar... e abandonar, encalhados no esquecimento, na indiferença, mas se precisa dessa desordem, dessa inconstância, para não perder a sua esquisita, atraente personalidade, que não se parece com a de mais ninguém, sim, escreva dois, três mil ao mesmo tempo. Porque não lho disse há mais tempo? Porque a doença e... a velhice amarram-me, tolhem-me os movimentos. – Só não me tolheram ainda o coração... – de um dia para o outro vou deixando para amanhã, sem coragem e sem forças. Ah! Porque não estou em Lisboa, na minha Lisboa azul e oiro, naquele poleiro do Avenida Palace que a sua generosidade, a sua gentileza, tantas vezes encheu de flores e em horas sem pressa tanto conversámos? É mais difícil fazê-lo por carta... encher as palavras, pô-las em ordem com nexos, em vez daquele mil vezes delicioso *va comme je te pousse*²⁷², a que apenas se pede sinceridade, imprevisto... Desculpe-me pois, embora calada, num silêncio que pode durar meses, anos ou mesmo não falará nunca mais, eu prometo lembrar-me de si.

Agradeço-lhe, além da encantadora carta, os lindíssimos versos. Todos são maravilhosos. Ah! esses felizmente não ficam a meio! De todos gostei como gosto sempre, mais ainda da “Filosofia”, tão humana, tão cheia de indulgência, de compreensão, de bondade! Anseio pelo novo livro “Tesoiro” ou “Tesouro”²⁷³ – francamente não sei o que é melhor. Deus queira que ele venha a tempo de encontrar-me neste mundo.

Recebi o 3.º número da revista *Atlântico*. Como os outros não me fez delirar. Pobreza... franciscana, com uma ou outra exceção. Neste o grande – G de alto lá com ele! – foi o capítulo “Porquê” do António Ferro, surpresa para mim que aliás o sabia muito inteligente, mas longe

²⁷² Deixar-se ir.

²⁷³ Fernanda de Castro nunca chegou a publicar nenhuma obra com este título.

do admirável romancista ali revelado. Faz-me pena unicamente por amor da arte ver perdida uma vocação tão rara entre nós. Que espantosa psicologia, que estilo tão perfeito e tão sóbrio, a mil léguas de quase todos os nossos massudos escritores... Tudo isto, querida Fernanda, lhe digo, *só para si*, o António Ferro não devia fazer o menor gosto na minha opinião, embora ela seja de alguém que sabe ler e eu também não tinha desejo algum de ser-lhe agradável. Digo, apenas, repito, *a si*, o que penso e sinto. Por aquele luminoso “Porquê” valeu a pena pagar tão caro as mil banalidades da *Atlântico*. Não achei de todo mau o conto “Distância” da Maria Franco²⁷⁴. Ignorava que ela escrevia. Tem uma forte atmosfera madeirense, nostalgia e melancolia, como é sempre a desta Ilha, em que a nova escritora mora.

O marido, em prosa ou em verso, é *o primeiro dos primeiros*. Consola de tantas mediocridades. E adeus. Já me alonguei demais.

Abraço-a com toda a minha velha ternura,

Luísa

Carta n.º 48

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 12 de julho de 1943

Querida Panterazinha,

Triste e que tanta tristeza me fez também quando li a sua carta, mesmo sem mo dizer, compreendi muitas coisas, *muitas* e tive pena de

²⁷⁴ Maria Franco (1908-1975) era casada com João Cabral do Nascimento e sobrinha dos artistas Henrique e Francisco Franco. Colaborou como ilustradora na revista *Panorama*. Escritora de menor envergadura que o marido, Maria Franco fez, sobretudo, muitas traduções.

si, por isso ainda mais ternura lhe dei! Agora aos seus motivos de sofrimento, outro ainda mais veio juntar-se: a morte do seu pai. Quando li esta notícia nos jornais da terra, fiquei desolada por si. Não sei se vivia em grande intimidade com ele, mas a perda de um pai nunca pode ser indiferente ao coração, calculo pois o que se passará no seu e mando-lhe os meus pêsames, não os da praxe, estes muito sinceros, cá de dentro, acompanhando-a no seu desgosto, como a acompanho em tudo, alegrias ou penas.

*On ne vit pas assez, on se survit trop*²⁷⁵, dolorosa verdade que a Fernanda começa a conhecer, embora tão nova ainda. Sim, desaparecem à medida que vivemos, todas as pessoas e coisas que fizeram a nossa razão de ser e, em geral, o que sobrevive, só desilusão e saudade traz... O mundo transforma-se num vasto cemitério de afeições e alegrias... é a dura lei: tudo o que começa, acaba. Tudo o que nasce, morre...

Mas a Fernanda não deve deixar-se abater, sucumbir. Não cruze os braços. Tem tantas coisas boas, que valem a pena, dessas que pecado, e grande pecado, seria desprezar, esquecer. Fiquei triste, tristíssima quando li que se acha sem força para trabalhar, que está farta de si e da vida! Não ralho, *mas não me consolo*. De longe é difícil dizer tudo o que penso, combater esse desânimo, convencê-la que é preciso continuar. Se não encontra alegria, otimismo para os seus versos, faça-os com o que tiver no seu coração, com as suas lágrimas, as suas desilusões: toda a sua tristeza enfim, mas não os abandone. Verá que só eles podem consolá-la e ajudá-la.

Tenha coragem, saiba caminhar *quand même*²⁷⁶. *Ainda há estrelas no céu* como diz o ditado encantador dos contos do Luiz Trigueiros. Também a mim esta guerra esmaga; sobretudo quando penso na minha França, em tantas cidadezinhas deliciosas e queridas, que os bombardeamentos ameaçam – Bayonne, Saint Jean de Luz... outra ainda, encanto dos meus olhos e do meu coração – tenho vontade de morrer antes delas. Mas... ainda há estrelas no céu. Confieemos em Deus.

²⁷⁵ Não se vive o suficiente, sobrevive-se demasiado.

²⁷⁶ Mesmo assim.

A Teresa anunciou-me que a Fernanda vai mandar-me um livro (e eu ando tão sequiosa do livro!) a tradução de *How green was my valley*²⁷⁷, que linda promessa para o leitor – só os ingleses o escreveriam, ninguém escreve hoje como eles! É pena serem tão brutos, dignos rivais dos seus primos alemães! – Peço-lhe muito que não se esqueça desse empréstimo – apenas devorado – segundo o meu uso e costume, será devolvido. Como eu vou ainda esta semana para o campo, recomendo que o romance venha registado e em vez de mandá-lo para a quinta Carlos Alberto, dirija para a quinta do Til, Estrada das Tílias – Monte – Ilha da Madeira.

Muito lhe agradecerei se me fizer este serviço.

Diga ao António Ferro quanto gostei do seu capítulo – verdadeiro capítulo de romance – publicado no *Atlântico*. É realmente pena que as suas obrigações oficiais – ou o que ele assim chama – o afastem da literatura.

Querida, gosto tanto de escrever-lhe que o faria sem fim, se pudesse dispor de mais tempo, muito escasso hoje, devido aos preparativos da partida. Assim tantas maçadas me alcancem algumas melhoras, de que bem preciso!

Abraço-a,

L.

²⁷⁷ Obra do escritor inglês de origem galesa Richard Llewellyn (1906-1983). O romance, de 1939, narra a vida numa vila de mineração de carvão nos vales da região de Gales do Sul.

Carta n.º 49

Monte, Quinta das Tílias, 30 de agosto de 1943²⁷⁸

Querida Fernanda,

Eu ando sempre na vizinhança da Morte, mas nunca tão próxima dela me senti, como nesta... *villegiatura* com que tanto contei para me deitar um remendinho no pobre, avariado corpo e na tristeza do coração. Vim apenas buscar mais um desengano e eis-me agora certa, bem certa, de que é sem remédio e sem esperança o meu mal. Mas estou o verdadeiro Jeremias – profeta e a esta hora já a Censura, se conseguiu ler-me, derramou torrentes de lágrimas. Acabou-se. *Requiescat in pace*²⁷⁹. Volto ainda esta semana para o meu Jasmineiro onde encontrarei calor e paz. Querida, não me fale mais na distante, impossível Lisboa. Foi um paraíso que me fechou as suas divinas portas. Vê-la-ei sempre, mas só pela saudade e até naquela hora derradeira em que dizem nos aparecerá, com mais intensidade ainda, tudo o que amámos na vida, ela há de surgir a despedir-se dos meus olhos, além dos seus incomparáveis dias que cheiram a violetas e a sol, um dia como aquele passado consigo, no parque infantil da Ajuda, lembra-se? Tudo tinha cor, as crianças riam, abriam-se rosas... Ah! como a vida pode ser boa! Mas há tão pouco tempo para viver e tanto se leva a morrer! Disponho apenas de duas folhas de papel: é o que permite a Sra. Dona Censura, pessoa do meu maior respeito. Não quero zangá-la tão inutilmente. Agradeço a sua carta. Senti a sua tristeza, mas a esta hora já a alegria deve ter voltado e o prazer do mundo. Contudo se à solidão deve os tão lindos versos: abençoada seja ela! A Fernanda tem escrito muitas coisas de igual ou superior beleza, mas nada me tocou tanto no coração como "A Velha" e "Menina Triste".

Acredito que não *peça elogios*, mas peço-lhe, como um grande favor exigido de sua amizade, para ter mais confiança em si – Duvidar do seu

²⁷⁸ Carimbo da censura.

²⁷⁹ Descanse em paz, vulgo RIP.

talento chega a ser um pecado. Dir-lhe-ei sempre enquanto estiver neste mundo onde as vozes se ouvem. Quando não estiver, procure-me no seu coração e talvez que melhor ainda ele lhe repita o meu conselho, o meu pedido: escreva, escreva em versos ou em prosa. Diga tudo, *tanto* que tem ainda para dizer. Não queira perder o tempo. Não se vive duas vezes. O seu "Lamento inútil" veio bem a propósito. Tenho-o relido mil vezes.

Dê-me notícias para o Funchal. Acabe quanto antes o seu romance para que eu ainda possa lê-lo. Desculpe esta horrível carta.

Estou triste como o mundo, como Nuremberg em chamas, como tudo o que morre ou vai morrer. A censura que me mande... à fava. Eu prometo ir.

Abraço-a de todo o coração

Luísa

Mande-me pelo menos um capítulo do seu romance. Farei assim uma pequena ideia.

A medicina?! *Quelle blague*²⁸⁰! Isto em resposta ao que me conta do seu Pai. O que sabem eles, coitados?! Menos do que nada. Vou mandar a carta ao cuidado do António Ferro, talvez assim escape.

²⁸⁰ Que patranha.

Carta n.º 50²⁸¹

Funchal, Quinta Carlos Alberto,
Rua do Jasmineiro, 24 de outubro de 1943

Querida Fernanda,

A sua carta de 30 de Setembro só cá apareceu há dois dias! – A que nós chegámos! quase me julgo na Austrália! Se a tenho recebido mais cedo era capacíssima de pegar-lhe na palavra e mimada pela sua companhia forte, pôr-me a caminho para essa Lisboa – paraíso perdido – de que tenho tantas saudades! Mas se até agora o mar me mete medo, agora não é medo, é um *medão*! Esperemos pois melhores dias... que hão de vir, já é alguma coisa acreditar ou... querer acreditar neles e ter provas de uma amizade tão boa como a sua. Obrigada, minha querida, obrigada mil vezes e de todo o meu coração. Se realmente precisa da minha vida, tão inútil aliás, prenda-me um bocadinho a esse fio quebradiço. Pelo menos tira-me a vontade ou a... indiferença de me ir embora... Mas deve habituar-se à ideia de perder-me. Perder é uma consequência de... Ter. Nada dura. Tudo passa. Nós passamos apenas. A saudade e a lembrança dão-nos momentos tão completos que parecem eternidade e já fazem parte do que não nos pertence, do que apenas foi. Eu penso que há de voltar a ser. Mas a Fernanda não é crente e a minha fé tão pequenina, tão mortiça que apenas me alumia um bocadinho, não chega para levar a luz a mais alguém.

Se estou tão doente como imagino, é difícil dizer. Penso que sim, mas estas macacoas do coração, se nos reservam muitas surpresas terríveis, também mostram inesperadas condescendências de que, aliás, não é bom abusar. Será... Como for. Desde que lhe escrevi a minha última carta – a do dobre dos finados – num dia de negra desilusão – tinha vindo muito pior do Monte, com as asas cortadas outra vez... –

²⁸¹ A folha 1 e 3 têm o carimbo “C.M.P.T. CENSURADO”. O envelope desta carta, com selo de 25 de outubro de 1943, tem o carimbo com a indicação “C.M.P.T. CENSURADO”, tanto na frente, como no verso.

voltei embora lentamente ao meu estado natural, quer dizer o de arrastar-me na vida.

Ainda nos tornaremos a ver, quem sabe? O destino é cheio de possibilidades. Penso tanto no antigo porteiro do Avenida Palace, onde tantas coisas boas e más – agora todas me parecem boas... – passaram... O que ralhei com a minha linda pantera, quantos versos maravilhosos lhe ouvi dizer e os frescos molhos de flores que me deixava constantemente entre as mãos... vivo pois de passado o que não é desgraciosa maneira de viver. Esqueço o presente tão feio... Hitler, Stalin, Churchill, todos eles e... mais alguns, transformam-se aos meus olhos naqueles *papões* inverosímeis que fizeram o horror da minha infância, eu voo até à infância, quando a Pantera ainda não fazia parte deste mundo, quando... mas não há espaço para divagações. A nossa amiga Katherine Mansfield²⁸² tinha pelo menos a liberdade da pena e... do papel. Os terríveis senhores da censura eram lindos *bébés* ao colo das amas. E agora... mas aí vai o papelinho amarelo – quem te aconselha teu amigo é... que acompanharia a sua... desobediente carta. Os meninos cresceram, tornaram-se *mandões*. Temos de acatar-lhe as ordens. Toca a obedecer. Tempo apenas para acrescentar que achei lindos os seus versos. E se eles não gostaram, não sei então o que querem. Veja se me manda uns livrinhos. Quando leio não sofro.

Abraço-a de todo o coração,

Luísa

²⁸² Katherine Mansfield (1888-1923) foi uma escritora neozelandesa, de vida rebelde e prosa sombria, vertida, sobretudo, em contos de cariz modernista. Além de contos e poesia, dedicou-se também à diarística e à epistolografia. Com 19 anos, deixou a Nova Zelândia e estabeleceu-se na Inglaterra, onde se tornou amiga de D. H. Lawrence, Virginia Woolf, Lady Ottoline Morrell e outros escritores que pertenciam à órbita do Grupo de Bloomsbury. Teve grande influência nas escolhas estéticas da obra de Luzia.

Carta n.º 51

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 17 de novembro de 1943

Querida Maria Fernanda,

Não sei porque lhe chamo Maria, costume dizer Fernanda... *tout court*, mas desta vez, sem dar as suas razões, saltou dos bicos da pena o “Maria”, não devo pois retirá-lo... e o nome é tão lindo! –

“A vida já tem saudades minhas. Far-lhe-ei falta quando morrer...”

Que maravilhosa coisa sabe dizer, minha querida, e quanto lhe agradeço pela sua caridosa intenção de consolar-me e dar-me o tão já raro prazer...

Mas nenhuma falta farei. *Ninguém faz*. A vida passa, mal nos vê... É um minuto apenas, em que ocupamos um pequeno lugar que imediatamente outro vem preencher. E do que fomos, do que pensámos, do que amámos, nada fica. Um espírito eleito, uma alma raramente encantadora como a de Katherine Mansfield, prolonga-se nos seus livros, anda durante muito tempo connosco, mas esquece, apaga-se, segue a bruta regra geral, como tudo o que hoje interessa e amanhã não terá a mínima oportunidade. É terrível, bem sei. Todos nós temos horror à morte dos que nos são queridos e maior horror à nossa própria morte. Escrevemos para que dure um bocadinho mais a vida, é ainda uma maneira, tão ilusória, aliás, de não morrer. Mas eu sinto-me tão diminuída, tão pouco resta de mim que já começo a morrer... Morte lenta, aos bocados; a pior. E será preferível acabar por uma vez esta triste obrigação, acabar antes que tudo me seja roubado até a faculdade de ler, de perceber o que leio, *de ver as letras*, porque os olhos vão-se. Tenho abusado demasiadamente deles e... ai de mim! Não vivo no século adorável em que Madame du Déffand²⁸³ que sofria de insónias como eu, acordava o

²⁸³ Marie de Vichy-Champrond (1698-17..) tornou-se marquesa du Déffand pelo casamento com o marquês de La Lande, de quem se separou dez anos mais tarde. Anfitriã de um salão literário reputado, onde se reunia a intelectualidade do tempo, foi amiga de Voltaire com quem trocou extensa correspondência.

seu secretário para, durante toda a noite, o ouvir ler... E outras vezes ditava-lhe infatigavelmente as suas espirituosas cartas... O bom Wiart²⁸⁴ longe de queixar-se, de querer-lhe mal, ainda chorou quando ela desapareceu. Ninguém chorará por mim e na terra fará indiferentemente bom ou mau tempo, chuva ou sol. Precisamos acreditar na vida eterna. A *déchéance*²⁸⁵ de Colette é desoladora. Concordo eu que tanto admirei o seu *chic suprême de savoir déchirer*²⁸⁶... Mas se o cabelo pintado, a ponta de vermelhão na cara e a tentativa de aventuras amorosas lhe dão ainda uma suspeita de ilusão (pelo menos revelam saúde e força) Colette deverá, até certo ponto, ser invejada... E depois, sem esperança, sem crença para lá deste mundo, a que há de ela, coitada, agarrar-se?!

Mas lá vão as duas páginas! Oh! Dura, implacável censura! Vou continuar numa carta número 2. Desculpem os censores. Não é trapaça. É que tinha receio de dizer adeus. Estou hoje doentíssima.

Abraço-a,

Luísa

Carta n.º 52

Carta no. 2, (visto que a n.º 1 ultrapassou os limites permitidos –)

17 de novembro de 1943

Querida Fernanda,

Desta vez sem Maria, nem mesmo *Maria da Lua*, o nome ficar-lhe-ia tão bem! –

²⁸⁴ Secretário de Madame du Déffand.

²⁸⁵ Decadência.

²⁸⁶ O chique supremo de saber afundar.

O seu original chegou são e salvo. Bem-haja a censura que o deixou vir até às minhas mãos! *Adorei* esse primeiro capítulo de um romance, mil vezes encantador! Só tenho medo que o não acabe como infelizmente costuma fazer. Maria da Lua tem tudo o que interessa e *sobretudo* prende, agarra-nos a alma... Poesia, melancolia, nostalgia, um grande poder de evocação, vi o que descreve, desde a deliciosa avó até à neta que gosta de ter febre para sonhar acordada. E pareceu-me conhecer na casa cor de rosa, com sacadas verdes e vasos de jardineiras “nas janelas”, a sala antiga, cheia de *cachet*, como tudo em que tocou o passado, onde eu estive uma tarde, com amigas das Salesas, que moravam então na quieta, provinciana Cacilhas... E tinham uma avó velhinha, uma tia de que esqueci o nome, mas decerto se assemelhava a Emiliana... Ou tudo isto será ilusão? Seja embora, o seu capítulo cheira deliciosamente a *passado*, a coisas fora de moda, adoráveis coisas que não querem morrer... Fará ela parte das memórias da infância em que a Teresa me falou há tempos?

Continue, continue, peça-lhe. E vá devagarinho para saborear melhor. Queira ser *perfeita*. Já muitas vezes, *quase* sempre o é, mas algumas bem raras, aliás, deve cuidar mais escrupulosamente das suas frases, evitar repetições. Lembre-se que temos o direito de pedir-lhe o que não exigimos aos outros. Bem entendido, eu adoro a naturalidade da sua forma, tudo parece sair-lhe de um jato, sem o mínimo esforço, nunca faz estilo – abençoada seja! – nunca emprega palavras difíceis. Deixe isso à Veva de Lima...

Deus e as fadas que presidiram ao seu batismo literário a conservem assim, mas não é razão para que se abandone demasiadamente à mais invejável e ao mesmo tempo preguiçosa facilidade... Nem por isso agradecerá menos. Quem tiver bom gosto e o hábito das boas leituras, há de fatalmente morrer por tudo o que escreve em prosa ou em verso, mas é uma exigência rabugenta de quem muito lhe quer e muito a admira. Se soubesse como lhe escrevo hoje! A mão treme, as ideias fogem-me. Desejo e não posso dizer... Esperaria para amanhã se não receasse estar amanhã ainda pior do que hoje. Procure adivinhar tudo o que penso e sinto, do seu livro, de si. Será o meio mais seguro de fazer-me entender. Obrigada mil vezes pelo resto que mandou. Parte das coisas já muito

conhecidas. *Música ao Longe*²⁸⁷ tinha acabado de ler. É uma *maravilha...* em língua de preto. Que pena! Apetece-me traduzir. Estou devorando, com maior interesse: *Je suis sa Femme*²⁸⁸. E adeus. Não posso mais. Abraço-a a... morrer de cansaço e fraqueza. Luísa.

Carta n.º 53

Funchal, Ilha da Madeira,
Quinta Carlos Alberto, 28 de novembro de 1943

Querida Fernanda,

Deus lhe pague o bem que me fez a sua lembrança, a sua amizade. Gostei, mas gostei muito, da carta que me trouxe a saudade de tão doces, aliás, impossíveis, para sempre perdidas coisas... Longas palestras no quartinho cor de cereja do velho Avenida Palace, e a minha rabugice, as descomposturas a que com tanta indulgência chama *doces...* Como hei de eu voltar a dar-lhas se já nem posso falar, até para o – Como está? Passou bem? – de cada dia! Não exagero, creia. Os quatro anos são realmente quatro séculos de sofrimento e luta – a mais inútil e inglória a pesar sobre mim. Além dos meus outros males, o que hoje com maior crueldade me aflige é o horrível esgotamento nervoso, o cansaço cerebral que para tudo me inutilizam. Mas a querida Fernanda há de pensar e com muita razão que eu estou naquela fase aborrecidíssima das senhoras velhas preocupadas apenas com os seus males e tendo-os escolhido

²⁸⁷ Obra de Érico Veríssimo (1905-1975), escritor brasileiro dos mais populares do século XX. A obra tem por tema a história de uma família rica que se arruinou, o que a torna bastante autobiográfica.

²⁸⁸ Tradução de Magdeleine Paz, da PUF, de 1934, do livro de Helen Grace Carlisle, *The Wife* (1934).

para seu único assunto. Também me lembro que no meu querido século XVIII, século das coisas bonitas e igualmente das muitas coisas feias, as mais célebres correspondentes gastavam inúmeras folhas de papel – não havia então a censura para metê-las na ordem! – em longas e prolixas considerações sobre os seus achaques e as visitas e remédios que lhe aplicavam, além de sangrias e... purgas, aqueles sujeitos, hoje chamados Príncipes da Ciência e nesse tempo portadores de certo instrumento – o Eça assim os descreve e antes do Eça todos sabemos quanto eles andaram nas comédias de Molière... Seja pois o exemplo de Madame de La Fayette²⁸⁹ e da espirituosa Sèvigné, repisando e tornando a repisar sobre o meu coração, os meus nervos, as minhas entranhas e... ilhas adjacentes, até que a morte, a prudente misericordiosa morte, ponha o seu grande ponto final em tudo isto.

Entre outras coisas deliciosas que me trouxe a sua carta, anuncia-me – assim eu pudesse acreditá-la! para muito breve – não tarda um instante – o fim da guerra. Ah! Minha pobre Fernanda, acabarei... quem sabe se acabaremos ambas, antes dela acabar! Mas deixe-me esquecer esse longo pesadelo. Mande-me a continuação da sua Maria da Lua²⁹⁰, prometo-lhe em troca as minhas impressões verdadeiras, que, aliás, só poderão ser boas. A Fernanda tem tudo o que é preciso para escrever bem e acima desse tudo o encanto que não se define, mas prende e fascina. Os seus personagens *tão seus*, tirados de si mesma, logo nos apaixonam e nunca mais se esquecem. Se nos faltam ficamos inquietos, com saudades deles, perguntando para onde foram, porque não voltam... Não me deixe pois muito tempo sem a deliciosa Maria da Lua, longe da casa cor de rosa e das sardinheiras das janelas. Parece-me que já lhe disse quanto gostei dos livros. Mas não me mande a *Vallée*

²⁸⁹ Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, Condessa de La Fayette (1634-1693), mais conhecida como Madame de La Fayette, foi uma escritora francesa, autora de *La Princesse de Clèves*, um dos primeiros romances da literatura francesa escrito por uma mulher.

²⁹⁰ *Maria da Lua*, publicado em 1945, é um romance de Fernanda de Castro que foi Prémio Ricardo Malheiros em 1945, sendo a autora a primeira a obter este prémio da Academia das Ciências.

*Verte*²⁹¹, a Teresa conhecendo meu empenho de lê-la, já ma enviou. Ainda leio embora por vezes com dificuldade em compreender e a vista a piorar-me de tanto que tenho abusado dela. A vida é sempre a privação ou o abuso. A licença não dá para mais. Está frio, as montanhas cobertas de neve, tão tristes e enevoadas. O meu coração – como elas. Mas... Oh! A Ex.ma. D. Censura manda-me acabar. E pronto já obedeço. Amiga sincera

Luísa.

Carta n.º 54

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 31 de dezembro de 1943

Querida, queridíssima Fernanda,

Quase tenho pena que me mandasse aquele primeiro capítulo do seu encantador romance pois confesso a minha ingenuidade, esperei continuar a recebê-lo, esperei com uma grande ansiedade e confiança, mas os vapores chegam, nada trazem, desconfio que nada mais trarão – sobretudo tenho medo que o delicioso romance ficasse por aí, como já tantos têm ficado... Dizer-lhe a minha pena não sei. A Fernanda começa, larga e desta vez acrescentarei que deixa a meio caminho uma das coisas melhores que tem escrito e não será fácil substituir. Eu hoje conheci a velha casa de Cacilhas, onde estive apenas uma vez, mas é do número das que não se esquecem. A sua mãe tinha, parece-me, uns 18 ou 19 anos, era linda, clara, com uns maravilhosos olhos azuis, um pouco fria, o que a Fernanda tem de tão exuberante e ardente não veio

²⁹¹ Refere-se ao livro de Richard Llewellyn, *Qu'elle était verte ma vallée*, na tradução francesa de 1942 do original inglês, o qual é mencionado na carta de Luísa a 12 de julho de 1943.

dela. Da casa, cheia de passado, inconfundível e melancólica como todas que acordam a saudade de outro tempo, ficou-lhe decerto alguma coisa que a banalidade da vida ainda não lhe fez perder...

Mas tudo isso se vai, se foi, no terrível irremediável *não ter tempo*... que diabo! desculpe... Ponha de parte alguns afazeres. Apanhe duas, três gripes, se tanto for preciso, mas *escreva*. Não abandone esse sedutor *Maria da Lua*... E depois para que lhe digo tudo isto? Ah! Quanto eu escreveria se tivesse a sua idade, a sua saúde física e moral! Depois, querida, o tempo passa, as forças fogem, a velhice sela-nos a inspiração e vem a morte... Acaba hoje o ano, este ano tão triste, devastador, eu passo-o a ter saudades, saudades do impossível, do que nunca mais se encontra. Não me leve a mal acrescentar que a França sobretudo está comigo... França do meu coração, por quem daria a vida, tudo o que tenho e não tenho! Quando penso que há um reles – relíssimo, *relíssíssimo* – Smith²⁹²!... Mas bem sei que ele e todos os seus iguais passarão e a França nunca passará... Hoje veio a notícia do bombardeamento de Roma²⁹³... *Caen*²⁹⁴! E não digo mais por causa da censura. Agradeço-lhe os seus livros que breve irão a caminho da rua dos Caetanos, onde eu queria ir. Adorei *Les Fils et les Amants*²⁹⁵. Desta vez é que percebi a

²⁹² General Walter Bedell "Beetle" Smith (1895-1961), oficial do Exército dos Estados Unidos, serviu como chefe do Estado-Maior do General Dwight D. Eisenhower no Quartel-General das Forças Aliadas (AFHQ) durante a Segunda Guerra Mundial. Foi chefe do Estado-Maior de Eisenhower no Quartel-General Supremo da Força Expedicionária Aliada (SHAEP) na campanha na Europa Ocidental de 1944 a 1945.

²⁹³ A partir do verão de 1943, Roma foi alvo de mais de uma trintena de ataques aéreos. No *Diário de Notícias* de 31 de dezembro de 1943, publica-se uma notícia que é anunciada na primeira página com o título "A Luta na Itália – Roma foi bombardeada".

²⁹⁴ Em julho de 1943, Caen foi bombardeada pelos aliados, tendo sido destruída a igreja de Saint Paix. A partir dessa data, foram vários os ataques à cidade, então sob domínio alemão. No *Diário de Notícias* de 31 de dezembro de 1943, uma notícia dava conta de que no dia 30 tinham atravessado a Mancha em direção ao norte da França e Alemanha vários bombardeiros e caças.

²⁹⁵ No original inglês, *Sons and Lovers* (1913), de D. H. Lawrence (1885-1938), escritor inglês, contista e ensaísta.

loucura de Katherine Mansfield por Lawrence. É um admirável livro que, embora tão comprido, defeito de todos os ingleses, me interessa do princípio ao fim. Gosto muito da literatura inglesa e talvez ainda mais da americana. Mas sou forçada a dizer-lhe adeus. Cai neve nas nossas montanhas. O céu está cor de chumbo e o meu jardim implacavelmente estragado. Maria da Lua, não dê o desgosto de calar tantas coisas encantadoras que tem para dizer à sua muito amiga,

Luísa

Carta n.º 55

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 27 de fevereiro [1944]²⁹⁶

Querida, não tenho tempo nem cabeça para lhe escrever uma longa carta, com toda a casa transformada em hospital e eu própria a morrer em pé, da doença, da cansaça, do desalento... Estas breves palavras são só para dizer-lhe que o 3.º capítulo do seu romance é uma maravilha de observação, de evocação, como à que cheira às doces coisas do passado e faz reviver tantas incomparáveis venturas, que a gente de agora já não conhece. *Adorei-o*. Peço-lhe encarecidamente a continuação deste magnífico e único romance português, antes que sacrifique o jardim, as colmeias, todo o seu grande e aliás tão útil labor. E depois, se quiser, chame-me egoísta...

Acabam de dizer-me que a revista *Atlântico* vai continuar a publicar-se. Eu muito gostosamente assinei os quatro números que me tinham

²⁹⁶ Para a datação desta carta considerou-se a publicação do quarto número da revista *Atlântico*, de 21 de novembro de 1943, e a referência ao 3.º capítulo de *Maria da Lua*, cujo 1.º capítulo tinha sido mencionado a 17 de novembro de 1943.

anunciado, mas não desejo continuar. Grande favor me fará, querida Fernanda, em prevenir a redação. Desculpe esta maçada, sim?

Abraço-a com ternura, saudades e a maior admiração,

Luísa

Carta n.º 56

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 16 de abril de 1944

Querida Maria da Lua. Nenhum nome lhe fica melhor... Gostei muito, mais uma vez, do seu capítulo sobre o Tio António, que não conheci, mas fico agora conhecendo, é um telhudo encantador, digno de figurar nessa deliciosa coleção de gente que não se parece com toda a gente... Sim, desejo sinceramente, e do fundo do coração, que acabe a “história de uma casa” – dar-lhe-ia esse título se fosse escrita por mim – mas porque há de jurar tê-la pronta até ao fim deste mês?!

Não se trata de uma empreitada, quanto mais devagar e cuidadosamente a escrever, melhor ela ficará... Depois, sabe o que eu penso? Acho difícil fazer daí um romance, parece-me mais adequado a uma série de capítulos, sem enredo marcado, como por exemplo na mil vezes encantadora *Maison de Claudine*²⁹⁷, que poderá prolongar enquanto tiver assunto. Mas talvez não seja esta a sua ideia. Lembro-lhe apenas sem querer impô-la. De tudo que fizer eu gostarei, porque tudo será delicioso, encantador, com essa facilidade que é só sua. Ninguém escreve assim em Portugal... Em todo o caso, repito-lhe: não tenha pressa, não o “faça por atacado”, para acabar numa data certa. E continue a mandar-me tudo o que escrever, romance ou simples impressões. Porque não fala daquela tia que casou já velha, de quem me contava histórias tão originais? Ela devia inspirar-lhe um capítulo dos mais felizes... Enfim,

²⁹⁷ Obra de Colette, publicada em 1922.

fale de quem quiser, tem uma pena encantada, põe uma maravilhosa dose de poesia em tudo o que escreve e este género é o que mais me interessa. Há muito tempo desejei fazê-lo, ai de mim! Comecei tarde demais, como há de evocar a primavera quem está, como eu, em pleno inverno? Mas consola-me pensar que a Fernanda realiza admiravelmente o que foi o meu sonho... E em vez de agradecer-me o interesse, eu é que lhe agradeço tudo o que trouxe à minha triste, solitária vida, essa doce baforada de passado. Já antes gostava muito de si, desde que a vejo na Maria da Lua ainda me parece que gosto mais, embora ralhasse e não me despeço de continuar ralhando...

Não será por muito tempo, creio. A vida foge-me e apesar de tudo deixa-me saudades, se pudesse corria-lhe atrás, ela porém é que não se deixa agarrar. Já lhe mandei um recado pela Teresa, em carta que deve ter partido ontem. Quando esta for, ainda não sei quando, irão também dois livros seus. Desculpe a demora, por esquecimento aliás. Já há muito estavam lidos e cuidadosamente guardados. Adeus querida. Lembre-se algumas vezes de mim, enquanto eu cá estiver e depois. Abraço-a de todo o coração,

Luísa

Carta n.º 57

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 19 de fevereiro de 1944

Querida, queridíssima Fernanda,

Alegro-me com o prazer tão justo que lhe dá a sua colmeia, mas não posso fugir ao bocadinho de pena e sanção, involuntariamente sentidas, constatando o demasiado tempo que por ela perdem as suas outras ocupações. Bonita realização a dessas Escolas, completando os já tão lindos

jardins de infância, mando-lhe todos os meus parabéns, entretanto queria – oh! Queria com todo o meu coração, que fosse fiel ao seu projeto – é uma promessa, de roubar-lhe *pelo menos* duas horas por dia, duas horas para os seus versos, a sua Maria da Lua (encantadora no segundo capítulo, *quase* tanto como no primeiro) e para nós que também somos gente, embora não sejamos *abelhas*...

Obrigada por tudo o que me diz de tão bonito, tão lisonjeiro – em que eu não acredito, aliás – sobre o capítulo de *Memórias*²⁹⁸, graças à sua virtude de ser-me agradável, que, sabe Deus com que esforço seu e da boa amiga Teresa, a “abalizada”, massuda *Ocidente* publicou. Sim, o que escrevo cheira a passado porque só de passado eu agora vivo. E havia muita roupa de linho, muita madressilva e lúcia-lima, na casa e jardim onde... há mil anos, fui feliz... não chame pois “disparate” às doces, velhas coisas que as minhas páginas lhe evocaram. E se eu pudesse acreditar – já disse que não acredito – no mais pequeno prazer e agrado sentido por elas, bastariam à minha felicidade, consolação profunda de tê-las escrito. Espero, com que impaciência, a *suite* da Maria da Lua. Tenho sempre medo que a abandone. Conheço a sua volubilidade no que diz respeito a [estes] assuntos. Já assisti ao começo de dois ou três romances encantadores, logo postos de parte, para começar outros que aliás não teriam melhor destino. Ah! Se eu dispusesse da sua facilidade, do seu admirável talento, quanto escreveria! Tantas coisas estão ainda na minha pobre, extenuada cabeça e lá ficarão com certeza, porque já não posso pô-las cá fora! Tantas coisas morrem connosco! Enquanto

²⁹⁸ Luzia refere-se ao texto publicado na revista *Ocidente* com o título “O Grande Terror” (Vol. XXII, janeiro, 1944, n.º 69, pp. 131-136). Aqui, a autora refere-se a *Memórias* no sentido do género a que pertence o livro que estava a escrever. Este será publicado postumamente, em 1946, como *Dias que Já Lá Vão*, pela Livraria Tavares Martins, do Porto, e inserido na Coleção «Contemporâneos» Série B Biografias e Memórias, dirigida por António Ferro. A capa e desenhos no interior são da autoria de Anne-Marie Jauss e o livro inclui um prefácio sobre Luzia de Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros. Na carta de 13 de setembro de 1945, Luzia já se irá referir ao título definitivo, inspirado numa expressão de Valery Larbaud. “O Grande Terror” ocupa as páginas 127 a 144 do livro.

somos novas, não temos pressa de dar-lhes vida e destino, vamos sempre dizendo: – Depois... Pensamos que há tempo, tempo de sobra e chega inevitavelmente o dia terrível em que é tarde, não há outro *depois*, além daquele que para sempre nos imobilizará penosamente as mãos. Por isso lhe peço: não perca tempo, não nos faça perder a alegria de lê-la.

E desculpe esta triste, trapalhona carta. O dia está negro, húmido, tenho toda a gente doente em casa. Eu quase não posso escrever e... tão mal que não sei se a censura deixará seguir estes rabiscos. Oh! Censura tem pena de mim!

Abraço-a... sem ralar parece-me.

Luísa

P.S.: Espero que recebesse os seus livros. Ainda tenho dois. Irão brevemente. Parece que a sua vizinha de Cascais²⁹⁹ está bastante doente. Apesar de ser tão mázinha, tenho pena.

Carta n.º 58

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 19 de março de 1944

Querida, querida... Maria da Lua,

Acabo de receber o seu quinto capítulo. O romance ou... história – *narrativa* não gosto nada – é daqueles que deviam durar indefinidamente, para prazer supremo de quem os lê, *para meu prazer sobretudo*, queria que a Avó não morresse, que Maria da Lua ficasse sempre pequena – de resto há almas privilegiadas que através dos anos guardam certa dose da infantilidade, em que consiste o seu maior encanto, são

²⁹⁹ Refere-se a Virgínia de Castro Almeida.

crianças até à extrema velhice ou o que aos outros parece velhice... porque elas não envelhecem. Penso em si, tão nova ainda, penso talvez em mim, tão velha já, sem poder andar, perto da cegueira completa, surda já, com terríveis ausências de memória. Mas na claridade que lá longe, do doirado tempo da infância se me espalha sempre na alma, ao evocar certos dias, certas horas numa casa que só tinha de extraordinário ser a casa da minha infância – *a minha casa*... quanto me agradou, me foi dizendo ao coração, esta frase da sua carta! Feita por si e para si, poderia ser-me aplicada! Também, como a Fernanda eu gosto, eu adoro escrever, ou antes pensar porque já quase não posso escrever – as minhas memórias. E sinto-me tão impregnada do que fui que já me julgo pequena outra vez, a feia, impiedosa velhice passa, não é para mim, eu nunca poderia ser para ela. Continue, continue, querida, a sua deliciosa, maravilhosa história. Vá dizendo sem pressa, tudo do que se lembrar, com aquela admirável maturidade que me evoca a água cristalina e pura ao correr num regato. Mesmo quando inventa, quando julga inventar, é uma recordação, um bocadinho do passado, que volta, revive. Os seus mortos falam, contam e embora inconscientemente a Fernanda repete-os...

Este quinto capítulo é lindo, sugestivo, evocador a mais não poder ser: um dos que prefiro. Isto é: eu... *prefiro-os* todos e vivo na ansiosa expectativa de que me mande mais, sempre mais... Zanga-se se lhe disser que há uma palavra que não me agradou? A que diz: – “um raio de sol atravessou a renda das cortinas e foi pousar nas mãos de Maria da Lua. Extasiada Maria da Luz (sic) levantou as mãos.” Soa-me mal. Eu – que atrevimento! – teria escrito: “que extasiada as levantou.” Faça-me perceber? Acha-me razão? Se não achar mande-me à fava. Prometo ir até mais longe. Entretanto não me canso de repetir: escreva, escreva. Será o seu melhor livro. Maria da Lua realizou o seu sonho: aprendeu a contar histórias. Foi também o meu sonho e ainda não sabia traçar uma letra, já enchia de rabiscos informes todos os bocados de papel que apanhava. Ai de mim! Comecei tarde, tarde demais e tantas coisas, quase todas, ficaram por dizer! Levo comigo o meu fabuloso tesouro. Não faça o mesmo, querida.

Abraço-a, com os olhos tão doentes que não posso aplicá-los. Perdão. Abraço-a do coração,

Luísa

Carta n.º 59

Funchal – Quinta Carlos Alberto, 5 de julho [1944]³⁰⁰

Minha querida, sempre muito querida Fernanda

A falta de resposta à sua boa cartinha não significa esquecimento ou menos apreço. Quanto ao primeiro, antes que quisesse não poderia esquecerê-la, e tenho sempre por si a mesma amizade e terna admiração, mas piorei muito, o que me restava de forças e já parecia tão pouco faz-me agora o efeito de mais um paraíso perdido e quanto a apreciaria se ela quisesse voltar! Não volto certamente, vou morrendo a fogo lento: a pior morte! Contudo resigno-me, o que não sei se é um bem ou um mal. Enquanto se quer viver, vive-se, eu já nem percebo o que quero... Será o que Deus mandar.

Oferece-se para vir ver-me. Não esquecerei a sua bondade, mas prefiro que não me vejam os que gostavam de mim, como eu era, antes de entrar nesta noite escura, esta morte em vida. Poderão assim guardar uma boa lembrança do que fui. Depois pouco posso falar. Pense querida que já desapareci, que não nos encontraremos nunca mais, a não ser no céu, mas Joubert³⁰¹ disse: *le ciel est pour ceux qui y*

³⁰⁰ A datação desta carta tem em conta as referências ao progresso da escrita de *Maria da Lua*.

³⁰¹ Joseph Joubert (1754-1824) foi um moralista e ensaísta francês, lembrado hoje em grande parte pelos seus *Pensées*, publicados postumamente. Amigo de D'Alembert e secretário de Diderot, mais tarde tornou-se amigo de um jovem

*pensent*³⁰². E receio que ambas nós pensemos muito mais na vida da terra: eu porque já a perdi, a Fernanda porque tanto ainda espera dela.

Enfim não devo continuar e maçar-la com as minhas tristezas. Recebi com o habitual prazer dois encantadores capítulos do seu livro: aquela tia Emiliana que eu decerto vi algumas vezes na grade das Salesas, interessa-me imenso. Diga-me: não era dela também que contava histórias do seu tardio casamento?

Pareceu-me ouvi-la quando habitava aquele quartinho cor de cereja do Avenida Palace... Ah! Tantas saudades! Continue a mandar-me o que escreve. Este último capítulo, datilografado pela Teresa, tem um perfume de manhã de província, que me traz imensas recordações da minha província e da minha vida passada. Como estilo perfeito, sem nada perder daquela admirável facilidade que, por vezes a prejudica um pouco, é inegavelmente dos melhores. Reveja sempre com cuidado o que escreve para fugir às traiçoeiras repetições. Mesmo com elas acho tudo um encanto, mas por sua causa – tem o direito e o dever de que não existam – quero que as evite. Eu bem queria acabar o meu livro, mas... *voilà*, penso que não o acabarei, à imagem da vida: capítulo por acabar...

Adeus minha querida, mil vezes encantadora *Pantera* – veja que ainda não me esqueci... Dê-me as suas notícias. Sim, o mal dos olhos veio juntar-se aos meus outros males, mas assim mesmo leio. Triste de mim – derradeira e pior de todas as tristezas – no dia em que não puder fazê-lo. Um abraço de todo o coração da sua amiga rabugenta,

Luísa

escritor e diplomata, Chateaubriand, que é quem recolhe e publica a sua obra. Foi nomeado inspetor-geral das universidades no governo de Napoleão.

³⁰² O céu é para quem nele pensa. Em *Recueil des Pensées* de M. Joubert [publicado por Chateaubriand], Paris, Imprimerie Le Normant, 1938, p. 71.

Carta n.º 60

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 11 de setembro de 1944

Querida Fernanda,

A sua carta foi uma boa surpresa. Sim, eu já a julgava esquecida de mim e tinha pena embora não conte demasiadamente com a lembrança das amigas, mas há umas que deixam mais saudades do que as outras e a Fernanda era uma delas. Vejo que a censura, senhora exigente, rabugenta, foi a principal culpada. Verdade seja o que ela pede não é uma coisa por aí além! Envelope sem forro e um nome a dizer quem remete... Porque não lhe fazem a vontade? O *plural* significa que outros dos meus correspondentes vieram no mesmo cortejo. Depois quem fica sem a carta sou eu... Enfim, de nada serve resmungar. Escrevo mais à Teresa porque ela me escreve sempre. É uma amiga incomparável – e a Fernanda deve sabê-lo. – Até me mandou os últimos capítulos da sua *Maria da Lua*, já posta de parte, constato infelizmente, se experimenta essa necessidade de mudar de trabalho como não há de também de mudar de amiga? Eu, por gostar muito, *imenso* dos seus romances, tenho a maior pena que o interrompesse, mas ainda quero esperar num *renoveau* de inspiração e desejo de continuá-lo.

Zanga-se se eu não for a Lisboa? Queria ir, a dificuldade é presentemente os vapores e o meu horror a achar-me como sardinha em lata, a bordo do “Lima”. Já nos tiraram o “Carvalho de Araújo”. Há dias houve um verdadeiro assalto ao “Lourenço Marques”, até foi gente sentada! Nessas condições não me meto. Mas isto há de acabar um dia – o pior é se eu ainda acabo primeiro! Tive uma das maiores alegrias da minha vida com a tomada de Paris³⁰³. E ainda por cima, pelos franceses. Que

³⁰³ Refere-se à libertação de Paris pelas tropas aliadas, durante a II Guerra Mundial, operação que decorreu entre os dias 19 e 15 de agosto de 1944. A congratulação com a iniciativa francesa nesse evento está relacionada com o facto de terem sido forças da Resistência Francesa quem primeiro se levantaram contra a presença alemã, ainda que rapidamente secundadas por tropas americanas chefiadas pelo General Patton.

bem eles se portaram! O que agora me aflige é de vez em quando uns bombardeamentos alemães. Ainda hoje... fico na mais cruel interrogação do que destruíram, das pessoas que mataram... Ah! Quem pudesse ver esta guerra acabada! Espero [que] ela seja o meu último pesadelo deste mundo! Depois poderei morrer em paz. Que pena de tantos que partiram sem saber o que eu, graças a Deus, sonho! Faz-me o efeito (sic) que nunca se morreu tanto! Tenho perguntado a muita gente que doença levou a Luísa Pinto Barreiros³⁰⁴! Ninguém me responde. Nunca fui sua íntima, mas dava-me prazer *aos olhos* vê-la tão elegante e ainda tão nova, pelo menos quando a deixei numa Lisboa para mim já considerada cemitério. Pobre linda mulher! A morte livrou-a da tristeza maior de todas de envelhecer... Também me faz pena, embora nenhum bem lhe devesse, antes pelo contrário foi mázinha sempre que podia e eu nunca lhe causei ou simplesmente desejei mal, mas isso que importa? – Tenho pena, repito, da pobre Virgínia de Castro! Tão forte, tão cheia de vida e assim vencida pela mais atroz doença, quando ainda podia viver e triunfar tanto! No meio da sua desgraça tem ao pé de si a dedicação de uma amiga perfeita que até ao fim com ela ficará. Já é alguma coisa e mesmo muito... Mas estou a escrever-lhe uma carta *fúnebre*. Desculpe, a minha horrível tristeza não me deixa falar de outra coisa. Se quiser dar-me um prazer continue o seu livro para compensar-me da dificuldade de acabar o meu.

Mil saudades da sua amiga,

Luísa

³⁰⁴ Trata-se de Maria Luísa Pinto Barreiros (1882-1944), filha de Francisco Cabral Metello (nomeado, pelo Rei D. Carlos, Ministro e Conselheiro, tendo feito parte das Cortes e, posteriormente, Governador Civil de Lisboa), e casada com Domingos Pinto Barreiros, da ganadaria Pinto Barreiros. Faleceu a 4 de julho de 1944, de doença prolongada.

Carta n.º 61

Funchal, Quinta Carlos Alberto, 10 de janeiro de 1945

Querida, sempre querida Fernanda,

Obrigada mil vezes por não se esquecer de mim. As suas cartas dão-me prazer. Leio-as com o coração. Fazem-me bem. Procuo-a muitas vezes no passado e volto a encontrá-la em tudo o que me escreve com tanta ternura e amizade. Não lhe mandei b.[oas] festas porque tenho estado sempre doente, doentíssima, mas tenha a certeza que pensei em si e lhe desejei todo o bem.

Sim. Mande-me a *Maria da Lua*, por que tanto me interessei e interesse sempre – graças a Deus posso ainda ler, é uma consolação que Deus me deixou. O seu livro compensou-me de não conseguir escrever. Bem entendido, os outros nada perdem, mas eu choro às vezes com pena deste bem perdido. O trabalho era a minha maior alegria. Vive-se sem alegria, sem tudo se vive. O outro mundo será melhor, espero.

Quase que acabava a guerra antes de eu acabar. Creio porém que não realizarei esse desejo. E a minha querida França, de quem eu gostava como não gosto de gente, mas... *chute!* Não posso dizer o que sinto, a censura não dá licença. Deus tenha piedade dos mortos e dos vivos, Deus acorde os corações.

Querida Fernanda, quando estou um pouco melhor a esperança renasce de tornar a vê-la nessa Lisboa a que tanto queria, mas é uma esperança crónica que ri da minha ilusão.

E adeus. Não posso mais.

Mando-lhe um grande abraço,

Luísa

Espero que o seu filho já esteja completamente bom. Escreva-me.

Carta n.º 622-8-45³⁰⁵

Querida Fernanda,

A sua carta recebida há já alguns dias, não sei quantos, eu já perdi a noção do tempo, trouxe-me a certeza de não estar completamente esquecida, mas não me compensou da tristeza de não ter recebido a *Maria da Lua* quando a sabia já posta à venda. Foi uma pena, mais uma, para a minha vasta coleção. Finalmente foi no dia seguinte [,] o correio tem as suas altas razões, é que tinha demorado a entrega do seu tão desejado livro. Agradeço-lhe do coração e tanto como ele a linda dedicatória que também com o coração eu li. Nessa mesma hora apesar de doentíssima com uma nova miséria quis tornar a ouvir tudo o que já conhecia e o resto maravilhoso como o princípio. Deve estar orgulhosa por tê-lo escrito... é o seu melhor livro e o melhor que neste último tempo se tem escrito em português. Se realmente eu contribuí para que o fizesse fiz um bem incalculável a essa pobre literatura portuguesa. Sempre lhe senti e admirei o talento. Só tenho pena de não poder continuar a empurrá-la nesse caminho florido que será o seu. Mas não precisará de mim para segui-lo. Apenas lhe peço que se lembre de tudo o que lhe profetizei e tenha a certeza que ninguém escreverá melhor em Portugal. Devo-lhe tantos bons momentos e se *do lado de lá* se continua a ler (deve continuar-se. O céu será feito de todas as nossas alegrias) eu ainda de todo o meu espírito e de todo o meu coração o farei. Não duvide de si, é o meu último pedido. Espero que o seu filho já esteja muito melhor. A Teresa já lá tem algumas notas para o que lhe peço para acabar, não do meu livro, mas num capítulo que não consegui levar a cabo. É uma coisa simples e que talvez melhor seria deitar juntamente com o resto no cesto dos papéis. Depois de ter lido a maravilhosa *Maria da Lua* mais me envergonho da pobreza franciscana das minhas palhaça-

³⁰⁵ Escrita por outra mão.

das. Palhaço que ri e chora ao mesmo tempo sem o condão de enternecer alguém. Enfim! O seu remate dará uma pequena claridade a todas essas coisas obscuras e sem o menor valor. Abraço-a com pena de não ser mais extensa, combine tudo com a querida Teresa, amiga verdadeira se a houve jamais. Ainda gostava de cá estar para saber o efeito da sua peça [de] que tanto gostei, só tenho medo do desempenho. Creia-me sua velha amiga,

Luísa

Carta n.º 63

Funchal, 15 de agosto [1945]³⁰⁶

Querida Fernanda,

Muito lhe agradeço o lindo casaquinho, tão mal empregado no monstro que eu estou. Veio trazer-me mais uma prova da sua fiel amizade e serei sempre grata e é uma das poucas saudades que levo deste mundo. Desejo do coração que o seu filho continue melhor.

Creia que penso imensas vezes em si e em tudo que lhe possa dar prazer. Eu só tenho penas e saudades, com elas vou arrastando o que me resta de vida. Também lhe agradeço infinitamente o que quer fazer pelo meu livro: o último entusiasmo que começa a fugir.

Quando puder escreva-me umas palavrinhas! A sua amizade consola-me. Desde que tenho a Clarice sinto-me menos só.

O meu pensamento está tantas vezes em Lisboa. E muitas igualmente em França, pobre França, tão esfarrapada e que sai desta guerra

³⁰⁶ Por outra mão.

pior que estava. Hoje acabou o Japão³⁰⁷, dizem que voltou enfim a paz, é bem que já não creio. Mando-lhe um grande abraço, se para o outro lado para onde eu vou, espero, o coração se lembra, muitas vezes se lembrará de si o meu coração

Luísa

Carta n.º 64

Funchal, 13 de set.[embro] [1945]³⁰⁸

Querida Fernanda,

É tal a confusão sobre o meu livro que apesar de toda a sua boa vontade apetece-me desistir pelo menos daquele capítulo. Todas as indicações para fazer o favor de acabá-lo dei numa carta à Teresa que ela me assegurou ter-lhe entregado. Se realmente o fez e por infelicidade se perdeu, não tenho forças para recomeçá-las. Em S. Francisco nunca pensei. Aquele capítulo é o menos seráfico possível, trata apenas da vida de uma senhora, velha rabugenta e das duas pequenas que são as protagonistas da primeira parte dos *Dias que Já Lá Vão*. Com poucas linhas chegará ao fim, mas, repito, se as tiver perdido não se preocupe mais com ele, não vale a pena e eu agradeço-lhe como se me tivesse utilizado

³⁰⁷ A rendição do Japão em agosto de 1945 marca o final da II Guerra Mundial. Nos dias 6 e 9 de agosto, os Estados Unidos lançaram ataques nucleares em Hiroshima e Nagasaki, respetivamente. Em 8 de agosto, a União Soviética declarou Guerra ao Japão e iniciou a invasão da Manchúria, derrotando o Exército Imperial japonês que ocupava a Manchúria e a Coreia. A cerimónia oficial de rendição acontecerá no dia 2 de setembro, quando oficiais do Japão, em representação do Imperador, assinaram a ata de rendição do Japão ao general americano Richard K. Sutherland.

³⁰⁸ Escrita por outra mão.

da sua boa vontade. O favor foi pedido a si porque me parece ter mais facilidade para escrever no género infantil. Mas não fico nada zangada se tiver de desistir. O livro que já era curto é que infelizmente fica curtíssimo. Felizmente ninguém perde com isso e seja como for só tenho que lhe agradecer. Os capítulos não se prendem entre si, são pequenos episódios da minha vida de criança, sem valor real e se Deus me tivesse dado mais um bocadinho de juízo já há muito estariam no cesto dos papéis. Agradeço-lhe muito a sua carta, os versos lindos como todos os que faz e já estava interessada pelo novo livro, ainda que me parece que nenhum poderá ter para mim o encanto da *Maria da Lua*. Entretanto quando tiver algum capítulo e quiser mandar-mo dar-me-á um raro prazer. O seu pedido de não me ir embora entenece-me, mas, não vai quem quer e se fosse ainda mais depressa partiria. A vida não se fez para os mortos e eu já morri. Nem o fim da guerra me alegra e prende³⁰⁹. Sinto a tristeza sem remédio de tudo o que se passou. Já não posso ser deste mundo, é cruel demais para mim.

A Fernanda é que deve viver, ainda que tenha de abstrair muitas coisas com que certamente não concorda. Mas passou a mocidade, o maior de todos os tesouros e os seus filhos esperança que sempre se renova. Aqui o outono está lindo, tenho saudades de quando o vi nessa Lisboa de que tanto gostei e sobretudo na França onde decorreram os dias mais felizes da minha vida. Que pena tudo acabar antes de nós acabarmos. Adeus, se continuasse dizia-lhe muitas coisas tristes e tinha remorsos depois. Receba um grande abraço da sua amiga,

Luísa

³⁰⁹ A guerra terminou a 2 de setembro de 1945.

Cartas Sem Datação

Carta n.º 65³¹⁰7 de janeiro [sem ano]³¹¹Querida *Pantera*

Enquanto anda no Principado do Mónaco eu estafo-me na república de Lisboa com mil coisas a fazer antes da minha partida. E são essas trinta mil maçadas que me impedem de voltar à sua casa para agradecer-lhe todas as suas gentilezas. Parece-me que a vi muito pouco, pelo menos para o que teria desejado vê-la. Mas a vida corre tão depressa que, para nada nos deixa tempo! Eu tenciono partir no dia 12 [,] faça-lhe por este meio as minhas saudosas despedidas e caso se tenha lembrado do pedido das batatas de dalias³¹², muito lhe agradeço se puder mandá-las na segunda f.[eira]. Devolvo os seus livros. Adorei os *Thibault*. Apaixonam desde o princípio ao fim! Obrigada por mais esse prazer que me deu.

Desejo-lhe de todo o coração um ano muito feliz, com o Salazar no poder e sobretudo com a pena, a sua *pena de ouro* na mão, porém este último desejo é interesseiro. Gosto tanto de lê-la e tenho tanta pena que não trabalhe mais!

Um abraço, esperando que não esqueça completamente a sua muito amiga

Luísa

³¹⁰ Papel timbrado “Avenida Palace Hotel, Lisbonne”.

³¹¹ Esta carta pode ser de 1942, porque, a 15 de agosto de 1942, Luísa está de novo em Lisboa e diz que sabe que a Fernanda de Castro está a viajar pela França, para depois ir à Roménia e à Suíça.

³¹² Atendendo a que em maio de 1939 (dia 10) Luísa agradece a Fernanda de Castro o envio das dalias e esta carta de janeiro lhe lembra do envio das flores, talvez possamos datar o texto de janeiro de 1939. Não tendo, no entanto, a certeza, preferiu-se deixar a carta por datar.

Carta n.º 66³¹³

14 de junho

Querida Maria Fernanda,

Já fazia tenção de escrever-lhe, tendo sabido pela Teresa que esteve bastante doente com uma angina. A sua carta, acabada de receber, prova-me que está melhor o que me dá um grande prazer.

Tive pena de não estar quando aqui veio. A minha vida passa-se no consultório de numerosos médicos – continuo sempre doente, macacoa sobre macacoa! – o que não é loucamente divertido e é muito dispendioso, *loucamente* dispendioso... Começo a estar numa *affreuse débîne*³¹⁴ – Isto não significa palavra vã e juntamente com infindáveis pedidos que me têm feito ultimamente para ficar com bilhetes de benefícios, rifas, etc., etc, obriga-me, cheia de pena aliás, a recusar o meu concurso para esse teatro novo que tanto a interessa. Desculpe – não fique zangada comigo, mas a verdade é que agora não posso – Talvez em ano de menos doenças e menos benefícios me seja possível fazê-lo, caso o teatro vá de vento em popa como sinceramente desejo.

Devido aos variados males ainda me demoro em Lisboa e gostaria de vê-la.

Não venha sem telefonar.

Saudades para ambos
da sua amiga e
admiradora,

Luísa

³¹³ Papel timbrado: “Avenida Palace Hotel, Lisboa”.

³¹⁴ Queixosa impenitente.

Sabe que a francesa nem com uma palavra de elementar polidez agradeceu os meus livros? Que pena tenho de lhos haver mandado.

Carta n.º 67

[Funchal], 15 de novembro [sem ano]

Querida Fernanda,

Desta vez demorei um pouco mais do que costumo a responder à sua carta. A minha saúde sempre tão má ainda quis piorar. Sobretudo tenho tido a cabeça fraquíssima, não podendo dizer o que quero... Um desastre! Se tiver pachorra diga-me que tratamento faz para sentir-se com mais gosto – facilidade para o trabalho. Ele é hoje quase que a minha única alegria neste triste estado a que cheguei. Se nem consigo falar, quanto mais escrever! Penso sempre no pobre Teixeira Gomes³¹⁵ que das 4 horas da tarde em diante *não tinha corda*. Como ele, coitado, se queixava! Mas eu agora já nem de manhã a tenho. Acordo e adormeço apatetada! Que triste que é o fim das coisas! Pior resultado da velhice e da doença! Há quem envelheça sem conhecer esta miséria. Eu tinha de conhecer tudo, para meu bem talvez, esse tudo ensina, purifica, quando é acompanhado pela injusta doença de sofrer, com docilidade e resignação, como Deus manda.

Entretanto esta disposição ajuda pouco, tratando-se de responder à encantadora carta de uma das minhas mais encantadoras amigas. E não é só para trabalhar, mas ainda mais para escrever-lhe que lhe peço o seu remédio.

³¹⁵ Trata-se de Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), que foi Presidente da República entre 1923 e 1925. Foi também escritor, sendo suas as obras *Cartas a Columbano*, *Novelas Eróticas*, *Miscelâneas*, *Maria Adelaide*, *Carnaval Literário*, a que se acrescenta a colaboração com diversos periódicos.

Passo à grande notícia. Não foi ela, asseguro-lhe, tão grande e tão sensacional, como julga. Por razões que longo e difícil seria explicar, eu já andava com a pedra no sapato. Depois, conheço, há tantos anos, a famosa D. Redonda, amiga diletta e divindade da maior devoção do António Ferro! Tenho tantas razões para saber que a ingratidão, a necessidade hipócrita – ela é, foi sempre, uma histórica, único motivo porque se pode e *deve* perdoar-lhe – de fazer mal, sobretudo a quem melhor lhe fez, juntamente com o excesso, o *paroxismo*, da vaidade e ambição, presidiram a todos os atos da sua vida! Como não havia de ser assim com o António Ferro, se o foi com o marido, com a filha – pobre pequena que enlouqueceu e morreu de desgosto! – com o pai, com o irmão a quem à força de sabujice aos da monarquia, conseguiu tirar o emprego, com toda a família, e até com o filho mais velho só há muito pouco tempo fez as pazes? Quer outro exemplo, fácil de constatar pois ela própria se incumbiu de fornecer a prova? Quando se deu o seu escandaloso divórcio, a Madame Bensaúde, morta há poucos anos foi a única pessoa que a defendeu, protegeu, recebeu na sua casa... Pagou-lhe em primeiro lugar, cortando as relações com ela e o mesmo fez ao Vasco Bensaúde³¹⁶ que tanto tem ajudado o filho e, para cúmulo de gratidão, escreveu aquela página do último livro, em que de tudo o que há pior acusa os judeus!!. Isto bastaria para defini-la. Ciente de tais factos, ser-me-ia impossível acreditar na dedicação da V. de C. pelo seu marido, mesmo que o António Ferro ainda uma vez levasse a fraqueza a ponto de contentar – desculpe-me se acrescento, *já não o faz pouco* – a extraordinária ganância dessa senhora.

Pena, só tenho do Salazar, que numa ocasião de tanto perigo e responsabilidade para o país, ainda se vê a braços com a perrice da amiga da D. Maluka que – cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém – foi bastante avisada, para cultivar igualmente as boas graças da virtuosa D. Prudência³¹⁷ – julgo ser este o nome da mãe adotiva do

³¹⁶ Vasco Elias Bensaúde (1896-1967), importante empresário açoriano, de origem judaica.

³¹⁷ D. Prudência Serras e Silva, casada com o professor de medicina na Universidade de Coimbra João Serras e Silva. Muito próxima, em Coimbra, do Professor

Presidente. Lamento que ambos eles, *pour savoir mieux à quoi s'en tenir*³¹⁸, não leiam as obras da dita notabilidade, primeira escritora deste mundo e do outro, anteriormente ao seu ingresso, na mais púdica, incorruptível, religiosa “Situação”.

Porém, se não atenderem as suas... justas reclamações, passando-lhe para as mãos o conteúdo de todos os cofres do estado, *passarão* elas, sem a mínima dificuldade, – tem há muito o hábito – para outro partido. O integralista deve estar às ordens, com o genial João Ameal³¹⁹ – (até faz verso) a abrir-lhe as portas. E o que tenho eu com tudo isso? Nada, graças a Deus. Nem sei porque perdi tanto tempo e papel, aliás saúde e que no fundo me é completamente indiferente... Apenas desejo do coração, pode crer, que daí lhe não venha coisa alguma desagradável.

Sim, estimei muito saber, que está escrevendo um romance, a Teresa disse-me maravilhas dos capítulos que ouviu ler. Na minha última carta, contava-lhe, mas nada me admira que não entendesse, as minhas garatujas pioram todos os dias, que no mesmo assunto, comecei também há tempos, um livro, o último decerto... se chegar ao fim *Memórias infantis*³²⁰. Pouco interessarão, numa época em que as crianças são tão diferentes do que eu fui, mas dá-me tanto prazer lembrar-me desse longínquo, quase inverosímil tempo! A Fernanda, que podia ser minha filha, está muito mais perto do presente e será lida com bem maior prazer. Eu hei de adorá-la. Quem me dera que me mandasse alguma coisa do que já fez.

Oliveira Salazar e do Cardeal Cerejeira, recebendo-os na sua casa e, segundo o que se dizia, teria sido ela a ajudar Salazar no que tocava aos hábitos sociais da classe mais alta. Era conhecida por ser muito influente nos meios católicos e tinha grande ascendência sobre o Cardeal. Em 1929, foi distinguida como Comendadora. Tratava Salazar por “filho” e antes de morrer escreveu-lhe uma carta dirigindo-se-lhe dessa forma para lhe pedir que o genro José Soares da Fonseca fosse feito ministro, tendo-lhe sido satisfeita a vontade, já que este foi nomeado 1.º ministro das Corporações e Previdência em 1950.

³¹⁸ ...para melhor saberem com o que contar...

³¹⁹ João Francisco de Barbosa Azevedo de Sande Aires de Campos (1902-1982), que usava João Ameal como pseudónimo literário, foi um político, homem de letras e historiador português, ideologicamente um monárquico tradicionalista.

³²⁰ Refere-se a *Dias que Já Lá Vão* (1946).

Prometo, como sempre, a minha opinião franca e leal. Quando por qualquer razão ou quem sabe se sem razão? – não gosto, nada digo. Creia que não conheço em Portugal quem tenha o seu *charme* a escrever e *charme*, não ignora decerto, passa antes de tudo. Pedi à nossa grande amiga Teresa – a maior e melhor que ambas temos – para lhe ler um capítulo dos meus *Dias que já lá Vão*. Gostarei de saber depois como o achou. “Saudades de um jardim” também faz parte do dito alfarrábio, embora já alguém me dissesse que é das piores coisas que tenho escrito... Não o renego porém, por tudo que me lembra e porque a pessoa em questão não me inspira confiança por aí além... que aliás, não quer dizer que me contente, nada do que escrevo me contenta, quem me dera ter feito o *Destino Humilde*³²¹. Eis um maravilhoso livro! E que honesta, simpática, justa, espiritual me pareceu a sua autora, num retrato que dela trouxe o jornal *Nação!* Mas a propósito de escritoras ao meu gosto (que não é fácil, bem sabe) diga-me o que foi feito de Claude Silve. Tem escrito alguma coisa? Aqui é o desgosto, a selvajaria. Só leio... *o que já li* ou o que me manda a Teresa. A si já lhe pedi uns livrinhos mas, nunca me faz essa *esmola* para restituir, bem entendido. Terá por acaso *Memórias* de Madame Maritain³²²? Creio que só o primeiro volume está publicado e chama-se *Les grandes amitiès*... Tinha o maior desejo de lê-lo mas inutilmente o tenho encomendado a várias livrarias. Nenhuma o mandou. Também pergunto se mo empresta (caso o tenha). *Gaspard*³²³ de René Benjamin, hoje o meu escritor preferido. Dele já conheço e tenho o *Printemps Tragique*³²⁴ e o

³²¹ Livro de Raquel Bastos, publicado em 1942.

³²² Trata-se de Raissa Oumansoff (1883-1960) nascida em Mariupol, na atual Ucrânia, onde foi educada na fé judaica. A família instalou-se, depois em Paris e a jovem Raissa, afastando-se do judaísmo, atravessou um período de ateísmo, antes de se ter, finalmente, convertido ao catolicismo. Casada com o filósofo Jacques Maritain (1882-1973), escreveu dois volumes de *Memórias*, intitulado-se o primeiro *We have been friends together*, e o segundo *Adventures in Grace*, tendo sido publicados ao mesmo tempo em 1941.

³²³ Obra de 1915, de René Benjamin, sobre a vida de um soldado francês durante a primeira Guerra Mundial que valeu ao autor a atribuição do prémio Goncourt.

³²⁴ Obra de René Benjamin que se debruça sobre a derrota do exército francês em 1939/1940, e a fuga dos civis que ela implicou.

livro sobre Pétain, outro sobre o Guitry³²⁵. Tudo mais seria bem vindo. Adeus. Abraço, L.

Carta n.º 68³²⁶

19 de dezembro

Querida Maria Fernanda

Não sei se receberia o postal que daqui lhe escrevi logo à chegada pois nunca deu sinal de vida a esta sua amiga, sempre a mesma e que agora vem desejar-lhe um Natal com muita alegria. Muita paz e muita saúde – parece-me que são as coisas melhores da terra – E que tudo isso se prolongue num *crescendo*, *crescendo* pelo novo ano fora. O que será feito de si? Nem sequer sei se está em Lisboa!

Eu quieta e feliz nesta linda montanha donde bem poucas vezes desço à cidade. Tenho tudo de que mais gosto: silêncio, árvores, flores e agora um perfume de violetas que invadiu todo o Monte, fazendo a

³²⁵ Obra de René Benjamin sobre o ator de teatro Sacha Guitry (1885-1957).

³²⁶ Papel timbrado “Grand Hotel Belmonte, Funchal Madeira, C.F.M. Mount Railway”. O Belmonte era um dos dois famosos hotéis do Monte, sendo o outro o Monte Palace Hotel. Em 1798, o Cônsul Charles Murray vende as suas quintas do Monte ao Coronel Luís Vicente de Carvalho Esmeraldo. A propriedade, designada como Quinta do Bello Monte, foi residência de verão de governadores e bispos da Madeira ainda nos finais do século XVIII e recebeu, nos inícios do século XIX, em 1817, a futura imperatriz do Brasil, a arquiduquesa Leopoldina da Áustria. Em 1896, na posse de Hilário da Silva Nunes, começa a funcionar como hotel. Em 1920, a unidade hoteleira foi vendida à Companhia de Caminhos-de-Ferro do Monte. A inauguração do Grande Hotel Bello Monte dá-se em 1926. Com a extinção daquela Companhia, o edifício, mantendo a sua traça, foi adaptado a instituição de ensino em 1958, sendo hoje o Colégio do Infante D. Henrique, pertença dos Sacerdotes italianos do Sagrado Coração de Jesus (Padres Dehonianos).

deliciosa festa do meu nariz... Não tenciono metê-lo nas outras festas que se preparam para o fim do ano, contando-se que atraíam muitos estrangeiros – Vêm bastantes jornalistas – *on dit*³²⁷ – quem sabe se vocês serão desse número? Escreva-me, querida Maria Fernanda, diga-me o que tem feito, o que tem lido, que lindos versos prepara para meu maior prazer.

Saudades ao António Ferro. Um abraço muito amigo para si,

Luísa

Carta n.º 69

Funchal, Rua da Carreira, n.º 904, 22 de novembro

Minha Querida Maria Fernanda

Não sei por que estranho capricho do correio só ontem me chegou às mãos a sua carta de sete. Pedem-me uma resposta breve que já não poderá ser muito breve pela demora que tive em recebê-la, mas sempre venho dizer-lhe que é verdade eu tencionar partir por estes dias para Lisboa, onde espero não ter de passar o inverno – sabe que abomino Lisboa... – mas o tempo preciso para ver o meu médico dos olhos – têm andado péssimos e tratar dos dentes. Já mesmo lá estaria se vários negócios não me tivessem prendido no Funchal. Muito mais do que calculava e... desejava.

Agora está tudo quase pronto e salvo quaisquer circunstâncias extraordinárias, muito brevemente aí chegarei –

Não nos encontraremos pois na minha ilha e sobre a vinda aqui, nem sei o que lhes diga – a Madeira está chocha e triste, sem coragem e sem dinheiro. Os desastres financeiros têm-se sucedido, todos piores uns do que os outros. Por isso a ocasião não me parece das mais

³²⁷ Diz-se.

propícias para quem deseje fazer não só uma conferência, mas também um bom lucro. Sucesso terão, certamente. O resto?! —...

Pela minha parte desejo-lhe tudo o que possam desejar e com mil saudades para o seu marido, creia-me

amiga sincera e grande
admiradora

Luísa

P.S.: Espero que a sua comédia³²⁸ seja um triunfo, *n'en déplaie*³²⁹ a todos os Tomázinhos.

Carta n.º 70³³⁰

Bussaco, Palace Hotel

Queridas Maria Fernanda e Teresa³³¹,

Escrevo a ambas a mesma carta porque não tenho hoje tempo para mais nem sei a direção da Teresa. É só para agradecer-lhes terem-me dado o prazer de vê-las mais uma vez.

Cheguei bem e comigo, frescos e lindos ainda, os cravos vermelhos. Como pôde pensar, Maria Fernanda, que eu os deitaria fora, logo que

³²⁸ Provavelmente refere-se a *Nova Escola de Maridos*, de Fernanda de Castro, de 1930, e levado ao palco no Teatro Trindade, em 1931, pela Companhia de Lucília Simões. Sendo este o caso, esta carta data provavelmente de 1931 ou mesmo de 1930, dado que se trata de novembro e estaria próxima a sua próxima representação.

³²⁹ Sem ofensa.

³³⁰ Papel timbrado “LG”.

³³¹ Teresa Leitão de Barros.

passasse o túnel?! Nunca deito fora flores. Gosto delas como se fossem *gente*, ou por outra *muito mais* – Há gente de que não gosto nada!

O Bussaco está delicioso –

Há fresco, há paz, uma bendita solidão, pássaros, sombras, perfumes, a melancólica voz das rolas... Tudo o que promete o Paraíso – *sem ver gente*.

Venham depressa. A pantera deve deixar em Lisboa, nos Caetanos, os seus instintos sanguinários... De resto cá estou para defender a Teresa.

Tive uma carta da autora do *Tio Gustavo*³³², parece encantada com o artigo do *Domingo Ilustrado*³³³. Tragam muitas coisas para ler. Poetisa, encontrará larga inspiração nesta floresta profunda, *bois dormant*³³⁴ – como aquele que habitava a enfeitada princesa. Adeus ou antes *au revoir*. Amiga e admiradora, muito admiradora de ambas,

Luísa

Carta n.º 71³³⁵

Sábado

Querida Fernanda, querida poetisa, que longe de ser como tantas outras, como quase todas as que vivem no aquém da sua distante, inacessível Torre de Marfim, sabe descer cá baixo, à Terra onde se sofre e chora, para acolher e consolar a miséria... Aí vai a mãe das criancinhas

³³² Livro de Laura Veridiana de Castro, publicado com o pseudónimo Maria Francisca Tereza, em 1925.

³³³ Teresa Leitão de Barros colaborou com o *Domingo Ilustrado* de 1925 a 1927.

³³⁴ Bosque adormecido. A história da Bela Adormecida em francês é *La Belle au Bois Dormant*.

³³⁵ Papel timbrado “Avenida Palace Hotel, Lisbonne”.

de que lhe falei. Ela pedirá para si todos os bens da vida e eu agradeço-lhe com todo o meu coração,

Luísa

Carta n.º 72

Ilha da Madeira, Monte – Hotel Belmonte

Querida Maria Fernanda,

Estou tão envergonhada comigo que nem sei por onde comece nem como acabe... as desculpas. Mas a verdade é que... de culpas não ando tão carregada como parece. Tenho sofrido constantemente de terríveis nevrálgias dos olhos que se agravam mal os aplico! Um pouco melhor hoje, venho agradecer a sua longa e tão interessante carta, o seu desejo de ter-me consigo durante esses dias de festa inteligente – muito deve a nossa terra ao António Ferro e como eu o admiro cada dia mais! Diga-lhe isto da minha parte e dê-lhe mil saudades. Já há muitos dias mandei o artigo que ele em tempos me pediu para a *Ilustração*, juntamente com lindíssimas fotografias deste lindíssimo hotel, um hotel conto de fadas! Como foi a Laura de Castro que o entregou na sua casa espero que o tivessem recebido, mas depois disso chegou cá uma notícia – falsa – talvez – de que o António já não dirigia a *Ilustração*. Nesse caso, querendo ele o artigo poderá ser publicado no *Diário de Notícias*. Isto porque, *só para ser agradável* ao António Ferro, eu o mandei e até *com sacrifício*, devido aos meus péssimos olhos, o escrevi –

Creio que já estarão de todo em Lisboa. O Alfacinha tem sempre pressa de voltar à cidade! Eu não sou nada alfacinha. Nada cidadina também. Adoro o outono no campo – por isso vou ficando, algumas vezes única hóspede deste hotel! No princípio de novembro passarei

algumas semanas no Funchal e depois, querendo Deus, irei até Lisboa matar saudades das manhãs luminosas e dos meus amigos.

Espero que tenha lindos versos para dizer-me –

Como estão os seus pequenos? Dê notícias de todos. Desculpe o laconismo – creia na minha sincera amizade,

Luísa

CARTAS DE LUZIA PARA ANTÓNIO FERRO

Carta n.º 1¹

Savoy Hotel, 5 de abril de 1931

Meu caro António Ferro,

O portador desta é o meu querido amigo Feliciano Soares. Como disse na minha última carta à Maria Fernanda, tenho o maior desejo de que se possam encontrar antes da sua partida para esta ilha – se é que ela se realiza, estamos em plena insubordinação militar², não sei como nem quando acabará, mas enfim se o António Ferro, devido a esse fogacho revolucionário, não vier no dia 9, virá mais tarde. O Soares ofereceu-se, com a *melhor vontade*, para pô-lo ao facto de tudo o que há a fazer. Ele conhece perfeitamente a Madeira, onde tem muitos amigos e bastante influência. Creio pois que o António Ferro gostará de conhecê-lo e encontrará nele o melhor auxílio.

Pela minha parte sabe como sou sua amiga e sua admiradora por isso não duvida certamente do meu empenho em que a Madeira o receba como merece ser recebido – sei que os seus colegas jornalistas estão muito entusiasmados com a sua vinda e preparam-lhe uma brilhante recepção.

Que pena se a tal *bavarda* democrática arma em desmancha prazeres! Peço-lhe que diga à Maria Fernanda (de resto será ela a leitora desta

¹ Papel **timbrado** “LG”.

² Referência à chamada Revolta da Madeira, uma insubordinação militar contra o governo central, que teve início a 4 de abril de 1931 e se estendeu até 2 de maio.

carta visto que o António Ferro não entende patavina do que eu escrevo e com muita razão, aliás, não se escreve pior!) que adorei o que ela *pensou* pois do meu pobre livrinho³.

Aproveito esta ocasião para lhe recomendar com o mais vivo, o *maior* empenho, o Feliciano Soares, que, como eu já lhe tinha dito em Lisboa, deseja muito arranjar qualquer coisa no novo jornal (não podendo ser no *Diário de Notícias*). Creia que se puder e se quiser servi-lo, far-me-á um *grande* favor que desde já muito e muito lhe agradeço –

Até breve espero... se os senhores deportados *en train*⁴ de deportarem... derem licença.

Mil saudades para ambos e para si a certeza da minha sincera amizade

Luísa Grande

Carta n.º 2

Funchal – Ilha da Madeira,
Quinta Nogueira, 28 de setembro de 1933

Querido Amigo,

Se se morresse de vergonha já eu não estava viva há muito tempo... E o caso é para isso... mandou-me com uma tão amável, aliás imerecida dedicatória, o seu *Salazar*⁵, o seu *grande* livro e só hoje venho agradecer-lhe!

Desculpe, peço-lhe.

³ A autora deve estar a referir-se a *Cartas de uma Vagabunda*, única obra publicada, sem data, entre *Cartas do Campo e da Cidade*, com data de 1923, e *Sobre a Vida ... e sobre a Morte: Máximas e Reflexões*, que saiu em 1931.

⁴ Presentemente.

⁵ Obra de António Ferro que abarca cinco entrevistas concedidas ao autor pelo Presidente do Conselho de Ministros em novembro/dezembro de 1932.

Uma desoladora e teimosíssima falta de saúde tem-me tirado as forças para tudo, não só para as coisas que sempre se fazem com sacrifício, mas até para as outras que representam muito mais do que obrigação, devoção...

Eis o motivo do meu silêncio apesar do imenso interesse com que li o seu admirável trabalho e do entusiasmo que ele me inspirou, a *mim* que já tão poucas vezes me entusiasmo!

Tarde e a más horas, aí vai um *bravo!* de todo o coração – deixe-me acrescentar que, por ser tão sua amiga, ainda mais gostei que esse livro fosse feito por si .

Mil saudades à Maria Fernanda a quem breve escrevo e creia-me muito afeiçoada e grande admiradora.

Luísa Grande

Carta n.º 3⁶

29 de outubro de 1935

Meu caro António Ferro,

Por intermédio da Teresa L. de Barros, mandei, há já bastante tempo, para o *Bandarra*⁷, um capítulo do livro que tenciono publicar brevemente.

Escolhi esse jornal, por me lembrar que antes mesmo da sua aparição, você me pediu para nele colaborar e, o ano passado, encontrando

⁶ Papel timbrado “Avenida Palace Hotel, Lisboa”.

⁷ O *Bandarra* foi um “semanário da vida portuguesa” cujo primeiro número foi publicado a 18 de março de 1935, embora já desde 30 de junho de 1934 existisse uma publicação com esse nome, sub intitulada “semanário literário”, da qual António Ferro era proprietário e diretor.

em casa da Marta Aires⁸ o João Ameal, ele me fez o mesmo pedido. Mas certamente o capítulo não mereceu as boas graças de V. Ex.cia, pois os números do *Bandarra* sucedem-se, sem que ele apareça. Acho que está perfeitamente no seu direito, e eu também no meu, de pedir-lhe o favor de mo devolverem, com a possível brevidade. Sei que tanto o *Fradique*⁹, como o *Diabo*¹⁰ o aceitarão sem dificuldade.

Desculpe esta maçada. Mil saudades à Maria Fernanda e para si, com a minha inalterável amizade e admiração

Luísa Grande

P.S.: O António Ferro não estava em Lisboa, quando a minha pessoa entrou no... jazigo do *Bandarra*, por isso talvez lhe pareça injusto que a si me dirija para pedir a sua restituição, mas faço-o devido a ter consigo mais intimidade. E... *Sans rancune*¹¹.

⁸ Deve tratar-se de Marta Vaz de Carvalho Ayres de Magalhães (n. 1789), também conhecida por Marta Aires de Magalhães Vaz de Carvalho, sobrinha de Maria Amália Vaz de Carvalho, filha da sua irmã Maria do Carmo e de Crisóstovão Aires de Magalhães Sepúlveda (1853-1930).

⁹ O *Fradique* foi um periódico de cariz conservador publicado pela primeira vez a 8 de fevereiro de 1934 e encerrado dois anos depois.

¹⁰ O *Diabo* foi um semanário político e literário que iniciou a publicação em 1934 e fechado em 1940 pela censura.

¹¹ Sem ressentimentos.

TEXTOS DE FERNANDA DE CASTRO
E DE TERESA LEITÃO DE BARROS
INCLUÍDOS EM *DIAS QUE JÁ LÁ VÃO*¹

Algumas palavras sobre Luzia

De Fernanda de Castro

Pode a razão dizer-me: «Luísa Grande morreu» que o coração não acredita. A morte é o desaparecimento total, e, para mim, a morte de Luísa Grande é apenas ausência. Vivia na Madeira desde o princípio da guerra – e as suas cartas traziam-me regularmente notícias do seu corpo martirizado, da sua alma inquieta, sensível, nostálgica. Tinha a verdadeira angústia da morte, e, embora às vezes a desejasse por excesso de sofrimento, nunca ninguém me deu uma sensação de maior, mais profundo, mais violento amor à vida. Falava das coisas da Natureza – do céu, da cor de um crepúsculo, da chuva a bater nas vidraças, das pétalas molhadas de uma violeta... com uma compreensão que só encontrei em Katherine Mansfield – com quem, aliás, tinha parecenças de irmã.

Há pessoas que não deveriam nunca morrer, porque fazem falta à Vida – e Luísa Grande faz-lhe falta, uma grande, imensa falta. Quem há de agora falar, por exemplo, do mistério das flores por abrir, dos

¹ Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.

pássaros por nascer, da água de rocha, fina como um diamante, das árvores pesadas de folhas e de nevoeiro, da penugem cor-de-rosa do amanhecer? Não! Luísa Grande não morreu, Luísa Grande fez mais uma vez as malas e mais uma vez partiu. Para onde? Para um país secreto, misterioso, que é a pátria das almas, e onde um dia, levada pela mesma corrente impetuosa dos Tempos e da Morte, irei procurá-la para matar esta grande, dolorosa saudade e mais uma vez, com ela, falar da Vida, amar a Vida, glorificar a Vida.

Dezembro de 1945.

De Teresa Leitão de Barros

Luísa Grande, a escritora que adotou o incolor pseudónimo de «Luzia», entregou a Deus, há poucos dias, a sua linda alma. Gostaria de poder dizer, como certa personagem do último plano numa página de Eça, ela morreu tão quietamente «como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia». Deus seja louvado por outras graças com que prodigamente a contemplou – a primeira das quais foi o seu radioso poder de captar ternura e dedicações – mas não pela de lhe ter dado um fim suave, fácil. Pode dizer-se que, durante anos – estes últimos anos da guerra que devastou, moral e materialmente, a sua bem-amada França – ela aguardou a morte todos os dias, estoicamente, cristamente rezando uma trágica epopeia de martírio. A notícia da sua morte era há muito esperada por quem vinha recebendo, em cartas que nem conseguia sequer assinar e apenas ditava penosamente, as últimas centelhas do seu deslumbrante fulgor intelectual.

Luísa Grande deixou uma obra vasta, que o Tempo só valorizará, acrescentando-lhe o mérito de precioso documentário sobre o ambiente social português nas primeiras décadas do século. Nessa obra reflete-se o espírito superior e encantador de uma mulher que pegou na pena desenfastiadamente, como poderia pegar um lençinho para discretamente enxugar uma lágrima, ou num leque, para ocultar um sorriso.

Embora tivesse a maior consideração pelas mulheres que vivem da pena – Maria Amália Vaz de Carvalho era, como amiga e como escritora, uma das suas mais constantes saudades – «Luzia» detestava que lhe chamassem «mulher de letras» só porque sabia bem quanto as suas páginas estavam longe de qualquer intenção literária. É possível que esta afirmação pareça um pouco desmentida pela abundância de citações e de reminiscências de leituras que não será difícil encontrar nos seus livros, mas quem a conheceu intimamente pode garantir que ela não colecionou frases de autores preferidos para «encaixar» a propósito, e antes foi uma leitora incansável, entusiasta, ideal, jamais esquecida de palavras que lhe chegassem ao coração.

Nestas linhas apressadas não ambiciono, sequer, traçar um rápido perfil da grande escritora, de quem, presentemente, só posso lembrar-me como grande amiga. Foco apenas o cunho inadvertidamente literário da obra de «Luzia», por me parecer que talvez nele se encontre o segredo da forte corrente de simpatia que logo prende o mais desprevenido leitor à sedução da sua prosa, onde a leveza, a graciosidade, o poder comunicativo, a emoção discreta, a espontaneidade, a penetração psicológica, a franca exteriorização de opiniões muito pessoais, o jeito de contar sem delongas nem precipitações, se conjugam num todo admiravelmente harmónico e deliciosamente saboroso.

Houve quem procurasse imitá-la, olhando-a apenas como pintora de graciosos ridículos e futilidades. Falhanço completo, porque «Luzia» foi muito mais do que a cronista brilhante da elegantíssima sociedade em que, por direito de nascimento, sempre teve franca entrada. A sua alma, profundamente compreensiva e compassiva, impunha ao seu espírito, naturalmente satírico, um sentido de «measure» que não é fácil possuir ou imitar, e que envolve, numa tonalidade doce, tinta de vaga melancolia e de irreprimível benevolência, as suas páginas aparentemente mais leves e despreocupadas.

Graças a essas páginas e, de um modo geral, a quantas subscreveu, «Luzia» não morrerá enquanto houver sensibilidades acessíveis à magia do seu misterioso encanto literário.

Quanto a Luísa, à nossa querida Luísa Grande, que acolhia com igual efusão as suas amigas mais «snobs» e as suas mais tímidas admiradoras, que era tão estimada por quase todas as escritoras portuguesas –

Albertina Paraíso, Fernanda de Castro, Cândida Aires de Magalhães, Virgínia Vitorino, Oliva Guerra, Maria de Carvalho, Laura Chaves de certo não lhe negaram, agora, uma bem sentida lágrima de saudade – essa também não morrerá enquanto houver quem lembre a sua apaziguante e suavíssima presença, tão impregnada de doçura e distinção, com o poder de afastar para muito longe as preocupações dos inquietos e alvoroçados, que procuravam o seu convívio como poderiam esmolar um pouco de resignação e de paz.

Dezembro de 1945.

ÍNDICE DE REFERÊNCIA A LUGARES

Indicam-se os números das cartas para uma mais fácil identificação. Para as Cartas a António Ferro usa-se C.A.F..

Alemanha, 18, 29, 38

Avenida Palace Hotel, 1, 15, 23, 35, 47, 50, 53, 59, 65-66, 71, C.A.F. 3.

Bagatelle, 13

Basses-Pyrénés, 3

Bois de Boulogne, 13

Brasil, 30, 32, 35-37, 39-40, 43

Bucareste, 35

Bussaco, 70

Cacilhas, 52, 54

Cascais, 8, 33-34, 40, 42, 47, 57

Celtic Hotel, 12, 13, 14

Colónia, 38

Etablissements Thermaux de Saint Christau, 3

França, 2, 4, 13-14, 21, 28-29, 31, 35, 38, 41, 43-46, 48, 54, 61, 64-64

Funchal, 1, 5-7, 9, 11, 13, 16-17, 19, 21-69, 71, C.A.F. 2.

Golden Gate, 5

Grand Hotel Belmonte, 68, 72

Hameau, 3, 4

Hotel Gassion, 2

Hotel Thermal Royal, 8, 12-13

Ilha da Madeira, 1, 5-6, 9-10, 13, 19-20, 22-23, 25, 27-28, 31-33, 35, 39, 45, 47, 52, 67-68, 71, C.A.F. 1-2.

Inglaterra, 18, 28, 38

Lactário do Funchal, 7

Lisboa, 1-2, 4-9, 11-18, 20-25, 28-30, 32, 34-38, 41-44, 47, 49-50, 60-61, 63-66,
68-70, 72, C.A.F. 1-3.

Londres, 17

Lurbe-Saint-Christau, 2

Malmaison, 13

Monte Palace Hotel, 18, 33

Monte, 19, 21, 33, 48-50, 68, 72

Paris, 12-15, 18, 20, 29-30, 38, 60

Pau, 2, 4-5

Pirinéus, 3, 9, 27

Puy de Dôme, 8

Quinta Carlos Alberto, 30-48, 50-51, 53-61

Quinta da Marinha, 41-42

Quinta das Tílias, 49

Quinta Nogueira, 1, 7, 9, 10-11, 16-17, 20-29, C.A.F. 2.

Rua da Carreira, n.º 904, 69

Rússia, 35

Savoy Hotel, 5-6, C.A.F. 2.

Sintra, 1, 19

Vale de Lobos, 1, 13

York House Hotel, 6

ÍNDICE DE NOMES

- Adolf Hitler, 13-14, 18-22, 28-29, 40, 44, 50
- Agostinho de Campos, 32, 38, 43, 45
- Aires de Ornelas Vasconcelos, 5
- Alberto Henriques de Araújo, 6
- Alfred Duff Cooper, 14
- Alfredo Ferreira Cortez, 28
- Álvaro Favila Vieira, 18
- André Malraux, 16
- André Maurois (Emile Salomon Wilhelm Herzog), 4
- António Cândido Vieira da Costa, 42
- António Eça de Queiroz, 38
- António Joaquim Tavares Ferro 5-10, 14, 20, 24, 27, 32-34, 36, 38-39, 41-42, 47-49, 67-68, 72, C.A.F. 1-3
- António de Oliveira Salazar, 13-14, 18, 20, 22-24, 26, 28-30, 37, 42-43, 45-46, 65, 67, C.A.F 2
- Auguste-Maurice Barrès, 3
- Augusto de Castro Sampaio Corte-Real, 21
- Benito Mussolini, 13-14, 20
- Blaise Pascal, 24
- Boris Grigoryevich Chukhnovsky, 3
- Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos, 33
- Carlota Turner, 20
- Charles Plisnier, 10
- Charlotte Brontë, 23
- Clarinha ou Carlota Serpa Pinto, 10, 14, 30, 39-40
- Claude Anet ou Jean Shopfer, 7

- Claude Aragonnès ou Marguerite Teilhard-Chambon et de Aragonnès, 13
- Claude Silve, Philomène Marie Charlotte Gaudérique Felicité Gislaine de Lévis-Mirepoix ou Condessa Jules de la Forest Divonne, 15, 25, 29, 67
- Condessa de Noailles ou Anne Claude Louise d'Arpajon, 7, 30
- Condessa de Ségur ou Sophie Rostopchine, 9, 39, 41
- Cristóvão Aires de Magalhães, 6
- D. H. Lawrence, 54
- D. Prudência Serras e Silva, 67
- Édmond Rostand, 14
- Édouard Daladier, 14
- Eduardo Coelho, 10
- Emily Brontë, 23
- Érico Veríssimo, 53
- Eugénie de Guérin, 46
- Fannie Hurst, 22
- Feliciano Soares, 5-6, C.A.F. 1
- Fernão de Ornelas, 34, 46
- Francis Wiener de Croisset ou Edgar Franz Wiener, 9
- Gabrielle Réval ou Gabrielle Élise Victoire Logerot, 10
- General Walter Bedell "Beetle" Smith, 54
- Genoveva de Lima Mayer Ulrich ou Veva de Lima 2, 31, 37, 42, 45, 52
- Georges Bernanos, 13
- Gerard d'Houville ou Marie-Louise-Antoinette de Régnier, 3
- Gottfried August Bürger, 31
- Guy Mazeline, 16
- Gyp ou Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau, 44
- Harry Carvelerie Hinton, 23
- Henri Philippe Benoni Omer Pétain, Philippe Pétain ou Marechal Pétain, 29, 35, 38, 67
- Hippolyte Taine, 10
- Hirohito ou Imperador do Japão, 40
- Ilda Stichini, 11
- Irene do Céu Vieira Lisboa, 42
- Jacques Anatole François Thibault, 28, 65

- Jean Pierre Clément Marie, 14
- Jérôme e Jean Tharaud, 42
- Joana d'Arc, 29
- João Bianchi, 20
- João de Deus Nogueira Ramos, 19
- João Francisco de Barbosa Azevedo de Sande Aires de Campos ou João Ameal, 67,
C.A.F 3
- João Gaspar Simões, 42
- Johan Borgen, 24
- John Keats, 10
- Josef Stalin ou Estaline, 38, 40, 45, 50
- Joseph Joubert, 59
- Joseph Kessel, 3
- Jules Romains ou Louis Farigoule, 19
- Jules-Amedée Barbey d'Aurevilly, 46
- Júlio Dantas, 28, 43
- Katherine Mansfield, 51, 54
- Laura Veridiana de Castro Almeida, 13
- Luís Forjaz Trigueiros, 29, 48
- Luís Lopes Vieira de Castro, 22-23
- Manuel Teixeira Gomes, 67
- Margaret Michell, 29
- Maria Amélia Teixeira, 22
- Maria Archer, 45
- Maria Franco, 47
- Maria Luísa Pinto Barreiros, 60
- Maria Luísa Teixeira, 16
- Maria Marques de Carvalho Ferreira, 1
- Marie de Rabutin-Chantal ou Madame de Sévigné, 4
- Marie de Vichy-Champrond, 51
- Marie Françoise Thérèse Martin, Teresa de Lisieux ou Santa Teresinha do Menino
Jesus, 29
- Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, Condessa de La Fayette, 53

- Marta Vaz de Carvalho Ayres de Magalhães ou Marta Aires de Magalhães Vaz de Carvalho, C.A.F 3
- Maurice de Guérin, 13
- Maurice Polidore Marie Bernard Maeterlinck, 10, 21-22
- Maxime Weygant, 35
- Morais Cardoso, 8
- Octave Aubry, 15
- Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, 19
- Paul Mourand, 4
- Paul Verlaine, 8
- Pearl Sydenstricker Buck, 16
- Raissa Oumansoff, 67
- Raquel Bastos, 39, 67
- René Benjamin, 7, 38, 67
- Ricardo Nascimento Jardim, 43
- Richard Llewellyn, 48
- Roger Martin du Gard, 27-28
- Sara Churchill, Duquesa de Marlborough, 33
- Sara de Vasconcelos Carvalho Beirão, 27
- Serguei Khudedov, 42
- Sidonie-Gabrielle Colette 15, 64-65, 69
- Sigrid Undset 9
- Sir Neville Chamberlain, 19, 24, 28
- Sofia Adelaide da Cunha Guerra Baerlein Castelo Branco, 21, 27
- Stephen Zweig, 16, 23, 25
- Teresa Emília Marques Leitão de Barros, 1-2, 16, 70-71
- Thomas Corneille, 42
- Valery Larbaud, 24, 31
- Vasco Elias Bensaúde, 67
- Virgínia de Castro e Almeida, 13, 31
- Virgínia de Sousa Vitorino, 39
- Vítor Emanuel II, 14
- Vítor Emanuel III, 28
- Winston Churchill, 29, 40, 50

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

Rua Major João Luís de Moura, Famões Park

– ARMAZEM AB – 1685 - 650 Famões

TELEFONE | (+351) **21 931 74 99**

www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt

A maioria das cartas de Luísa para Maria Fernanda revela quase tanto da autora como da destinatária [...]. Quando Luísa da vida se libertou, Maria Fernanda tinha 44 anos, viveria ainda outros 50 sem nunca esquecer a amiga [...]. São suas estas palavras:

«Não, Luísa não morreu. Luísa Grande fez mais uma vez as malas e mais uma vez partiu. Para onde? Para um país secreto, misterioso, que é a pátria das almas, e onde um dia, levada pela mesma corrente impetuosa do tempo, irei procurá-la para matar esta grande, dolorosa saudade, e mais uma vez, com ela, falar da vida, amar a vida, glorificar a vida.»

Sim, eram diferentes, não muito, mas, sim, diferentes. Mas iguais em tudo o que no mais fundo de si mesmas as definia, a sensibilidade, a entrega, o lirismo e a capacidade de amar.

Mafalda Ferro,

FUNDAÇÃO ANTÓNIO QUADROS

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U **FLUL**
LISBOA FACULDADE
DE LETRAS

F **FUNDAÇÃO
ANTÓNIO QUADROS**
CULTURA E PENSAMENTO

Aberto pela Censura